FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SEGUNDA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 1958 ANO 38.º — NÚMERO 12 932

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O ministro da Marinha, dando a direita á esposa do Chefe do Estado, na sessão solene que precedeu o lançamento á água, em Paço de Arcos, de um novo salva-vidas. (Ler notícia na 3.ª página)

De Gaulle pretende

sarar a «ferida da rebelião» e solucionar o problema da Argélia com o seu plano económico-social

ARGEL, 8 — A quinta viagem do general de Gaulle á Argélia, que terminou ontem á tarde, constitui um passo muito importante na acção do Governo do outro lado do Mediterraneo. Os observadores retêm três ideias essenciais:

1 — O chefe do Governo afirmou, antes de partir de Argel, com muita mais certeza que no passado, a primazia do humano, isto é, as realidades económicas e sociais. Os recursos hidráulicos e energéticos inspeccionados pelo general de Gaulle, reforçaram-lhe a convicção de que uma melhoria rápida do nível de vida das massas muçulmanas contribuiria, sem duvida, tanto como a acção militar, para sarar a «ferida da rebelião». De Gaulle não abandonará o objectivo de uma solução política do problema argelino. A Argélia e o Sahara são, a partir de agora, dotados de representantes no Parlamento metropolitano, quaisquer que sejam as insufciências desta representação e o carácter incompleto do plano político que ela esboça. E' a confusão dos poderes militares a que se assistia desde 13 de Maio vai acabar em breve.

2 — Esta viagem vai, portanto, servir, essencialmente, para elaborar o programa económico e social enunciado pelo general de Gaulle em Outubro passado, em Constantina. Dois homens, um inspector das finanças e um diplomata, Paul Delouvrier, e o secretário-geral da Argélia, René Brouillet, vão represen-

(Continua na ultima página)

Cem dólares num cigarro

BELGRADO, 8.—A Polícia procura esclarecer o «mistério» do aparecimento de cigarros norte-americanos, que contêm notas de cem dólares, em vez de tabaco.

Um rapazito encontrou, num cinema de Kumanovom, na Macedónia, um maço com oito cigarros norte-americanos e entregou-os ao pai, o qual, quando ia acender um, verificou que uma nota de cem dólares não tem o mesmo sabor do tabaco...

As autoridades procuram descobrir quem foi que perdeu o maço de «cigarros», visto ser ilegal a circulação de notas de dólar norte-americanas na Jugoslávia. — (A. N. I.).

Os cientistas e os militares

divergem quanto à posição dos E. U. na competição russo-americana sobre engenhos interplanetários

WASHINGTON, 8.—Os Estados Unidos poderão lançar outro foguetão interplanetário capaz de circular a Lua sem aterrar na superfície do astro, dentro de cinco ou dez anos, «dependendo dos esforços que despenderem» nesse sentido — afirma o dr. Wernher von Braun, especialista principal dos serviços de foguetões do Exército, numa entrevista concedida á TV.

Salientou, porém, que os Estados Unidos devem alcançar velocidades mais altas nos seus foguetões, se quiserem ombrear com os Russos, neste campo. «Conseguimos construir engenhos que desenvolvem velocidades próximas da dos Russos, mas precisamos de maiores, ainda, para nos colocarmos a par dos seus progressos» — acentuou, reafirmando a sua posição anterior, segundo a qual os Estados Unidos necessitam de cinco anos de actividade para alcançarem o nível da astronáutica russa.

A União Soviética possui «certos mecanismos e materiais que os Estados Unidos ou desconhecem ou ainda não experimentaram — prosseguiu. — Há informações de que os Russos já têm e isso não é precisamente reconfortante».

Na sua opinião, o atraso norte-americano em relação á Russia deve-se principalmente á falta de actividade no campo do fabrico de projécteis teleguiados antes de 1951. «E' dificil determinar-se se será

(Continua na ultima página)

Desfilaram hoje em Lisboa 1.500 legionários

Com o desfile na Avenida da Liberdade, e uma missa na igreja de São Domingos, a Legião Portuguesa comemorou hoje o Dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira daquela organização.

Às 9 e 30, estava virtualmente terminada a concentração das forças ao cimo da Avenida Ocidental do Parque Eduardo VII.

Os legionários do comando distrital de Lisboa, devidamente armados e com capacetes de ferro, pertenciam aos batalhões n.os 1, 2, 3 e 4 e constituiram dois batalhões cada um, sob o comando dos srs. dr. Gois Mota e Somer Ribeiro.

O batalhão da Brigada Naval era comandado pelo sr. Luís Simões.

Entretanto, começaram a chegar ao monumento aos mortos da Grande Guerra, a fim de assistirem ao desfile, os srs. prof. eng.º André Navarro, presidente da Junta Central da L. P., com o seu ajudante, dr. Gualter Cardoso; brigadeiros Jorge Oom e dr. Paulo Rodrigues, vogais daquela Junta; general Cotta Morais e brigadeiro Augusto Freitas, comandante e 2.º comandante-geral da L. P.; major Pinto Soares, comandante distrital interino de Lisboa; tenentes-coroneis Luís da Cunha e João Tiroa, chefe e subchefe do Estado-Maior da L. P.; capitão-de-mar-e-guerra Valente de Araujo e capitão-de-fragata Vasconcelos Pinto, 2.º comandante e chefe do Estado-Maior da Brigada Naval; drs. Romão Duarte, Socrates da Costa e Pedro Franco, comissários nacionais adjuntos e director dos Serviços de Camaradagem da M. P.; comandantes e oficiais dos batalhões legionários da capital, etc.

Pouco depois das 10 horas, começou o desfile das forças. Depois de terem passado pela Praça do Marquês de Pombal, desceram a Avenida da Liberdade — lado ocidental — em direcção á Praça dos Restauradores e Rossio, de onde se dirigiram para o Largo de São Domingos, dando depois entrada na igreja daquela freguesia.

Abria o desfile, em que tomaram parte 1.500 homens, de grande uni-

(Continua na página central)

Soraya não voltará ao trono da Pérsia

A hipótese do nascimento de um herdeiro masculino na corte de Teherão, fizera surgir a perspectiva do regresso de Soraya ao trono. Mas a filha do xá deu á luz uma princezinha — a criança de cabelo negro e abundante que vemos aqui, no seu primeiro dia de vida, ao colo de uma enfermeira — e diminuiram assim, consideràvelmente, as probabilidades de Soraya voltar á Pérsia. Entretanto, a ex-imperatriz passeia pela Europa, não já com a melancólica resignação dos primeiros tempos da separação, mas com o sorriso aberto que um fotógrafo madrileno ainda há pouco fixou, quando dançou com o banqueiro espanhol Muñoz Cabrero, numa «boite» da capital do país vizinho.

O Congresso das Misericórdias

preconiza a reforma e coordenação dos Serviços de Assistência e do exercício profissional de médicos e enfermeiros

Terminou o IV Congresso das Misericórdias e não se pode dizer que não tenha sido proficuo o seu labor. Muitos dos problemas postos e das soluções postuladas tiveram a mais ampla divulgação e discussão, sendo verdadeiramente notáveis algumas das conclusões finais. Os nossos colegas da manhã divulgaram-nas textualmente. E o facto de as conclusões de os congressos não terem sempre, junto de quem manda, a percussão que seria de desejar, tudo faz crer que sendo aquelas de tamanho significado histórico no campo da assistência alguma coisa da sua essência virá a florir. As teses e comunicações foram tantas, para além do previsto, que se tornou impossivel situá-las no enquadramento das sessões. Esta circunstancia tornou mais dificil a elaboração das conclusões que francamente enveredaram pela solução das generalidades. Nem todas as conclusões, é evidente, servirão o verdadeiro espírito das instituições, como essa que se refere ao espírito da Misericórdia, inerente á «propagação de fé cristã», representando ideia e força basilar na expansão portuguesa no Mundo. Pelo contrário, o espírito político-civil socorreu-se aqui do espírito católico da época, utilizando ho-

(Continua na 13.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
24 páginas
oito das quais constituem o «Suplemento Desportivo» que não pode ser vendido separadamente.

Visado pela Comissão de Censura

Parece mais animador o ambiente em Genebra

para a discussão de planos sobre a proíbição de experiências atómicas

GENEBRA, 8.—Os técnicos britanicos, americanos e russos, que participam na conferência sobre as experiências nucleares e já concordaram na redacção do primeiro artigo de um tratado para a proibição daquelas experiências reunem-se esta tarde, em nova sessão.

Os peritos chegaram aquele acordo no sábado, após cinco semanas de conversações. Esse artigo declara que os três países se comprometem a proibir experiências nos seus territórios e a não participarem em semelhantes ensaios ou encorajá-los noutras partes — segundo revelaram fontes afectas á Conferência.

(Continua na ultima página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

QUATRO VIDAS SALVAS

AMANHECIA. O sol, já arraiado, dava na proa do pequeno barco, o «Carlos José», que demandava o porto da Figueira da Foz, com a modesta carga de 500 cabazes de chicharro. Um tesouro para o seu dono. Iam a bordo quatro homens, voltados para o sol nascente. A carne do mar, cor-de-rosa e azul, subito entumesceu, ondas bravas altearam-se e a embarcação, sacudida com furia, voou na crista da vaga e brutalmente foi encalhar num morro de areia, que emergia á flor de água. O panico jorrou dentro dos homens. Vozes de comando, alvoroto e desespero! A casa das máquinas, inundada, já não deixava o barco navegar. Momentos longos de perigo e de angustia. Não tardou, porém, a surgir o salva-vidas, que trouxe para terra os quatro mareantes (mestre João Barra, Jose Pinto, Manuel Casaca e José Henriques). Chegara a tempo, pois não tardaria a maré enfurecida a colher em suas maranhas a barcaça já meio destroçada, arremessando-a, esqueleto desolado, ao areal do Cabedelo, onde o casco se lhe está a desfazer, mordido pela babugem do mar...

FEIXE DE IMAGENS

UM acidente em Goa. Foi nas minas de ferro Chuwgule, no Sirigão, próximo das faldas do Gor, onde a figueira dramática da renuncia nasce da terra vermelha como sangue e os coqueiros plumosos ondeiam á beira de lagunas irreais. Uma caixa com detonadores explodiu. Explodiu no pior momento, pois, como dela saíssem uns farrapos de fumo, chamara a si a curiosidade de um magote de gente. E o resultado de uma imprevidência lamentável foi só este: um morto (soldado luso-indiano) e quinze feridos.

*** Cerca de 8.500 contos estão sendo consumidos em obras publicas no distrito de Huíla. Tudo quanto signifique não se esquecer que o Ultramar, longe de ser um campo de colheitas inexaurível, merece que lhe lancem as sementes do futuro, está na linha da sensatez e da justiça. Em que são aproveitados estes 8.500 contos? A construção de um bloco sanatorial em Sá da Bandeira e de um pavilhão escolar em Tchivinguiro, de depósitos de água, o abastecimento eléctrico a Mapunda e a construção de uma estrada de Sá da Bandeira a Chibia, tomam vulto entre os empreendimentos planeados.**

*** Uma iniciativa generosa e firme, digna de toda a nossa simpatia: a Liga dos Cegos «João de Deus», que possui já uma obra de redenção social, no limite das suas possibilidades, acaba de inaugurar, na sua sede, Rua de Santa Marta, 46, 2.º, uma escola primária para cegos, onde, sem encargos para as respectivas famílias, podem doravante estudar, por métodos especializados, as crianças a quem a providência não concedeu ou retirou a suprema ventura de ver.**

*** Várias terras vão anunciando, durante a Semana da Mãe, que ora decorre, os prémios que nelas contentam as famílias mais numerosas. Assim, em Beja, Anacleto António Modesto, pai de onze filhos, morador em Penedo Gordo, recebeu 2.500$00. João Matias, de Beringel, também com 11 filhos, teve direito a 1.000$00. Também foram entregues berços e enxovais a mães necessitadas.**

*** Domingo é o dia privilegiado da inauguração de melhoramentos. Por isso foi ontem dia de festa em Mazarefes, a terra dos belos cestos de verga, onde enfim surgiu a energia eléctrica, e também um salão paroquial; e no lugar de Pousados, em Alcanena, onde, com todo o cerimonial, foi inaugurado o edifício de um novo posto escolar.**

JORNAL PEQUENO

SEGUIU ontem de avião para Bissau o novo comandante militar da Guiné, sr. tenente-coronel Filipe Rodrigues. * A convite da O. M. S., partiu para Copenhague o sr. dr. Coriolano Ferreira, administrador do Hospital de Santa Maria. * Em Linda-a-Pastora decorreram com brilho as festas promovidas pelos bombeiros voluntários locais em homenagem aos bombeiros voluntários de Lisboa. * Vítima de queimaduras, foi encontrado morto junto á lareira, no Crato, o sr. Delfino Maria, de 89 anos. * Ficou gravemente ferido, próximo de Evora, o ciclomotorista Serafim Machado, jornaleiro, que chocou com um automóvel. * No Hospital de D. Estefania, morreram dois ciclistas, vitimas de desastres há dias ocorridos: Joaquim Francisco dos Santos, da Malveira, e Raul Marques, da mesma localidade.

A Colónia Agrícola da Gafanha

onde vivem 77 famílias

foi visitada pelo Secretário da Agricultura

que ali inaugurou uma capela

ILHAVO, 8 (Pelo telefone) — O secretário de Estado da Agricultura, sr. eng.º Quartin Graça, esteve hoje na Colónia Agrícola da Gafanha, onde presidiu á cerimónia inaugural da respectiva capela, votada ao culto de Nossa Senhora dos Campos.

Situada no norte da estrada que liga esta vila á Costa Nova, a 6 quilómetros de Aveiro, a referida Colónia tem uma superfície de 441 hectares, os quais desde 1888 estavam a ser arborizados por sucessivas sementeiras de pensico, constituindo a Mata Nacional da Gafanha. Em 1937, a Junta de Colonização Interna, após vários estudos, concluiu que o local era excelente para os primeiros trabalhos de colonização dirigida. Onze anos mais tarde, a Colónia surgia, com os seus 16 quilómetros de estradas, 200 hectares de terreno drenado, 30 quilómetros de caleiras para rega, um centro de assistência técnica, um posto médico, um posto social, duas escolas, duas habitações para professores, um posto de reprodução animal e várias residências para funcionários.

Na Colónia foram instalados 77 casais agrícolas, constituídos por um unico prédio rustico, onde são cultivados milho, feijão, batata, trigo, forragens e produtos hortícolas e de primores. Cada casal é dotado das seguintes construções: — casa de habitação, com três quartos, cozinha e sala comum; um estábulo com capacidade para duas cabeças de gado grosso e respectivas crias; uma pocilga, com capacidade para 4 animais; e uma nitreira.

A exploração dos casais é financiada pelo Estado, nos termos da lei, através de um empréstimo amortizável em 30 anos, ao juro de 2 por cento, e constituído por capital de exploração fixo (gados e alfaias) e circulante (sementes, adubos e numerário).

A maneira como os trabalhos agricolas decorrem, bem como as instalações da Colónia, interessaram vivamente o sr. secretário da Agricultura, que ocupou a manhã a visitar todas as dependências e serviços, entregando prémios aos colonos mais trabalhadores e diligentes. Nesta sua visita, o sr. eng. Quartin Graça era acompanhado pelos srs. engs. Vasco Leónidas, presidente da Junta de Colonização Interna; Lopes Ribeiro, Trigo de Abreu e Fausto Sarmento, da Direcção dos Serviços Agrícolas; e Carlos Torres, director da Colónia.

A' tarde, após um almoço íntimo, na Costa Nova, aquele membro do Governo presidiu á inauguração da capela, benzida pelo bispo de Aveiro, D. Domingos da Apresentação Fernandes, que depois ali celebrou missa. A' cerimónia estiveram, também, presentes o governador civil de Aveiro e os presidentes dos Municípios de Aveiro e Ilhavo.

O PORTO pelo telefone

Atenção, senhoras...

Quem diria que o recente arranjo dos passeios da Rua de Santo António, lógicamente considerado por todos como um apreciável melhoramento, viria a constituir motivo para protestos femininos.

Mas, porque protestam as senhoras? Muito simplesmente pelo facto dos seus tacões ficarem, amiudadas vezes, presos nos sulcos gravados no cimento. Na verdade, estes sulcos, que dão aos passeios um aspecto de papel quadriculado, (que ninguém se lembrou, ainda para jogar a «batalha naval») ficaram um pouco mais largos que o costume. Ora, por outro lado, os saltos dos sapatos femininos estão cada vez mais esguios. Resultado (na Rua de Santo António, pelo menos): os elegantes tacões dos sapatos das senhoras introduzem-se nos sulcos, provocando quedas, com todas as suas consequências... mais ou menos desastrosas.

Como se sabe, esta artéria, antigamente chamada de 31 de Janeiro, é das mais comerciais do Porto e, portanto, das mais frequentadas por senhoras. Urge, pois, solucionar o problema.

Entretanto, e para evitar dissabores, aconselhamos as senhoras a não usar, naquela rua, sapatos de salto alto do ultimo modelo. Ou, então, a não pisarem os riscos, e que, no singular, é sempre, e para todos, muito perigoso...

A inauguração da igreja dos Capuchinhos

PORTO, 8. (Pelo telefone). — Ontem, ao fim da tarde, o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, lançou a benção á nova igreja dos Padres Capuchinhos, na Rua Nova de Troncos que esta manhã foi solenemente inaugurada. Assim, ás 7 horas, houve missa de comunhão geral, com canticos. Seguidamente celebrou-se outra missa em homenagem das crianças á Imaculada Conceição, após o que se procedeu á sagração do altar-mor, pelo bispo capuchinho, D. Angelo Torrado. Ao mesmo tempo que esta cerimónia decorria era rezada missa, no altar de Nossa Senhora de Fátima.

Por ultimo foi celebrado um solene pontifical, pelo referido bispo. A todos estes actos assistiram centenas de fieis.

Da parte da tarde, e com a presença das autoridades, realizar-se-ão outras cerimónias liturgicas, que terminarão com um soleníssimo «Te Deum» a que presidirá o bispo D. Angelo Torrado.

Dia da Padroeira da Pátria

Na igreja de S. Nicolau, foi esta manhã celebrada missa, que teve a assistência de centenas de fieis, para comemorar o dia da Imaculada conceição, Padroeira da Pátria.

Bacalhau para o Norte

De regresso dos bancos da Terra Nova, entrou hoje na barra do Douro o arrastão bacalhoeiro «Estevão Gomes», com cerca de 18 mil quintais de bacalhau frescal, para abastecimento do Norte do País.

X Curso de aperfeiçoamento médico-sanitário

Amanhã, ás 15 e 30, na sede da secção regional do Posto de Ordem dos Médicos inicia-se o X Curso de aperfeiçoamento médico-sanitário. Na sessão de abertura usará da palavra o presidente do conselho regional, sr. dr. Francisco Freire, que versará o tema «Educação Sanitária».

Durante o Curso, que se prolongará por 12 dias, estará patente uma Exposição Iconográfica, cedida pelo Conselho Regional de Lisboa.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Na próxima quinta-feira, ás 21 e 30, no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses, efectuar-se-á a conferência inaugural do ciclo 1958-59 da Liga Portuguesa de Profilaxia Social em que será conferente a escritora e poetisa sr.ª D. Ludovina Frias de Matos, que versará o tema «Três Leonores da História de Portugal — Três Regentes».

CARTAZ DO PORTO

para amanhã, dia 9

COLISEU — Ás 21 e 30 — Circo americano.
RIVOLI — Ás 15 e ás 21 — «Indiscreto».
BATALHA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Hercules».
TRINDADE — Ás 15 e 30 e 21 e 30 «A noiva branca».
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Tempestade sobre Berlim».
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «A sede do mal». 80 dias».
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30— «Nathalie».
JULIO DINIS — A's 21 e 15 — «Diana de França».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30. — «O rapaz e o rei».

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

Os perigos

de penicha no chapéu

VIAREGGIO (Itália), 8. — Por ter julgado ser um faisão aquilo que via, Rinaldo Bertolazzi disparou a espingarda, matando Remo Gambini, que também andava á caça na mesma região. O engano foi provocado pelo chapéu da vítima, que tinha uma pluma daquela ave.

Gambini, que tinha 53 anos, morreu a caminho do hospital. — (A. N. I.).

EM 3 LINHAS

O novo presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol toma posse na quinta-feira, ás 22 horas, na sede da Junta (Estoril).

///

As licenças de vendedores ambulantes, cobradas pelo Município, durante o ano findo, renderam 622.300$00.

///

Vão ser construídos mais dois armazéns no Depósito-Geral de Material de Guerra em Beirolas, que custarão 5.160 contos.

///

A Fiat vai rever e reparar turbo-reactores completos J-47, modelo GE e acessórios da nossa Força Aérea, pela importancia de 9.988 contos.

///

Durante o ano passado foram apanhados, na via publica, por pessoal do Município, 3.132 cães e 4.815 gatos.

///

Existiam em Lisboa, no principio do ano, 5.199 parteiras em exercício e 725 aguardavam colocação.

Captura de um cigano

que fugira da cadeia

ÉVORA, 7 — Uma patrulha da G. N. R. de Vendas Novas deteve, por suspeita, um cigano que declarou chamar-se Manuel Tomás dos Reis, ter 38 anos e ser solteiro, natural de S. Matias (Montemor-o-Novo) e vendedor ambulante. O sargento Cambeta, comandante do posto, duvidou da identidade declarada, pelo que solicitou a sua confirmação. O boletim requerido ao Arquivo de Identificação Criminal esclareceu que o preso era o cigano Belmiro José dos Reis, conhecido pela alcunha de «Farrica», de 38 anos, solteiro, natural de S. Matias (Beja), e que em Maio de 1938 havia sido condenado, por uma série de arrombamentos e furtos, praticados na comarca de Ourique, na pena de 2 anos de prisão maior, tendo-se evadido da prisão em Outubro do mesmo ano.

Em 1951, com a primeira identidade, o cigano «Farrica» foi julgado á revelia, em Évora, por crimes da mesma natureza, sendo então condenado em 2 meses de prisão e 4 meses de multa.

O «Farrica» recolheu á Prisão-Hospital de S. João de Deus.

Principia hoje

a 28.ª Semana da Tuberculose

A «28.ª Semana da Tuberculose» promovida pelo Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, começa hoje, com uma palestra do respectivo director, dr. C. M Carvalho Dias, aos microfones da Emissora Nacional, para o programa «Jornal Sonoro», na qual serão expostos os objectivos principais da iniciativa. Amanhã começará o peditório nos Bancos e nas casas de comércio. A partir de amanhã e durante toda a semana, um posto móvel de rádiorastreio estará á disposição do publico, no Rossio, em serviço de microradiografia.

O I. A. N. T. espera poder exibir, na R. T. P., um documentário sobre a necessidade e utilidade do radiorastreio.

O Município de Evora

felicitou dois clubes desportivos da cidade

Na sua ultima reunião, a Camara Mauricipal de Évora resolveu, por unanimidade, felicitar o Juventude Sport Clube, pela passagem do 40.º aniversário da sua fundação, e o Lusitano Ginásio Clube, pela realização do 100.º encontro de futebol sem que tenha sofrido qualquer sanção disciplinar.

CHEGOU HOJE

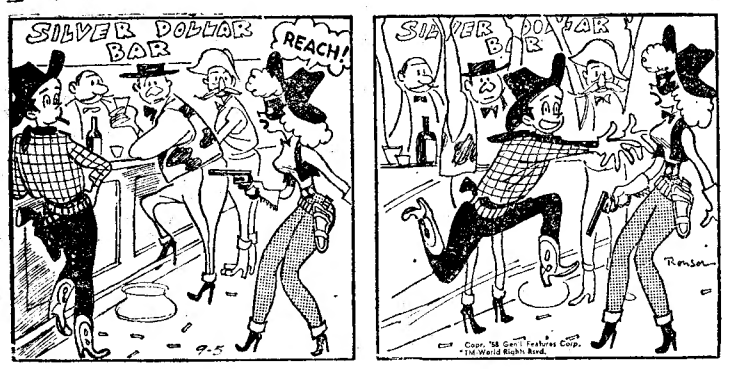
o navio-escola «Galatea»

Chegou hoje ao Tejo, e atracou na muralha da Rocha de Conde de Obidos, o navio-escola espanhol «Galatea».

HOTEL EMBAIXADOR
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
APRESENTA NA 4.ª FEIRA
Torregrosa
dinamico e famoso pianista animador
Todas as noites: CHRISTINE & MOLL
excelente parelha de bailarinos excêntricos
(ADULTOS — Maiores de 17 anos)

meias
Christian Dior
Experimente o novo tipo:
ARGENT — 55$00
A venda nos melhores estabelecimentos

ELE & ELA



Contra-ataque

A abertura
da Conferência dos Países Africanos

ACCRA, 8 — A Conferência Africana, começou hoje, nesta cidade, onde se encontram já mais de 300 delegados, observadores, «delegados fraternais» e jornalistas.

A Conferência foi inaugurada pelo primeiro-ministro, dr. Kwanne Nkrumá, que pronunciou um discurso no qual serão apresentados os respectivos trabalhos, que começam a seguir, prolongando-se, em duas sessões diárias, até sexta-feira, sendo publicas as da manhã e privadas as que as diversas comissões terão de tarde. — (A. N. I.).

Comentários do «Daily Express»

LONDRES, 8 — Referindo-se ás conferências que hoje se inauguram em Accra e no Cairo, o «Daily Express» escreve, em editorial:

«Em lados opostos do continente africano, inauguram-se hoje duas conferências. Em Accra, o chefe do Governo do Ghana, Kwane Nkrumá, dá as boas-vindas a 50 delegações á primeira «Conferência Africana sobre a Liberdade». No Cairo, Nasser, apresenta os cumprimentos a 200 delegados á conferência económica afro-asiática.

«Estranhos hospedeiros! Nkrumá defende a liberdade do seu país, metendo na cadeia os seus rivais políticos. Nasser pugna pelo bem-estar económico do seu povo, empenhando o comércio do Egipto, a troco do auxílio da Russia». — (A. N. I.).

Na Guatemala
poderá ser instaurado o «estado de aflição»

CIDADE DE GUATEMALA, 8.— O decreto que instaura o «estado de aflição publica» na região central do país, foi assinado durante a noite, pelo Presidente Ydigoras Fuentes e rubricado pelos ministros, mas a data está ainda em branco.

Otto Bianchi, secretário da Presidência, declarou á Imprensa que o decreto apenas seria promulgado se as circunstancias assim o justificassem, mas acrescentou que a situação era normal em todo o país.

Como lhe perguntassem se houve prisões em relação com as declarações do presidente Ydigoras sobre a descoberta de uma conspiração, Bianchi afirmou que ninguém foi detido. Confirmou, no entanto, que o dr. David Guerra Guzman, médico pessoal do falecido presidente Castillo Armas, está preso e deve ser julgado por um tribunal militar. — (F. P.).

As eleições na Venezuela

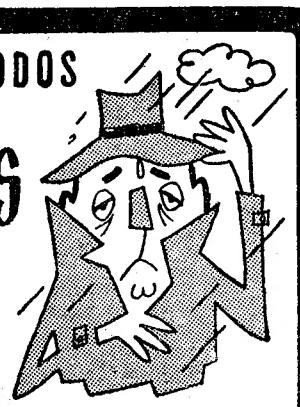
CARACAS (Venezuela), 8. — Resultados oficiosos das eleições presidenciais, conhecidos até agora e relativos a todo o país:

Betancourt, 87.419 votos (44,5%); Larrazabal, 66.583 (33,89%); Candera, 42.446 (21,61%). — (F. P.).

Em ABRANTES o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por Casaca & Martins.

ALIVIE OS INCÓMODOS das

CONSTIPAÇÕES e GRIPE...



— — — — TOME — — — — — —

Alka-Seltzer*

Estamos na época em que as constipações e gripe mais atacam. Aos primeiros sintomas, tome ALKA-SELTZER. Alivia os incómodos com o seu cortejo de dores de cabeça, musculares, arrepios, etc. Se tiver a garganta inflamada, gargareje com ALKA-SELTZER. Se os sintomas forem fortes, não insista em se conservar de pé — experimente um tratamento que alivia: meta-se na cama, descanse, faça dieta e tome ALKA-SELTZER.

Fará com que se sinta melhor, porque na realidade melhora.

* Marca Registada

A economia de Angola
e a sua projecção na vida nacional segundo o presidente da Associação Comercial de Luanda

LUANDA, Novembro.—A realização em Angola do V Congresso Nacional da Pesca constituiu um acontecimento de particular relevancia na nossa vida económica, que ultrapassa, sem duvida, o ambito do tema da própria reunião. A escolha desta província para a efectivação do congresso, a deslocação propositada de altas individualidades da metrópole, o interesse com que foram seguidos os debates, tudo são, na verdade, indicações que revelam a importancia desta assembleia, cujas sessões se desenrolaram nesta cidade, no Lobito, em Benguela e em Moçamedes, principais centros das actividades ligadas á industria da pesca de Angola. Aliás, nos trabalhos tomaram também parte, com evidente elevação, algumas figuras que têm feito a sua vida em terras angolanas, e aqui têm mostrado a consciência dos grandes problemas que interessam, não apenas á economia desta província, mas á de toda a Nação.

Entre esas figuras, justo é apontar o sr. Américo Aleixo, que actualmente preside aos destinos da Associação Comercial de Luanda, mas que tem o seu passado ligado a muitos empreendimentos de vulto na actividade produtora de Angola, nomeadamente, o desenvolvimento da industria da pesca no Sul, onde teve, também, papel de relevo, á frente do Grémio da Pesca de Benguela.

Américo Aleixo foi um dos mais activos e eficientes congressistas, mostrando, com as suas intervenções oportunas e sensatas, um conhecimento profundo dos problemas, falando sempre com a sua habitual diplomacia, num clima de boa disposição, que nos dá, ao mesmo tempo, a noção perfeita da confiança com que aborda estes assuntos.

Tivemos ocasião de trocar algumas impressões com o presidente da Associação Comercial de Luanda, num intervalo de duas sessões de trabalhos do congresso. Depois de falarmos das tarefas previstas no II Plano de Fomento, abordámos o problema do apetrechamento industrial que se pretende incrementar e o sr. Américo Aleixo logo disse:

—No que se refere á industria da pesca — unica a que agora quero fazer referência, por motivos obvios — considero indispensável uma obra de reapetrechamento. Só considero lamentável que se tenha perdido a oportunidade de o fazer mais cedo, há uns anos atrás, quando se nos deparou ocasião para isso. A nossa economia teria tido muito a ganhar, e as industrias locais teriam evitado algumas situações dificeis com que têm deparado nos ultimos tempos.

E prossegue:

—São evidentes as vantagens dessa iniciativa. Dotar a industria da pesca de todas as condições técnicas modernas seria fazer diminuir actividade. Os obstáculos com que a industria depara são grandes e caracterizam-se, sobretudo, na ordem financeira. Só com um auxílio decisivo os industriais poderão progredir, com evidente benefício para o agregado económico que representa o seu conjunto na vida de Angola.

—E quanto ao povoamento de Angola por brancos, como encara esse problema?

—Como uma necessidade absoluta e indiscutível. Ninguém porá em duvida que se trata de um problema do mais amplo interesse nacional.

O sr. Américo Aleixo acrescenta:

—O Governo, aliás, assim o compreende também, pois doutra forma não se pode interpretar tudo quanto tem feito e projecta fazer em matéria de povoamento.

—Na sua opinião, como se poderá alterar esse indispensável povoamento?

—Pela colonização livre. Creio que se deve fazer tudo para apoiar e estimular a colonização livre, pois, uma vez que se criem e desenvolvam as condições de trabalho locais, os colonos não faltarão.

—E' então contra a colonização dirigida?

—Não é, positivamente, isso que quero dizer. A colonização dirigida os inconvenientes de uma defesa menos eficaz para esta importante

AMÉRICO ALEIXO

tem o seu papel. Constitui uma forma util de estabelecer a confiança e, sobretudo, pode fornecer indicações preciosas para o estudo de um problema que tanto interessa a Nação. Mas a grande massa de colonos de que tanto precisamos em Angola só pode vir por um movimento natural de colonização livre e espontanea.

Falámos, por fim, nos trabalhos do V Congresso da Pesca e perguntámos ao antigo presidente do Grémio da Pesca de Benguela que impressão lhe fica dos trabalhos aqui levados a efeito.

— Impressionou-me, sobretudo, pelo que representa de reconhecimento do valor de Angola no conjunto da comunidade portuguesa. Creio sinceramente que a industria da pesca local prestou, assim, mais uma vez, um alto serviço á província, pela oportunidade que lhe proporcionou de ver aqui estudado o seu próprio caso, sem duvida, um dos de mais elevado interesse para a economia da Nação.

EISENHOWER
o presidente mais idoso

WASHINGTON, 8 — Eisenhower passou a ser o homem mais idoso que, até agora, ocupou o cargo de presidente dos Estados Unidos. Atingiu hoje a idade de 68 anos e 55 dias, batendo assim o «record» do presidente William Henry Harrison, que tinha 68 anos e 54 dias, ao morrer.

O presidente Harrison ocupou o seu cargo apenas durante 31 dias, o mandato mais curto na História da América. — (R.).

Comprou a noiva a 1.000 libras o quilo

KONYA, 8. — Um rapaz rico amava a filha de um homem pobre. Pediu-a em casamento, mas o futuro sogro exigiu que a noiva fosse paga á razão de 1.000 libras turcas, por quilo.

Apaixonado como estava, o rapaz aceitou a troca — e como a bem-amada pesava 60 quilos, teve de entregar, na véspera do casamento, 60.000 libras turcas ao pai dela. — (F. P.).

Nos Açores é que não há Inverno !

LONDRES, 8. — O pequeno e gentil João Dadmiral tremia, ontem, no aeroporto, quando devia estar a gozar o calor semitropical.

Dadmiral desceu de um avião da Pan American, vindo de Boston, no Massachusetts, e foi surpreendido pelo frio e o nevoeiro de Dezembro, trazendo no rosto uma expressão de espanto.

Tinha reservado um lugar num avião para ir passar as férias a Santa Maria, nos Açores, mas tomou, em Lisboa, outro aparelho, por engano, enquanto a sua bagagem seguia para os Açores. Teve de seguir, a correr, através do aeroporto, para apanhar outro avião para Santa Maria, via Lisboa. — (R.).

DOIS AMIGOS VELHOS...

É a qualidade inalterável, o sabor delicado, o aroma inegualável, que faz dos AMIGOS VELHOS, VELHOS AMIGOS *da...*

aguardente velha MOURA BASTO

AGENTE EM PORTUGAL:
J. CANDIDO DA SILVA
PORTO — RUA DE S. LUIS, 12 — 18
TELEFONES: 22602/27202
LISBOA — AVEN. ALMIRANTE REIS, 238
TELEFONE: 72.7643

Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avé Maria. Sala própria. Telefone 41.

A esposa do Chefe do Estado foi madrinha de um novo salva-vidas

Com toda a solenidade, efectuou-se esta tarde, em Paço de Arcos, a cerimónia da benção e lançamento á água de um novo salva-vidas bimotor, destinado ao Instituto de Socorros a Náufragos, para substituir o salva-vidas «Carvalho de Araujo», que terá de sofrer uma demorada reparação.

Ao acto assistiu a sr.ª D. Gertrudes Ribeiro da Costa Rodrigues Tomás, esposa do Chefe do Estado, que foi a madrinha do barco, baptizado com o nome de «Nossa Senhora da Conceição». Antes, porém, efectuou-se uma pequena sessão solene. Presidiu o ministro da Marinha, sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias, ladeado pela esposa do Chefe do Estado e pelo almirante Fialho, director-geral da Marinha. Estavam também presentes em lugares de honra, o almirante Nuno de Brion, comandante Henrique Tenreiro e os presidentes das Camaras de Cascais e Oeiras, srs. tenente-coronel José Raposo Pessoa e eng.º Alvaro Roquete.

Nesta sessão, o comandante Jaime Couceiro, director do Instituto de Socorros a Náufragos, agradeceu a presença das referidas entidades, que, a seguir, visitaram o novo salva-vidas.

Trata-se de um barco com 14,50 metros de comprimento, uma tonelagem bruta de 22 toneladas, autonomia aproximada de 550 milhas, posto emissor e receptor, com alcance de cerca de 500 milhas, e pode atingir a velocidade de 10 nós.

Após a visita, a esposa do sr. Presidente da Republica procedeu á tradicional quebra da garrafa de espumoso na quilha do barco, que então começou a deslizar em direcção ao mar.

Depois do «Nossa Senhora da Conceição» entrar na água, fizeram-se várias demonstrações de salvamento de náufragos, em que colaborou um helicóptero das Forças Aéreas Portuguesas.

Teatros e Cinemas

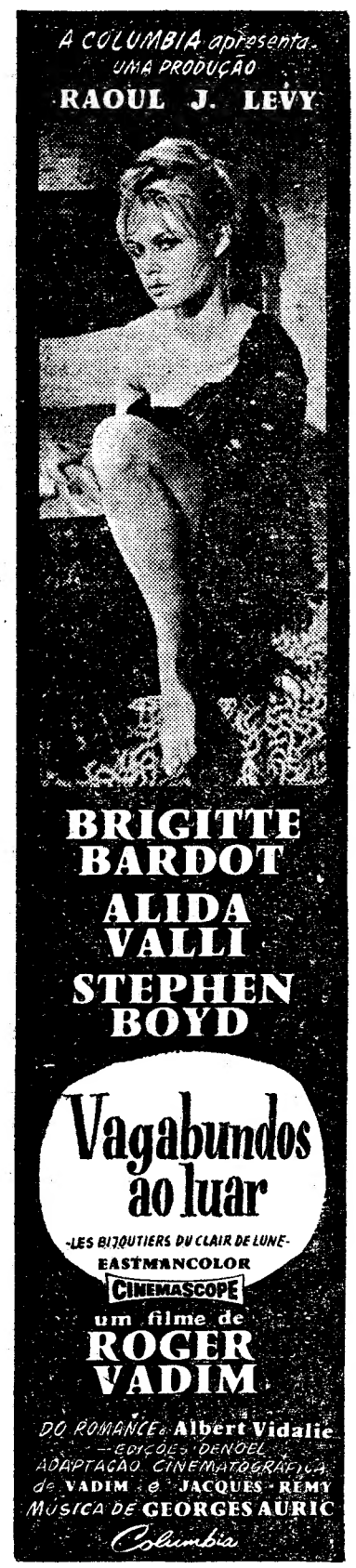
O circo americano

no Coliseu do Porto

PORTO, 8 — O Portuense — já é da tradição — ao aproximar-se o Natal, espera sempre pela sua companhia de circo, os «cavalinhos», como muitos ainda lhe chamam — os que a miude evocam o velho José Calderon, ou mais modernamente o nosso querido Figueiroa, que os anos transformaram em empresário de artistas que não metem vales, se nos apresentam em celuloide e viajam sempre enlatados.

Pois cá temos os «cavalinhos» no Grande Coliseu do Porto, trazidos pelo simpático empresário espanhol D. Luiz Corzana, agrupados sob o rótulo de «Circo Americano». O que menos interessa aqui é o título. O que vale e merece elogiosa referência é o conjunto perfeito e harmonioso de um punhado de bons artistas especializados nos mais diversos numeros, cuja apresentação o nosso publico premiou com espontaneos e quentes aplausos.

E' mais uma realização da Empresa Artística que, por certo, vai ter êxito durante os dez dias do contrato, para gozo da pequenada e até dos «grandes», pois o programa está de feição a agradar a todos. — G. C.



Amanhã

SÃO LUIZ

ALVALADE

Adultos Maiores de 17 anos

Atrás do reposteiro

A companhia Rafael de Oliveira desloca-se de Santarém a Aveiro, nos dias 19 e 29, a fim de realizar dois espectáculos, com as peças «A muralha» e «O sapatinho de vidro», esta ultima, para crianças.

—Continua marcada para amanhã a estreia, no Teatro ABC, da revista «Vinho Novo».

—A companhia portuense de revistas, tem já marcados espectáculos até ao dia 13, em Braga, Guimarães, Espinho, Viseu e Aveiro, onde representará a revista «Canção do Porto».

—Uma conhecida parçaria teatral pretende a exploração do Capitólio, com espectáculos de revista.

—Depois de amanhã, no Teatro Avenida, começam os ensaios da peça «O fim do caminho».

—Novamente se diz que o Teatro Experimental do Porto vai, no próximo ano, ao Brasil.

—Na temporada da Primavera, o actor João Villaret deverá participar no desempenho duma nova revista a estrear no Teatro Monumental ou no Variedades.

—Faz hoje anos, o empresário Giuseppe Bastos.

—Uma nova companhia de circo se estreará, no dia 19 do corrente, no Coliseu.

—Na TV, é amanhã apresentada a peça o Sapo e a doninha», de Ramada Curto.

No D. Maria II

«O Processo de Jesus»

O publico aguarda com interesse excepcional a estreia, marcada para sexta-feira, que inaugura a temporada no D. Maria II, da peça em duas partes, de Diego Fabbri, «O Processo de Jesus», na tradução do dr. Agostinho Veloso. Trata-se de uma obra de profunda emoção dramática e de transcendente espiritualidade, que tem conquistado êxitos enormes onde quer que tenha sido representada. Só em Itália, representou-se em mais de trinta teatros, depois da sua estreia sensacional em Milão, e em Paris já se encontra no segundo ano de permanência no cartaz. Na interpretação participam Palmira Bastos, Amélia Rey Colaço, Mariana Rey Monteiro, Helena Félix, Catarina Avelar, Ema Paul, Erico Braga, Raul de Carvalho, Luís Filipe, Paiva Raposo, António Palma, Manuel Correia, José de Castro, Varela Silva, Jacinto Ramos (em regime de representações), Carlos Duarte, Carlos Avilez, Carlos Gonçalves, Jaime Santos, Alberto Ponces, Luís Cerqueira, João Mota, Carlos Rosa, António Machado, Alfredo Amaral e Maria Luísa Gomes.

Teatro de amadores

no Recreio Popular da Calçada dos Mestres

No Centro de Recreio Popular do Bairro da Calçada dos Mestres, haverá, no próximo sábado, dia 20, ás 21 e 30, um espectáculo de teatro pelos seus grupos cénicos infantil e de adultos. O primeiro interpretará a peça «Suave milagre», de Mário Cristino da Silva, e o segundo, «Pecados de um anjo», de Alúlio Semião, respectivamente, em um e dois actos.

Sessões clássicas

«A ponte de Waterloo», no Tivoli

O publico que frequenta habitualmente as sessões clássicas do Tivoli, tem, depois de amanhã, ás 18 e 30, a possibilidade de rever um filme memorável, baseado na obra «Waterloo Bridge», do dramaturgo Robert Sherwood.

«A ponte de Waterloo», grande realização de Mervyn de Roy, interessa particularmente pelas excelentes interpretações de Vivien Leigh e Robert Taylor, sem esquecer os nomes de Maria Ouspenkaia e Lucile Watson.

Sessões culturais

«Nunca digas adeus», no Monumental

Os finalistas do Liceu Normal de Pedro Nunes levam a efeito, na próxima quarta-feira, ás 18 e 15, no Cinema Monumental, uma sessão cinematográfica com o filme «Nunca digas adeus», com Rock Hudson e Cornell Borchers nos protagonistas. Os bilhetes encontram-se já á venda na bilheteira do Monumental.

A estreia de hoje

No Olimpia

Título — «Quantez».
Produção — Americana.
Intérpretes — Fred MacMurray, Dorothy Malone.
Argumento — A história de uma cidade perdida.
Processo — Cinemascope e Technicolor.
Classificação — Maiores de 17 anos.

Coliseu

ÚLTIMA SEMANA !

da gigantesca companhia de circo do Coliseu. As grandes atracções da actualidade num espectáculo internacional. Quatro horas de alegria e emoção

Veja esta noite, no Coliseu, o maior espectáculo de circo! Foguetões humanos. Chimpanzés sábios que só lhes falta falar. Combate

entre leões. Os cães mais pequenos do Mundo. Intrépidos acrobatas. Surpresas de um aramista. Trapezistas em perigo de morte. Duas «troupes» de palhaços e muitos outros fenómenos impressionantes. Ultima semana!

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 16 e 21,45 —«A rainha do ferro-velho».
TRINDADE — A's 16 e 21,45 — «O diário de Anne Frank».
MARIA VITORIA — A's 16, 21,30 e 22,45 — «Por causa delas...».
VARIEDADES — A's 16, 20,30 e 22,45 — «Com jeito, vai!».
COLISEU — A's 16 e ás 21,30 — Nova companhia de circo.

CINEMAS

TIVOLI — «O meu tio».
SÃO LUIZ — «A ponte do rio Kwai».
SÃO JORGE—«Um crime por dia».
IMPÉRIO — «Ariane».
EDEN — «A ponte do rio Kwai».
POLITEAMA—«A garra do tigre».
ALVALADE — «A ponte do rio Kwai».
MONUMENTAL — «Selvagem é o vento».
ROMA—«Totó Fernandel e a lei».
ODEON — «O diário de minha mãe».
CONDES — «Férias em Ischia»
AVIS — «A rapariga das violetas»
OLIMPIA — «Quantez (A cidade perdida)».
RESTELO — «Dinheiro por um corpo».
IDEAL — «A desaparecida».
PROMOTORA — «Joselito coração de ouro»
CAMPOLIDE — «Os bravos não voltam as costas».

Os enfermos de cardiopatias, hipertensão arterial, excesso de acidez no estomago, cirrose, úlceras gástricas, albuminúria, esclerose renal e, ainda, outras afecções têm de alimentar-se, em grande parte, com a bolacha

INSULSA

da Fábrica CONFIANÇA

VIDA MUSICAL

Circulo de Cultura Musical

Decorrida uma semana, o pianista russo Geb Aksselrod voltou a apresentar-se para o C. C. M., desta vez na série da noite, em S. Carlos. E o teatro viu-se a transbordar de ouvintes de diferentes camadas sociais; Deus nos perdoe, deve ter funcionado em parte a curiosidade de ver um cidadão soviético — mas fazemos ao publico a justiça de pensar que a justa fama de virtuose de grande garra de Aksselrod era o maior móbil de interesse.

O programa foi modificado á ultima hora, suprimidas as Variações sobre um tema de Paganini de Brahms, para não privar o publico da já clássica Tocata de Prokofieff, precedida de dois dos encantadores «Contos da Avózinha», do mesmo autor. E ficamos cada vez mais radicadamente convencida da candura sentimental que forma a maior proporção da personalidade do intérprete; não serão muitos hoje em dia os pianistas de categoria técnica e intelectual, que se apaixonam a fundo pelas Rapsódias Hungaras de Liszt e que se embrenham nos «Funerais» ou nas «Cloches de Genève» como se estivessem a escrever o seu testamento... E foi tão superficial a interpretação do andamento lento da Sonata em lá maior, op. 2 n.º 2, de Beethoven!

Da extrema sensibilidade de Aksselrod, é mais um indicio a desigualdade com que enfrenta os passos de técnica pura, tão depressa com pequenas beliscaduras injustificadas a sangue-frio, como com uma impressionante perfeição em efeitos peculiares de técnica transcendente, de que o mais formoso exemplo nos foi dado num dos Caprichos de Paganini, Liszt — sem contar a mencionada Tocata de Prokofieff.

Para um dos extras Aksselrod escolheu gentilmente a Chula de Viana da Mota.

Concerto a dois pianos

O Instituto Italiano de Cultura em Portugal promoveu um novo concerto de uma modalidade que tem em Lisboa mesmo cultores fervorosos, e que desde há muito tempo nos parece, em regra, um género difícil de defender: musica para dois pianos. Executantes: o muito bem sincronizado duo Gorini-Lorenzi.

No programa, brilhavam entre outras peças as Variações sobre um tema de Haydn, ip. 56/b, de Brahms, os Estudos em forma de cánone, de Schumann, as «Pupazzetti», (peças infantis), de Casella — estéticamente a mais equilibrada realização dos dois pianistas, e um Concertino de Shostakovich, também bastante feliz. Contudo, o temperamento de Gino Gorini e de Sérgio Lorenzi pareceu-nos de uma fogosidade um pouco unilateral, pois apesar da espessura que pode tão fácilmente resultar da associação de dois instrumentos tão completos cada um por si, outro matiz, outra transparência, e sobretudo outra qualidade de expressão se pode esperar em Schumann e em Brahms.

Contudo, o duo Gorini-Lorenzi representa, repetimos, uma bela associação, que o publico recebeu entusiásticamente.

8.º Concerto Sinfónico em S. Carlos

Os gloriosos 83 anos de Pierre Monteux, o famoso *conductor* franco-americano, tiveram do publico de S. Carlos e da Orquestra Sinfónica Nacional em peso a merecida e apetecida apoteose. E no programa, da maior sobriedade aparente, depois da «Euryanthe» (abertura), de Weber, já levada com o dinamismo de um homem em plena força de talento e da idade, e a solidez do profissional amadurecido, apresentava-se também mais um solista de invejável envergadura, Berl Senofsky, no Concerto para violino e orquestra de Brahms.

Senofsky recordou-nos um Mischa Elman, um Joseph Ezigeti, um Nathen Milstein. Não sabemos que mais admirar através da sua formação de grande classe, se o seu *legato* de especial perfeição, se a naturalidade da dicção, se o nervo ritmico de que usa com a máxima propriedade. Foi Pierre Monteux, depois da cadência do 1. andamento — formidávelmente executado, sem duvida — quem provocou aplausos a que o nosso publico se desabituou entre os andamentos de uma obra; foi uma honrosa homenagem, além de que permitiu a entrada de alguns retardatários antes do prosseguimento do Brahms.

Toda a 2.ª parte foi preenchida — e largamente — pelos cinco andamentos da «Sinfonia Fantástica», de Berlioz, também dirigida de cor pelo valoroso Monteux, com um tacto, uma perícia e uma eficiência que nos deslumbrou mais do que a obra em si. Reconhecemos a virtuosidade orquestral do então jovem Berlioz, e a sua originalidade, mas hoje flagrantemente desigual e sobretudo farfalhuda em muitos pontos. E esperamos sempre qualquer coisa a completar — teatro ou bailado (o que não diminui Berlioz, pelo contrário). A orquestra inteira deu uma destas provas que de largo em largo a ennobrecem e nos consolam —, simplesmente irreconheciveis em muitos momentos os violinos (orquestra colocada á maneira adequada para estas obras e que muitos maestros acham antiquada) e os contrabaixos.

FRANCINE BENOIT

Audições escolares

Com a apresentação de um grupo de discípulos da classe de Piano do professor Campos Coelho, iniciam-se na próxima quinta-feira, ás 17 e 15, as audições escolares do corrente ano lectivo, no Conservatório Nacional. Colaboram os alunos Aida Vieira de Sousa, Maria José Nobre, Maria João Alexandre Pires e António Vitorino de Almeida.

Uma sessão fonográfica dedicada á musica portuguesa

Amanhã, ás 18 horas, no anfiteatro de Química do Instituto Superior Técnico, efectua-se mais uma sesão fonográfica promovida pela Associação dos Estudantes daquele estabelecimento de ensino.

Saliente-se o particular interesse desta sessão, pois nela vão transmitir-se obras de Luís de Freitas Branco, Fernando Lopes Graça e Frederico de Freitas, que serão acompanhadas de notas e comentários elaborados pelo crítico sr. Nuno Barreiros.

Para esta audição de obras da musica portuguesa, que poucas vezes são incluidas nos habituais programas de concerto, a entrada é livre.

A nova ópera de Rui Coelho

A nova ópera do maestro Rui Coelho, que brevemente será apresentada em S. Carlos, por iniciativa da «Acção Nacional de Ópera», terá como intérpretes, nos principais papeis, Natália Viana (soprano), Carlos Jorge (tenor) e Hugo Casais (barítono).

A acção da ópera passa-se em Lisboa, na noite de Santo António, e Rui Coelho escreveu-a sobre o poema do escritor francês Charles Oulmont.

DEIXOU LISBOA

a directora do Centro Internacional de Estudos Pedagógicos

No avião da TAP, regressou a Paris a directora-geral do Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, Edmé Enatinguais, que veio a Lisboa a convite do Ministério do Exército, com a finalidade de, no Instituto de Odivelas, realizar uma conferência destinada a professores do ensino liceal e técnico, subordinada ao tema «Os novos métodos de ensino». No aeroporto apresentaram-lhe cumprimentos o sr. capitão Columbano, em representação do ministro do Exército, e alguns elementos do corpo docente daquele instituto.

NABO GIGANTE

numa horta de Évora

EVORA, 6 — Outro nabo gigante, de maiores proporções do que aquele a que há dias fizemos referência, e que pesava 4 quilos e 750 gramas, foi agora colhido em Évora.

Este novo exemplar, pesa 5 quilos 150 gramas e foi igualmente produzido na «Horta da Bola», propriedade do sr. Francisco Caeiro, desta cidade.

O fenomenal nabo está em exposição na montra de «A Agrícola», da Rua do Raimundo.

O FIM DO ANO

na Figueira da Foz

Numa iniciativa da Comissão Municipal de Turismo efectuar-se-ão, na Figueira da Foz, grandes festas do fim do ano. No dia 31, á tarde, decorrerá o IV «Rallye» do Fim do Ano, e, á noite, no Grande Hotel, haverá baile «reveillon». No dia 1, efectuar-se-á o Concurso de Elegancia Automóvel.

A MELHOR REVISTA DOS ULTIMOS ANOS

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»

As 20.30 e 22.45 Adultos-M/17 anos

ESTÁ EM CENA NO TEATRO
MARIA VITÓRIA
APRESENTADA E DIRIGIDA POR
SALVADOR
POR CAUSA DELAS...
UM ÊXITO MEMORÁVEL COM

BIBI FERREIRA · ANTÓNIO SILVA · PERLA CRISTAL
BARROSO LOPES · HUMBERTO MADEIRA · MIMI GASPAR

EMP. TEATRAL ABC, LDA.

ABC

TELEF. 36 67 83

Aida Baptista

AMANHÃ ESTREIA
DA REVISTA
VINHO NOVO

BILHETES À VENDA PARA TODA A SEMANA
(Para adultos, maiores de 17 anos)

Teatro Nacional de Dona Maria II

Na sexta-feira, ás 21 e 45, ESTREIA para inauguração da temporada

O Processo de Jesus
de DIEGO FABBRI
encenação de
D. Cayetano Luca de Tena
TODA A COMPANHIA

O «Diário de Lisboa» vende-se no PINHAL NOVO, na casa Manuel Maria Marques.

NO
VARIEDADES

EMPRESA TEATRAL AVENIDA, LDA.
À NOITE * 2 SESSÕES
ÀS 20.30 e 22.45 H.

A GRANDE REVISTA
COM JEITO, VAI!

BEATRIZ COSTA no «Zé dos Foguetes»

BERTA LORAN em «Eu sou um fenómeno»

A REVISTA QUE MARCA SENSACIONAL E TRIUNFALMENTE A REAPARIÇÃO DE
BEATRIZ COSTA
NA COMPANHIA DE REVISTAS LUSO-BRASILEIRA!!!

AMANHÃ — 2 SESSÕES — ÀS 20.30 e 22.45 horas

MAIORES DE 17 ANOS
ESPECT. P.ª ADULTOS

TEATRO AVENIDA

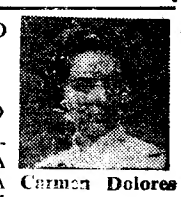
Telef. 27273
A Empresa Laura Alves em colaboração com Giuseppe Bastos

HOJE às 21,45 h.

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS
—— Maiores de 17 anos ——

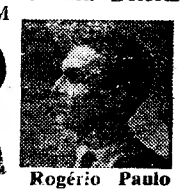
UM ESPECTÁCULO NOTÁVEL PELA SUA CATEGORIA!!!

APRESENTA EM PLENO TRIUNFO
A Companhia do
«Teatro de Sempre»
SUBSIDIADA PELO FUNDO DE TEATRO E SOB A DIRECÇÃO ARTISTICA DE GINO SAVIOTTI EM



Carmen Dolores

O GEBO e a SOMBRA



Rogério Paulo

Adelina Campos

Mário Pereira

Alberto Ghira

A IMORTAL OBRA DE RAUL BRANDÃO

UM GRITO DE CONSCIÊNCIA PARA OS QUE SOFREM!!!

O 25.º ANIVERSÁRIO
do Sindicato dos Profissionais da Industria Hoteleira

O Sindicato Nacional dos Profissionais da Industria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa vai comemorar a passagem do 25.º aniversário da sua instituição. O programa elaborado pela respectiva direcção é o seguinte: no sábado, ás 21 horas, serão para trabalhadores, no ginásio do Liceu Camões, organizado pela F. N. A. T. e pela E. N.; no domingo, ás 13, almoço de confraternização de actuais e antigos directores; na segunda-feira, ás 10, missa por alma dos associados falecidos, na igreja de S. Domingos; ás 15, tarde infantil; com os artistas Max Lossafan, Vasquito e Anhuk, seguida de distribuição de brinquedos; ás 21, sessão solene (entrega de prémios aos alunos que mais se distinguiram nas aulas sindicais nos ultimos anos lectivos).

VIELA

(Esp. clas. maiores 17 anos)

Casa de Celeste Rodrigues onde canta Alfredo Marceneiro

TEATRO
MONUMENTAL

T. 55133 (Adultos M/17 anos)
Emp. Laura Alves—Dir. Vasco Morgado

LAURA ALVES

numa peça cómica, humana e brutal!!!

A RAINHA DO FERRO-VELHO

ASSIS PACHECO * ALVES DA COSTA
Maria Helena * Artur Semedo

24.ª e ÚLTIMA SEMANA

A SEGUIR: de COLETTE
GIGI
com MILÚ na protagonista

Leiam o jornal humorístico sempre fixe

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27172
A's 15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Ultimas exibições
7 Oscars e 27 prémios internacionais Cinemascope Techn.
A PONTE DO RIO KWAI
com William Holden e Alec Guinness
Amanhã ás 21.30, Estreia «Vagabundos ao luar» — (M/17 anos).

EDEN TEL. 20768 Emp. Lopo Lauer
A's 15 - 18 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
O filme em Cinemascope
A PONTE DO RIO KWAI
Uma grande mensagem á humanidade
ATENÇÃO: Previne-se o publico de que o filme começa a ser exibido ás 15.10 - 18.10 e 21.40.

CONDES TEL. 22523
15.15 e 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª Semana com VITTORIO DE SICA, no êxito de gargalhada em Totalscope
FÉRIAS EM ISCHIA
com Nadia Gray e Myriam Bru

ALVALADE Telefone 763080
15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Ultimas exibições
A maior obra do cinema nos ultimos anos
A PONTE DO RIO KWAI
com William Holden e Alec Guinness
Amanhã ás 21.30, Estreia «Vagabundos ao luar» — (M/17 anos).

LIZ TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
OS IRMÃOS KARAMAZOV
Complementos seleccionados

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/12 anos)
2.ª SEMANA
do célebre Sr. Hulot em
O MEU TIO
Uma obra-prima em Eastmancolor de Jacques Tati.

POLITEAMA TEL. 26308
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
A extraordinária aventura de perigo e amor, em Cinemascope
A GARRA DO TIGRE
com Stewart Granger e Barbara Rush
Uma realização notável e apaixonante!

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Ultimas exibições
Um drama delicado e explosivo!
SELVAGEM É O VENTO
com Anna Magnani e Anthony Quinn
Amanhã ás 21.30, Estreia «Famintos de amor» — (M/17 anos).

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Numa grande produção colorida, com Marga Lopez e Roberto Cañedo
O DIÁRIO DE MINHA MÃE

ROYAL TEL. 845037
21 h. (M/12 anos)
Cinemascope
A NOIVA DO MAR
com Jean Collins
No programa: O Gaucho.

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
A DESAPARECIDA
Lágrimas de mulher

IMPÉRIO Tel. 551134-5
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
EM 3.ª SEMANA
A maliciosa e requintada comédia de Billy Wilder
ARIANE
com Audrey Hepburn, Gary Cooper e Maurice Chevalier

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Jack Hawkins e Dianne Foster
UM CRIME POR DIA
Um grande filme policial de JOHN FORD, galardoado 4 vezes, com o «OSCAR» da Academia.

ROMA Telefone 727778
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
Os dois maiores cómicos internacionais na hilariante sátira
TOTÓ, FERNANDEL E A LEI
com Noel Roquevert e Nathalie Nerval

RISTELO Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Cinemascope
DINHEIRO POR UM CORPO
com George Montgomery

GERRASSE TEL. 20917
A's 21 (M/12 anos)
A HORA ZERO
Quadrilha de amor

AVIS Telefone 47163
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
13.ª SEMANA
O mais belo romance musical
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com Sara Montiel e Raf Vallone

CASINO ESTORIL
A BEIRA DO PECADO
21.30 (M/17 anos) com Cur Jurgens

TRINDADE

Telef. 20000 — (17 anos)
HOJE, ÁS 21.45 HORAS
O TEATRO NACIONAL POPULAR APRESENTA O MAIOR ÊXITO MUNDIAL DOS ULTIMOS ANOS
O DIARIO DE ANNE FRANK
UM ESPECTACULO INESQUECIVEL
O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

A polémica das gerações

Da "Presença" para o "57"

por ANTÓNIO QUADROS

A polémica das gerações tem sido uma constante necessária da nossa evolução cultural. Necessária porque as ideias, como os homens, obedecem ás leis, diagnosticadas já por Aristóteles, da geração e da corrupção. Necessária porque o tempo — o tempo que é dos homens — altera constantemente as perspectivas e corrompe aqueles ideais e aqueles sentimentos que, uma vez, pareceram vibrantemente novos e originais. Necessária porque, no espaço de aproximadamente um quarto de século tempo que medeia (sem rigor) entre a «Presença» e o «57» — o movimento vital de uma cultura como a portuguesa passou por diversos estádios, surgiram novas correntes, novas obras, novas personalidades, novas ideias, e quem nelas se formou, ou quem na sua formação tomou parte activa, não pode de forma alguma ter o mesmo prisma de visão que tiveram, um quarto de século antes, os seus predecessores. Nestas condições, a polémica é inevitável — por muito que de negativo e de inferiorizador ela exprima, sobretudo quando se entra no campo dos juizos pessoais, auxiliados por insinuações políticas. O abismo entre duas gerações que se digladiam mais se alarga ainda quando os homens da geração anterior ou posterior, em vez de discutirem a partir de uma liberdade intrínseca perante a verdade, discutem como prisioneiros da sua própria vontade — e tal acontece sempre que uma tradição colectiva entra em crise. Defender, confirmar, demonstrar a sobrevivência das ideias por eles expendidas há um quarto de século, sem curar de compreender as razões novas da nova geração, antes as reduzindo e degradando a esquemas mentais desactualizados, eis o que revela uma vontade ligada ao orgulho, mas não um sincero amor pela verdade. Do mesmo modo, afirmar intransigentemente que só há verdade nos seus conceitos, sem curar de procurar a verdade da geração antiga, eis o pecado similar que pode tentar a vontade das gerações de hoje. Há, em todo aquele que intervém na polémica das gerações, um egocentrista de raiz: em ultima análise, trata-se de uma defesa e justificação do *eu* na sua escolha vital e espiritual. Posto nestes termos, o problema adquire uma categoria de razão. O polemista tem com efeito razão ao proclamar os direitos invioláveis da sua subjectividade, pois cada um de nós deve pensar *como se* o nosso pensamento representasse efectivamente a mais válida perspectiva da verdade, Apenas duas notas nos permitiremos acrescentar: a primeira é que se nos afigura, até demonstração do contrário, que, se a vida é mais um fluir existencial do que uma fixação em essências de que aquele fluir fosse um mero complemento, então a geração actual tem por si, em subjectividade, uma maior harmonização á lei antropológica e até cosmológica; a segunda é que a polémica de gerações não é obrigada a processar-se fora da ética mínima do respeito pessoal pelo adversário: quem desrespeita tal ética introduz um elemento de paixão, de virulência sentimental, de narcisismo ao mesmo tempo na pressuposição da majestade e da desprezibilidade do *eu* e do *outro*, que vicia desde logo a legítima oposição.

Tudo isto a propósito da polémica que neste momento — e mais surda do que expressamente — opõe a geração ou a corrente da «Presença» á geração ou á corrente do «57». Um artigo muito recente do escritor presencista Adolfo Casais Monteiro no «Diário de Lisboa» (1) sobre o «57», como artigos anteriores de João Gaspar Simões e de José Régio, no «Jornal de Notícias» (Porto), «Diário Popular, e «Diário de Notícias», sobre o mesmo movimento cultural, bem como réplicas nossas, vão dando corpo e figura literária ao que, afinal, tem raizes muito profundas no evoluir de uma espiritualidade portuguesa na sua integração numa espiritualidade europeia. Se é certo que há a lei histórica da polémica das gerações, muito mais acentuada em Portugal depois de seiscentos, não é menos certo que essa lei é a variável de uma outra lei bem mais poderosa. A espiritualidade portuguesa contém em si multiplas sementes e tradições. Elas imprimem ao dinamismo geracional, mais do que uma problemática de vontades em choque: uma problemática de sucessivas erupções criacionais dessas sementes e tradições, divididas numa alternativa dramática que tem impedido uma evolução continuada e consequente do pensamento português. Á expressão cultural de um dos termos da alternativa segue-se a expressão do outro termo e assim durante séculos, o que explica em grande parte que a cultura portuguesa admita interpretações perfeitamente distintas e até contraditórias, com alternancia contínua de luzes e sombras. Só que as luzes de uns são as sombras para os outros e vice-versa. Tal condição é tão funda que até já tem o seu mito literário: entre a radicação cautelosa, medida e fixista do Velho do Restelo (presença do elemento terrestre) e a aventura hipotética, imaginosa e movente do Infante ou, no símbolo camoneano, do Gama (presença do elemento líquido), medeia a incomensurável distancia entre o estatismo do *facto* ou do *feito* e o dinamismo do *futuro* ou do *por fazer*. E' desde logo e na visão de um mitógrafo esclarecido do século XVI, a alternativa de dogmatismo e liberalismo, europeísmo e atlantismo, positivismo e transcendentalismo que, já ao tempo de Camões passara a ser a corrosiva dilemática da existência filosófica e psicológica de Portugal. Se a dinastia de Avis — desde a Inclita eGração até ao momento em que, mal aconselhado, D. Manuel I expulsa os judeus — representara uma continuidade iniciática e tradicional culminando por necessidade do próprio conteudo ideológico, nos Descobrimentos, a partir de D. João III, a alternativa seria fatal para a livre expressão do génio português. Teriamos a nossa sina ou o nosso fado: D. João III contra D. Manuel (quando o rei ainda assumia a Pátria); geração positivista e absolutista dos *Vencidos da Vida* contra a geração romantica e liberal de Garrett e Herculano; geração da *Presença* contra a geração da *Renascença* — momentos agudos, entre muitos outros. Como transcender a polémica antiga? Se, de 1385 a 1515, a continuidade tradicional se estruturava em volta de uma específica doutrina monárquica do trono, da hierarquia e, de um modo geral, do homem português (V. «O leal conselheiro», de D. Duarte), urgia para restabelecer a síntese, uma doutrina, não já monárquica, mas agora republicana, que desse carácter de necessidade e não de contingência (sujeita ás mil flutuações da política), ao movimento do povo português dentro da gesta do destino humano. Foi este o intento genérico da actividade da *Renascença* mòrmente dos seus maiores (Sampaio Bruno, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro) e de alguns dos seus directores ou colaboradores mais activos (Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa), Faltou, porém, a estes grandes percursores da corrente actual do «57» — agora posta em causa — um sistematismo que estruturasse com rigor lógico as diversas posições individuais na sua relação mutua e com a colectividade tradicional em que se inseriam pelas leis do espaço, do tempo e da existencialidade do espírito. Tal sistematização só surgiria mais tarde, quando principiou a ser deduzida, a partir de 1943, a problemática da filosofia portuguesa.

A «Presença» aflora precisamente e significativamente e ntre a corrente da *Renascença Portuguesa* e a do «57» (sem que queiramos comparar em importancia os dois movimentos e em valor os seus componentes: é incomparável, no nosso século, a *qualidade* dos homens da *Renascença)* — e combate por igual aquele antecedente e este consequente, porque a formação positivista dos seus críticos não admite a aventura futurista do espírito, mas tão só a crítica restrictiva do facto, do que foi feito, do que está imóvel, do livro que não é livre. Ressalvam-se as excepções: repete-se que a «Presença» ou é *passado* (uma revista que se publicou em tempos e só historicismos se vai desenterrar aos arquivos) ou é efectivamente *presença* e então devemos medi-la pela posição que, perante os problemas actuais tomam os seus representantes «oficialmente» encartados, nos dias de hoje, em jornais de hoje, em livros de hoje.

Passamos pois — tão brevemente quanto soubermos — a responder ás acusações formuladas por Casais Monteiro no seu artigo. São elas, em essência (tentaremos interpretar validamente o pensamento de C. M.):

1.° — E' impossível comentar a «Presença» sem a conhecer de perto, nos documentos que constituem a sua colecção. Pecado que nós próprios confessámos no artigo do «57» sobre José Régio.

Esclarecemos que a geração nova ignora e é indiferente a essa «Presença» documental que é um *acontecimento factual do passado*. Então por que continua a geração nova a ocupar-se da «Presença», pergunta C. M.? Respondemos, *porque a «Presença» continua a publicar-se*. E é perante esta *Presença* que continua a falar, a escrever, a doutrinar incessantemente, agora nas colunas do «Diário de Lisboa», do «Diário de Notícias», do «Comércio do Porto», etc., etc...., através dos escritos de Casais Monteiro, Régio e Gaspar Simões, que a geração nova se situa. A *Presença* é hoje, quase exclusivamente constituída por essa tríade. Os outros directores ou orientadores afastaram-se, evoluiram, perseguem agora outros destinos, querem-se mais criadores do que historiadores — como Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt ou Miguel Torga. Culturalmente, a geração nova tem tanto interesse em ir ao museu das publicações consultar a *Presença*, como a *Revista de Portugal* ou o *Arquivo Pitoresco*. A *Presença* que provoca a reacção cultural das novas gerações não é essa passada, — mas esta, hodierna e viva, cujos redactores encartados se resumem a uma tríade fiel, valorosa, e ortodoxa á sua própria anterioridade fixa. Não queira Casais Monteiro reduzir a cultura á história da cultura, como parece mandar-lhe a sua própria subjectividade.

2.° — Pretende Casais Monteiro, numa segunda instancia, esmagar-nos com um raciocínio em que o unico argumento de peso é o recurso a paixões políticas candentes que procura manejar em domínios a que legitimamente não pertencem. Assim depois de afirmar maliciosamente que reeditámos no «57» os argumentos antipresencistas do neo-realismo, escreve esta frase cujo maquiavelismo é afinal, bem ingénuo: «*A. Q. está longe de ser marxista; é, pelo contrário, um convicto nacionalista, e uma das cordas mais desferidas em «57» é precisamente a de que a cultura portuguesa deve voltar costas ao Mundo...*». Passando por sobre este português de... «corda desferida» temos a dizer que:

a) admitimos perfeitamente, ao contrário de C. M., que o neo-realismo tenha outras interpretações além da marxista. Isto de filiar tão vincadamente uma corrente literária, numa corrente política, é jogo perigoso e, vamos lá, pouco ético e generoso.

b) não somos efectivamente de formação marxista. No entanto, um pensamento derivado de Hegel será para nós sempre superior a um pensamento derivado de Augusto Comte. A argumentação anti-presencista do neo-realismo, porque é hegelina e exige o pensamento ou o espírito na obra de arte, é perfeitamente válida no seu aspecto crítico e, em verdade, aceitamo-la nessa medida e só nessa medida.

(Continua na 11.ª página)

«A OURIVESARIA ALGÉS»
Apresenta a V. Ex.as um completo sortido em JÓIAS, RELÓGIOS e artigos de PRATA e OURO, próprios para Brindes de NATAL e ANO NOVO, a *PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA*
Agente Oficial OMEGA e TISSOT
Compra e Venda de Objectos em 2.ª Mão
AV. COMBATENTES, 13-A /// Telef. 012523 /// ALGÉS

GUERRA AO TABACO...

Doentes do coração

e de outras graves doenças

Cuidado com a propaganda...

Só a consciência de que tento acudir a tantas pessoas inocentemente vítimas duma criminosa exploração, é que me traz, de vez em quando, a insistir com alguns desprevenidos, enganados com notícias falsas que se publicam para os descansar e levar a prosseguir no triste e absurdo mau hábito de fumar.

Há assuntos sobre os quais se podem ter opiniões diferentes. Mas neste do tabagismo, desde que se estude e se veja que não há um médico ou pessoas de outra profissão que tenha falado de tabagismo com consciência, que não chegasse á conclusão de que é origem de variadíssimos males, que é causa de degenerescência da raça, que apaga a personalidade, que entorpece as ideias, que prejudica a inteligência, embota os sentidos e a sensibilidade moral — como pode explicar-se que de vez em quando apareçam notícias, pretendendo enganar os pobres fumadores, que estão sempre á espera duma desculpa para continuar queimando a vida?

E' claro que, nessas condições, desde que, quem estudou conscientemente o assunto lhe diz que não deve fumar, mas aparecendo outros com falsa propaganda a ludibriá-lo, o fumador só pode fiar-se na sua própria inteligência para conseguir escapar á fraude organizada, que lhe quer apanhar dinheiro sem se importar que morra mais cedo, que tenha um triste fim de vida, respirando por um buraco na garganta, com uma ou as duas pernas cortadas, com uma angina de peito, etc., ou desapareça de um dia para o outro, coitado, por causa do coração; o culpado foi o coração, não foi o tabaco, diz-se depois.

Quando é sabido que o pior mal do tabaco é arrazar o coração e os vasos sanguíneos, a ponto de 75 por cento dos recrutas ingleses, julgados incapazes, o serem, por corações arruinados pelos cigarros. Isto aos 20 anos!

O fumador também não pensa nisso, agora que está narcotizado pelo estupefaciente; nem sequer podendo raciocinar, pois prefere sonhar acordado. O pior é o seu triste acordar de vez e já sem remédio.

Parece haver realmente criaturas de tão boa fé que qualquer notícia, desde que venha de fora, mesmo que seja com nomes inventados de médicos, os sossega imediatamente, levando-os logo a comprar um cachimbo, uma caixa de charutos ou um maço de cigarros que apareceu recentemente com «filtro especial», pretendendo excluir o alcatrão, mas deixando passar o dinheiro para a bolsa dos... interessados. Não reparam que estão apenas pagando algodão pelo preço do tabaco, deixando da mesma maneira passar o fumo, e é esse que é perigoso.

Um dr. Pybus, por exemplo, afirmou: «A atmosfera de certas cidades produzia o mesmo efeito sobre os seus cidadãos se todos fumassem 100 cigarros por dia. Que o mal era da poluição da atmosfera e não do tabaco».

Supondo que mais alguém, além dele, pudesse ter pensado tal dislate, pergunto então, que aconteceria áqueles que, a par dessa poluição, ainda fumam outros 100 cigarros? Como pretenderia explicar que 96 por cento dos cancros do pulmão aparecem no fumador, que o cancro da laringe quase só aparece também no fumador, quando toda a gente respira a mesma atmosfera?

A esse médico respondeu logo daí a pouco outro colega, dizendo que só médicos fumadores ou fazendo reclame de empresas tabaqueiras, poderiam dizer que o tabaco não era absolutamente nocivo á saude.

Mas o que mais entristece é ver que, entre as centenas de médicos ilustres de todo o Mundo que não hesitaram em condenar o tabaco, sem qualquer preocupação de interesse, publicando obras elucidativas sobre os maleficios desta planta ultra-venenosa, se contam bastantes espanhóis, muitos brasileiros... e nem um só médico português.

Aqui, continua-se deixando o pobre ignorante — que não tem inteligência suficiente (e como poderia tê-la?) para descobrir que o estão a ludibriar com noticias falsas — a envenenar-se, a prejudicar os filhos e a consorte, neste caso com bem pouca sorte, pois que até a levaram a fumar para haver companhia na desgraça, costume mais repugnante ainda na mulher, que devia defender a saude dos filhos.

Seria natural que os nossos médicos se preocupassem um pouco com a saude, moral, mental e fisica, dos Portugueses.

Depois de ter visto já, nesta cruzada humanitária e patriótica, tantos fumadores que vão desaparecendo aos 50 e aos 40 anos, quase só por causa do tabaco, como é possível que se finja não dar por isso? Pois não vemos, pelo mundo fora, procurar alterar-se aquele antigo critério de que o médico deve viver da doença? Não será a altura de entre nós também as coisas se modificarem, de forma a que ele possa viver da saude dos cidadãos? O papel do médico não se dignificaria? Não seria a altura de voltar a prestar o juramento de Hipócrates?

Mas é tão verdade que o tabaco entorpece as ideias, prejudica a inteligência, que vários fumadores ficam furiosos comigo por pretender acudir-lhes... enquanto consideram amigos os que lhes oferecem cigarros.

E como se pretende exterminar o cancro, sem fazer a campanha contra o tabaco? Ou pretende-se que haja muito cancro, para haver que fazer?

RIBEIRO DA FONSECA
(Brigadeiro aviador).

Vida artística

Pintura, escultura, ceramica e desenho no 1.º Salão de Arte Moderna da Casa da Imprensa

Carlos Botelho

O 1.º Salão de Arte Moderna da Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20), reune peças de pintura, escultura, ceramica e desenho dos artistas mais significativos de modernas tendências. E' extensa a lista dos pintores, escultores, ceramistas e desenhadores que colaboram no 1.º Salão de Arte Moderna da Casa da Imprensa. Publicaremos amanhã os nomes de todos aqueles que quiseram colaborar neste certame. No entanto, julgamos interessante salientar que artistas como Vieira da Silva, Almada, Barradas, Abel Manta e Carlos Botelho expõem com os mais jovens, como Bartolomeu Cid, António Areal, Francisco Relógio, Luís Jardim, Benjamim Marques, D'Assumpção, Gonçalo Duarte, Viola e outros. A exposição é inaugurada depois de amanhã, ás 16 horas.

Exposição de Adelaide Lima Cruz

No próximo dia 10, a distinta pintora Adelaide Lima Cruz inaugura na «Mansarda», galeria de arte, á Rua D. Pedro V, 65, uma exposição intitulada «Uma página de «ballets», na qual apresenta as suas impressões plásticas sobre os «Bailados Russos» de 1918.

Exposição Santi-Gisella

Amanhã, na galeria de exposições do «Diário de Notícias, na Rua António Maria Cardoso, 41, inaugura-se um certame de pintura da artista Santi-Gisella.

Exposição em Évora de motivos alentejanos

ÉVORA, 7 — O artista trasmontano Correia de Morais, apaixonado pela campina alentejana, pelo que há muitos anos fixou residência em Montemor-o-Novo, expõe, actualmente, nos salões da Comissão Municipal de Turismo de Évora, uma colecção de 50 quadros a óleo e pastel, alguns do género simbolista, mas a maioria sobre motivos rusticos do Alentejo. A exposição estará patente durante alguns dias.

LIVROS NOVOS

«CHAMA DA MOCIDADE», pelo sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa

Com o título ardente e luminoso de «Chama da Mocidade» reuniu agora em volume o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional, os discursos de circunstancia que tem proferido no exercício daquele alto cargo. Passa através deles um pouco da vida nacional, em acção e manifestações juvenis, nomeadamente no que respeita á Mocidade Portuguesa.

O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa não é um orador de oportunismos. O seu pensamento tem volume e o seu estilo, natural e claro, aparece despojado de todas as gangas da falsa eloquência.

«Chama da Mocidade» demonstra, na realidade, um espírito que se devotou a uma causa, quer-nos parecer mais por ela própria, em seu valor e expressão, do que por efeitos de dirigismo político, sempre contraproducentes, porque a mocidade, em todos os tempos, se tem afirmado intrinsecamente livre.

Questão de idade, de liberdade de conceitos, de férvida vibração, de entusiasmo, de natural evolução e renovação. De resto, só nos devemos felicitar por isso.

Imobilizá-la nos moldes do passado seria, evidentemente, limitar o seu progresso espiritual. Todas as gerações trazem á vida algo de novo, de progressivo e, no geral, quando jovens são iconoclastas, mesmo rebeldes. Elas representam o futuro, por vezes, com soluções de continuidade. O que há de generoso, de amor pela Pátria não servido de prémio vil, como disse Camões, de idealismo actuante e até mesmo combativo. Tudo isto, afinal, são qualidades valiosíssimas que cumpre a pedagogos e dirigentes aproveitar com eficiência, não impondo outros limites que não sejam os da ética e do patriotismo.

O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa aponta neste livro quais são em seu entender os signos da juventude.

São vinte e cinco discursos e mensagens entre os quais destacamos, particularmente, aqueles que têm por temática: «Verdade, Justiça e Trabalho»; «Baden Powell, educador da Mocidade»; «Todos com um só — por Portugal».

Palavras de fé e esperança, que respeitamos, sem facciosismos, na liberdade e respeito que são devidos.

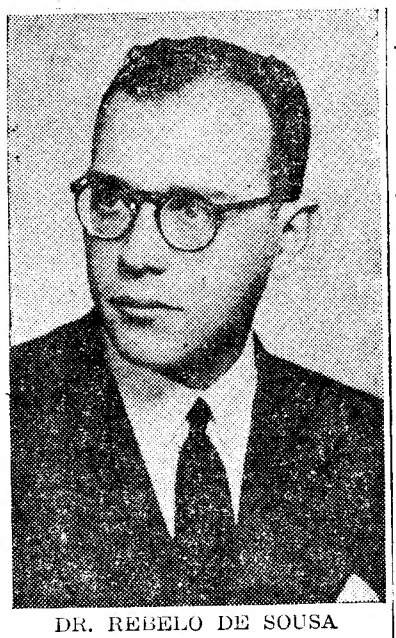
A Pátria precisa de todos os seus valores. Afirmá-lo não é um lugar comum. E' um dever, uma polarização de energias, uma congregação de vontades e de opiniões, mesmo um levantar de escudos, em que seria injusto escolher uns tantos e postergar outros.

O dr. Baltasar R. de Sousa (que é um distinto médico) observa a juventude não, apenas, como um doutrinador, mas como um psicólogo. Trata os seus problemas, com profundidade. Traça caminhos, regista factos e, sobretudo, como que se entrega, fraternalmente, a ela numa dádiva total de consciência e de inteligência.

«Chama da Mocidade» tem um prefácio, do qual extraímos — ainda será o melhor para avaliar bem o seu conteudo — os seguintes trechos:

«Quando se auscultam os sentimentos da gente moça, o que mais impressiona é o seu anseio de autenticidade, de verdade total, a sua revolta contra todo o eufemismo desfigurador, todo o sepulcro caiado por fora.

E talvez isso seja uma forma de reacção contra o embuste, a falsidade em que nos encontra e nos quais descobre o primeiro impedimento á aspiração de construir um mundo mais puro, diferente daquele que os cerca — e que aos seus olhos aparece como produto da nossa fraqueza, da nossa transigência, do nosso comodismo, da nossa abdicação, do nosso erro.



DR. REBELO DE SOUSA

«A GAIVOTA» novelas por Virginia Lopes de Mendonça

Virgínia Lopes de Mendonça é filha de um grande escritor português. Dir-se-ia que herdou de seu pai um clarão daquele talento com que ele iluminou a história, a novelística e o teatro português. E até — se nos é autorizado dizer — em estrofes magníficas e veementes, o hoje Hino Nacional, aos acordes dos quais, o povo — é ele sempre o protagonista central da nossa História — implantou a Republica com sangue, com bravura, com idealismo. Se esta recordação salta é porque a sr.ª D. Virgínia Lopes de Mendonça bem como a irmã e o irmão, foi luz vigilante não, apenas, da obra enorme que nos legou esse aprumado e liberal marinheiro escritor que foi seu pai, mas ainda tem honrado a sua memória, com um carinho, uma devoção, uma ternura que levantam dentro do seu coração o melhor monumento ao autor de «Lanças em Africa» e do «Duque de Viseu».

No «curriculum vitae» literário de Virgínia Lopes de Mendonça brilham, tanto como os seus livros e as suas peças, o melhor da alma feminina e de um espírito de bondade que abre, largas clareiras, nas florestas tentaculares de interesses do nosso tempo.

Por isso este seu recente livro, «A gaivota», constituido por duas novelas, e inserto, na «Biblioteca das Raparigas», tão português nos seus costumes, nas suas figuras, na sua linguagem, não deve passar despercebido.

Dir-se-ia mesmo que é uma das melhores prendas que enfeitam o Natal literário de 1958.

Na primeira novela, que dá titulo ao livro, a autora como que sentiu falar a voz do sangue. A sua ancestralidade marinheira dir-se-ia que a inspirou, se considerarmos que se passa num dos mais tipicos recantos da costa portuguesa, em frente ao oceano. Gente do mar e da terra, homens e mulheres, bem observados nos seus tipos e sentimentos através de um enredo que bem se pode classificar de apaixonante.

Virginia Lopes de Mendonça não se dispersa em descritivos. Para ela o humano é fundamental. «Gaivota» é uma linda e alegre rapariguinha, que consegue vencer o meio familiar e impor-se á fatalidade. Luta, sofre, para defender o seu coração. Da sua juventude fica-lhe aquela autonomia graciosa e alada — «Gaivota».

A' sua volta dezenas de tipos, outros casos de romance que nos parecem acontecidos, de tal maneira a escritora trabalha sobre a verdade e soube, penetrantemente, exprimir o que há de mais genuino na alma do povo.

Novela sadia, reconfortante, em que a vida perpassa, sem idealismos cor-de-rosa, nem negras tintas de tragédia. Já alguém disse que Virginia Lopes de Mendonça é um pouco um Julio Dinis do nosso tempo. Plenamente, de acordo. A comparação, ou melhor, a sugestão, é justissima.

A outra novela de «A Gaivota», denomina-se «Quadros da vida».

E' a um tempo citadina e rural, mas também muito sentida, muito veridica já na temática, já na figuração.

Vê-se que Virginia Lopes de Mendonça, que escreve com fluência sabe traduzir as virtudes, as paixões e os sentimentos rácicos. Com admirável facilidade, movimenta dezenas de personagens, e dialoga excelentemente.

«A Gaivota» é um livro vivo, pitoresco, bem da nossa gente e da nossa terra, dos melhores, certamente, que figuram na «Biblioteca das Raparigas». Todas o podem ler. «A Gaivota» estremecerá de alegria, embora impaciente de voar para outras mãos *(Portugália)*.

TEMAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL

A cruzada infantil

Se o Papa Celestino V pode ser dito indubitavelmente um Pedro, o eremita, creio que nenhum leitor avisado terá porém sido levado a confundi-lo com o célebre Pedro o eremita, monge francês que foi o principal pregador da 1.ª cruzada, séc. XI a XII. E se o lapso ou gralha (de não sei que lavra, absolutamente estranha á minha alçada), tivesse vindo a pescar nessa água turva da ignorancia, aqui fica posto a claro, em meridiana luz o estranho caso... A primeira cruzada se seguiram outras mais, como se sabe. Mas para que tanto os especiosos concorrentes, como os conspicuos membros dos juris do famoso *Quem sabe, sabe*, não sejam induzidos em erro, não me levarão a mal, creio, que por este meio eu tente pô-los em guarda, evitando-lhes falha na possível pergunta acerca de quantas foram as cruzadas... E' que, além do numero habitualmente dado nos compêndios oficiais de História, uma outra cruzada teria havido, a qual geralmente se omite, talvez pelo seu carácter muito especial e pelo seu desastroso fim. Insinuar-se-ia ela, como se verá, entre a quarta e a quinta da lista tradicional.

E' sabido, com efeito, que tendo-se a quarta cruzada cifrado na conquista e pilhagem célebre de constantinopla pelos cristianissimos cruzados ocidentais que ali fundaram o chamado *império latino*, — (império) a que a reacção bizantina acabaria naturalmente por pôr termo com a reconquista da cidade e a coroação de Miguel Paleologo em 1261, em Santa Sofia — durante os 60 anos em que contra esta reacção lutara esse feudal império mal seguro, procurando radicar-se, em vão, nos domínios terrestres e marítimos do vasto império bizantino desconjuntado, os cristãos da Síria e Palestina mais expostos haviam ficado ás represálias dos maometanos, a ponto de terem de pedir auxílio ao Papa, Inocêncio III ainda. Quisera este valer-lhes; mas os principes europeus andavam ao tempo ocupados com interesses muito diversos dos da Terra Santa.

«Viu-se então (1212), segundo se conta, um fenómeno de loucura religiosa, que parece inacreditável (leio em César Cantu: Hist. Universal, vol. X, trad. portug., pág. 71). Cinquenta mil crianças cruzaram-se em França e na Alemanha, e puseram-se a caminho do Oriente, gritando: *Jesus, Jesus, restitui-nos a vossa cruz* Tinha-se anunciado, a estes infelizes uma seca tão duradoura que o mar se estancaria, e nem assim se detiveram: atravessaram os Alpes, mas na Itália venceu-os e dizimou-os o cansaço. Trinta mil, que tinham passado por Marselha, caíram nas mãos de mercadores e foram vendidos na África. Diz-se que quando Inocêncio III soube deste desastre, exclamou: *As crianças são uma censura a nós, que dormimos, enquanto elas afrontam todos os perigos para acudir á Terra Santa*». «E Cantu acrescenta: «A legião infantil seria invenção do clero para estimular os brios dos guerreiros e impeli-los outra vez para o Oriente?»

Invenção clerical ou realidade histórica, as *cruzadas das crianças* encontro-as mencionadas no *Nouveau Larousse Illustré* nestes termos que me limito a traduzir:

«Cruzadas das crianças (1212) — *Albéric des Trois-Fontaines* relata que em 1212, um jóvem pastor, chamado Estêvam, dizendo-se enviado de Deus, chamou a si crianças para as levar á cruzada; seguiram-no muitas, que acrescidas de vagabundos de todas as espécies, chegaram a Marselha em numero de perto de trinta mil... Dois armadores comprometeram-se a transportá-las gratuitamente, fizeram-nas embarcar em sete navios, e foram vendê-las aos mercados de escravos de Buiga e de Alexandria. A maior parte delas morrera; um pequeno numero recobrou mais tarde a liberdade. Pela mesma época, na Alemanha vinte mil crianças, dirigidas por uma delas, Nicolau, atravessaram os Alpes para irem embarcar em Génova. Aí as privações e os obstáculos obrigaram-nas a dispersa e a renunciar ao seu projecto. Todavia o seu chefe apareceu em 1219 no cerco de Damieta. A realidade destas cruzadas de crianças tem sido posta em duvida por vários historiadores».

Na *História Universal* de G. Onken, um parágrafo especial é dedicado porém á *cruzada infantil*. Dele extraio os tópicos suficientes para cabal informação sobre o curioso e edificante assunto.

Houve, poderia dizer-se, duas cruzadas distintas: uma francesa, outra alemã. A primeira, reputada fantástica, apareceria todavia com fundamento á crítica histórica recente; da segunda, a alemã, não se teria duvidado porém.

A história teria sido a seguinte:

Em Junho de 1212, no ambiente de indiferença europeia aos apelos aflitivos dos cristãos do Oriente ter-se-ia erguido numa aldeia, perto de Vendôme a voz dum pastorzinho chamado Estêvão, declarando-se enviado por Deus, com a missão de marchar como chefe duma cruzada para conquistar a Terra Santa, predizendo que o mar se secaria diante deste exército espiritual... Percorrendo a França, suscitara grande entusiasmo com os seus discursos inflamados, apoiados até com milagres operados á vista de todos... Em breve foram aparecendo noutros pontos aqui e ali, novos pregadores, jóvens igualmente, que reuniam, das aldeias, bandos animados, que, com estandartes e cruzes, entoando hinos de glória se dirigiam á presença do menino milagroso. A quem lhes perguntava para onde iam, respondiam que para Deus em além-mar. Os pais e alguns sacerdotes mais sensatos procuravam impedi-los; mas a grande massa do povo aplaudia-os e incitava-os, porque esperava deles grandes feitos, inspirados como os cria, pelo Espírito Santo que descera sobre as crianças, chamando-as, pela sua inocência, á conquista do Santo Sepulcro perdido pelos pecados dos seus antepassados. A intervenção do rei de França não conseguiu pôr termo á loucura: se uma parte obedeceu, voltando para casa, a grande maioria não fez caso e prosseguiu, adicionando-se-lhe adultos das mais diversas condições e profissões, vagabundos, ladrões, e por fim, até mulheres e raparigas. A multidão ia sendo cada vez mais numerosa e á frente dela vinha o pastorzinho Estêvão em cima dum carro atapetado e rodeado por uma escolta, seguido de uns 30.000 peregrinos e peregrinas. Ao chegarem a Marselha para onde se tinham dirigido, dois comerciantes de escravos declararam-se dispostos a transportar á Síria esses soldados de Cristo, por amor de Deus. Embarcados pois em sete naus, e tendo duas delas ido a pique perto das costas da Sardenha, chegaram as outras cinco ao Egipto, onde acabaram por ser vendidos como escravos, tendo alguns deles, por esta via, chegado á corte do Kalifa onde se distinguiram pela sua perseverança na fé cristã. Dizia-se, quanto aos infames dois comerciantes de escravos, que o imperador Frederico II, tendo-os apanhado, os condenara á morte; e alguns dos desgraçados escravos, pela paz que em 1229 Frederico concluira com o sultão, haviam conseguido ser restituidos á liberdade.

Se tal fora o fim da cruzada francesa, o entusiasmo juvenil que sacudira a França, não ficara sem repercussão na Alemanha, sobretudo na região do Baixo-Reno, onde se apresentou no mesmo ano de 1212 uma criança de dez anos, de nome Nicolau, acompanhada do pai que acabou por vender o filho como

(Continua na 10.ª página)

VIDA RELIGIOSA

Dia de Nossa Senhora da Conceição

Com a assistência de muitos fieis, efectuaram-se hoje, em todas as igrejas e capelas da capital, solenidades em honra da Imaculada Conceição. Com autorização do sr. cardeal-patriarca de Lisboa, em muitas igrejas paroquiais a consagração a Nossa Senhora da Conceição foi lida por mães cristãs.

Foi na Sé Patriarcal que se registou maior pompa liturgica. Houve missa solene pontifical, celebrada em ritmo joanino, com homilia e benção papal com indulgência plenária dada pelo sr. cardeal-patriarca de Lisboa.

Pouco antes das 10 e 30, chegou ao templo o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que, recebeu os cumprimentos do clero e dos fieis. Depois de orar na capela do Santissimo dirigiu-se processionalmente, sob pálio, para a capela-mor, abençoando os fieis. Ali o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira tomou lugar no sólio e principiou a «Tercia». Os cónegos, primeiramente, e, depois os beneficiários prestaram então obediência ao ilustre antistite.

Terminada a «Hora de Tercia», o sr. cardeal-patriarca deu começo, no altar-mor, ao santo sacrifício da missa, tendo como presbitero mons. dr. Avelino Gonçalves, assistentes ao sólio os cónegos José Amaro Teixeira e dr. Figueiredo Sarmento, diacono de missa cónego D. João de Castro (Nova Goa) e subdiácono Armando Silva. Ao baculo, livro e candela estiveram respectivamente o beneficiado José Maria Rodrigues e os seminaristas António Centeno e António Antão.

Dirigiu as cerimónias o cónego dr. Honorato Monteiro, coadjuvado pelo beneficiado Cruzeiro Santos.

Ao Evangelho o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira saiu do sólio e dirigiu-se para a cadeira gestatória, onde pronunciou a sua homilia alusiva á Imaculada Conceição.

Prosseguiu depois a missa e, no final, o sr. cardeal-patriarca deu a benção papal com indulgência plenária. Nos cadeirais da capela-mor encontravam-se os cónegos e os beneficiados do Cabido, e no transepto os componentes da Irmandade do Santissimo.

O coro do Seminário dos Olivais fez-se ouvir, durante a missa.

Cineclube Imagem

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

Conforme disposto nos Art.ºs 15.º, 17.º e 18.º dos Estatutos do Cineclube Imagem, convoco a Assembleia Geral para reunir em sessão ordinária no próximo dia 12 de Dezembro de 1958 na Academia dos Amadores de Musica (Rua Nova da Trindade, 18, 2.º), ás 20 e 30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O ANO DE 1959

De acordo com o § 1.º do Art.º 16.º dos Estatutos, se não houver «quorum» á hora indicada a Assembleia reunirá uma hora depois com qualquer numero de sócios.

Lisboa, 5 de Dezembro de 1958.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Victor de Almeida Figueiredo

DESASTRE MORTAL

VIANA DO CASTELO, 8 (Pelo telefone) — Em Vila de Mou, a 12 quilómetros desta cidade, um automóvel conduzido pelo sr. António Pereira de Castro, residente em S. Martinho de Gandara, em Ponte de Lima, atropelou o lavrador Manuel Martins Afonso, ali residente, o qual veio a falecer no hospital desta vila na madrugada de hoje.

Museus Muncipais

Depois de ter estado encerrado para obras, reabriu o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, que pode ser visitado todos os dias, excepto ás segundas-feiras, das 11 ás 17 horas.

O desfile da nova lança de sapadores de assalto

A Legião apresentou hoje

pela primeira vez em público uma lança de sapadores de assalto

(Continuação da 1.ª página)

forme, a Brigada Naval, que tinha á frente a respectiva fanfarra, os ternos de corneteiros e de tambores, as bandeiras nacional e da Brigada Naval, com as respectivas escoltas e depois a massa cerrada de legionários.

Desfilou depois, a fanfarra com gaitas de foles do batalhão n.º 1 e cujos componentes se apresentaram com capacetes brancos, e logo a seguir e, pela primeira vez, apresentou-se uma lança de sapadores de assalto, armada com pistolas-metralhadoras. Os seus uniformes são escuros e os legionários apresentaram-se com boina vasca.

Depois, passaram as bandeiras nacional e legionária, com as devidas escoltas e, finalmente, os dois batalhões legionários de infantaria.

A missa na igreja de S. Domingos

Às 11 horas, com o templo repleto de legionários e civis, começou a missa celebrada no altar-mor pelo capelão do Governo Militar de Lisboa, major Arnaldo Duarte, ajudado por dois legionários.

Uma força legionária devidamente armada prestou honras ao altar, vendo-se junto e do lado do Evangelho, a bandeira nacional e da Brigada Naval e, do lado da Epistola, outra bandeira nacional e da infantaria legionária.

À Elevação, um terno de clarins tocou a marcha de continência e, no momento próprio, o celebrante pronunciou uma homília sobre a Imaculada Conceição e explicando as razões por que a Legião Portuguesa a escolheu como sua padroeira.

Estiveram presentes ao acto os srs. ministros da Presidência, do Interior e da Marinha, generais Valente de Carvalho, governador militar de Lisboa; e Aníbal Vaz, comandante-geral da G. N. R.; coronel Mário Cunha, comandante-geral da P. S. P.; capitão Neves Graça, director da P. I. D. E.; e outras entidades, que assistiram ao desfile.

Terminada a missa, prosseguiu o desfile das forças legionárias pelo lado ocidental do Rossio, Rua do Ouro e Praça do Comércio, onde começou o regresso a quarteis.

Cerimónias no Porto

PORTO, 8. — (Pelo telefone). — Esta manhã, no comando distrital da L. P., comemorou-se o Dia da Legião. Ás 9 horas, com o batalhão permanente n.º 12 concentrado na parada do quartel, o comandante de tércio, sr. Delduque da Costa, proferiu uma alocução. Seguiu-se missa, na igreja de Cedofeita, em sufrágio dos legionários falecidos. Foi celebrante o rev. dr. Pinho Brandão.

Depois, as forças legionárias desfilaram pelas artérias circunvizinhas do comando distrital. Finalmente, efectuou-se um almoço de confraternização, em Massarelos.

Manhã na praça

Dia de peixe miudo

—Está uma praça tão fraca que não se sabe por onde escolher!

Era assim que, injustamente, uma dona de casa se expressava, á saida do mercado do Rato. E, todavia, essa cara colega não tinha grande razão de queixa. A praça estava mais forte do que outras em tantas segundas-feiras. Havia muita hortaliça e muito peixe miudo e relativamente barato e não faltava do grande, por melhor preço.

Vejamos que esta é a verdade: pargo 6$00, 6$50 e 8$00; sardinha grande, chaputa, bogas, cachucho e besugo, de 4$00 a 5$50; ruivo e chicharro, de 3$00 a 3$50 e atum, 7$20. Depois, vinham o peixe de preços médios, quer dizer, pescada de enrolar, a 14 e 15$00, outra pescada marmota, a 10$00, corvina, a 12$00; faneca, a 11, taínha a 10$00. lulas, a 13, chocos, a 14, polvo e garoupa a 12$00, enguias grossas e vivas a 16$00. E vinham por fim os preços altos, quer dizer, o salmonete e o linguado a 35 e 38$00, goraz, a 20, azevias, a 28$00.

Algum camarão branco vendia-se a 50 e 54$00, o berbigão, a 2$00 e a ameijoa pequena, a 12$00.

Muita hortaliça nem sempre quer dizer preços acessíveis. Pelo contrário, a melhor couve portuguesa vendia-se a 2$50, embora se pudessem tirar outras também boas, a 1$50; brócolos, a 6$00, nabiças e grelos de $50 a 4$50 (dependia do tamanho) repolhos, entre 1$50 e 3$00, couves-flores, pelo mesmo preço, ervilhas, a 6$00, feijão verde, a 7$00, cenouras, a 2$50, cabeças de nabo a 1$00 (ou quatro pequeninas, a 1$00) tomate, de 2$00 a 2$50. Escusado será dizer que a caça e a criação não atleraram os seus preços e que a fruta mantém a sua equivalência com a bolsa de outras segundas-feiras: maçãs (reinetas, bravo de Esmolfe e vermelhinhas) a 12, 15 e 20$00; peros, a 20$00, bananas de 7$50 a 10$00, laranjas da Baía, 12$00, tangerinas, de 4$50 a 6$50, tanjas, a 6$50, peras, de 12 a 20$00.

Finalmente, preço corrente dos ovos: 14$00.

DONA DE CASA

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 15°,6; mínima, 9°,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16°,2; mínima, 4°,3.

— Temperaturas observadas ás 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 12°,8; na água do mar, 15°,5.

Inaugurou-se hoje em Beja

uma estátua de D. Leonor com a assistência de três ministros

BEJA, 8 — (Pelo telefone) — Esta cidade prestou hoje expressiva e solene homenagem á rainha D. Leonor, que, há precisamente quinhentos anos, nasceu entre os seus vetustos muros. Assinale-se que passa, também hoje, o 458.º aniversário da fundação da Santa Casa da Misericórdia de Beja.

Cerca das 15 e 30, no Largo da Conceição, próximo do local onde existiu o Paço, em que nasceu D. Leonor, foi descerrada uma estátua daquela rainha, da autoria de Alvaro de Brée. Ao acto, além das mais representativas individualidades locais, estiveram presentes os ministros do Interior, das Obras Publicas e da Saúde e Assistência. Estes membros do Governo foram aguardados no limite do distrito pelo governador civil de Beja, dr. Marques Fragoso, e por outras autoridades.

Em frente do velho mosteiro da Conceição, cujo exterior foi recentemente restaurado, juntou-se muito povo, tendo comparecido forças do Regimento de Infantaria 3 e da Legião Portuguesa. Viam-se também deputações da M. P. e dos Bombeiros Voluntários, que prestaram guarda de honra aos membros do Governo.

Discursaram, durante o acto o presidente da Camara, dr. José António da Silva, que apresentou cumprimentos de boas-vindas aos ministros e evocou a figura da rainha D. Leonor; e dr. José Hermano Saraiva, pela Comissão Nacional do Centenário da Rainha. Em nome do Governo discursou o sr. ministro da Saúde e Assistência, que referiu a importancia do acto e o significado da homenagem á figura de D. Leonor.

Depois da cerimónia, o eng. Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas, que de manhã assistira a missa pontifical celebrada pelo bispo da diocese, conferenciou com o presidente da Camara local, estudando problemas referentes á estação rodoviária e á biblioteca municipal.

A' noite, no salão nobre da Camara, o escritor e jornalista Joaquim Lança fará uma conferência intitulada «A bejense D. Leonor de Lencastre na História Nacional».

Partiu para Paris

uma missão militar que vai participar numa reunião da N. A. T. O.

No avião da T.A.P., partiu para Paris, com o fim de participar na reunião da Comissão Militar da N. A. T. O., uma missão portuguesa chefiada pelo sr. general Beleza Ferraz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, de que fazem parte ainda os srs. tenente-coronel Basto Machado, capitão-de-fragata Sequeira Araujo e capitão Nascimento Esteves.

Nessa reunião levar-se-á a efeito a cerimónia da transmissão de poderes da presidência, que, em sistema de rotações, por períodos de um ano, caberá a todos os países membros da N. A. T. O. nas pessoas dos respectivos chefes dos Estados-Maiores pelo general Djorne Oem, da Noruega, ao general Beleza Ferraz.

Compareceram no aeroporto a apresentar cumprimentos os srs. comandantes Andrade e Silva e João Carlos Alvarenga, respectivamente pelo Secretariado da Defesa Nacional e ministro da Marinha; e major Bessa, chefe do protocolo do Ministério do Exército.

A estátua da rainha D. Leonor, d inaugurad

O Dia da Mãe

foi celebrado em Lisboa

Dando início ás comemorações da XXI Semana da Mãe e celebrando o «Dia da Mãe», que hoje decorre o sr. bispo de Febiana, D. António de Campos, celebrou missa na igreja de S. Nicolau.

Assistiram ao acto os srs. dr. Gomes Branco, em representação do ministro da Educação Nacional; e as esposas do ministro e do subsecretário daquela pasta; a sr.ª dr.ª D. Maria Guardiola, comissária da M. P. F.; D. Aurora David, comissária-adjunta, dr.ªs, Alice Guardiola e Maria Emília Castro, respectivamente, delegada e subdelegada regional da M. P. F. e o dr. Romão Duarte, comissário-adjunto da M. P.

Na capela-mor, ao lado do altar, perfilavam-se filiadas da M. P. F., com o seu estandarte.

Ao Evangelho, o sr. D. António de Campos fez uma prática sobre o significado do «Dia da Mãe», em que elogiou a iniciativa da «Semana», anualmente promovida pela Obra das Mães.

Depois, a sr.ª D. Alice Anjos Pinto Leite (Olivais), como mãe de numerosa prole, leu a fórmula da consagração das mães portuguesas á Imaculada Conceição.

A terminar, a graduada da M. P. F. Maria Teresa Baião Nascimento, leu uma oração, também de louvor á Nossa Senhora, que foi respondida em coro pela assistência.

O Natal visto pelas crianças

A arte infantil, matéria da mais alta importancia, que só ultimamente está a ser estudada e conduzida com acertado critério, vai-se revelar na sua plenitude no concurso «O Natal visto pelas crianças», organizado pelo «Diário de Lisboa».

As crianças de Portugal, até aos 14 anos, podem exprimir artisticamente, com toda a liberdade de concepção e execução, a sua ideia de Natal. O Natal pertence ás crianças e elas têm direito a traduzi-lo segundo a sua sensibilidade, sem orientações estranhas que limitem a sua ingénua e pura imaginação.

Os trabalhos dos concorrentes devem ser entregues até ao dia 16, na redacção do «Diário de Lisboa», na nossa delegação do Porto, ou enviados pelo correio com a indicação de «Concurso Natal visto pelas crianças». Publicamos na página n.º 14 um cupão, com as indicações que devem acompanhar as obras dos concorrentes, e que, para facilitar a inscrição, pode ser colado, devidamente preenchido, nas costas do trabalho.

Um juri escolherá o melhor de todos os trabalhos que publicaremos no nosso numero de Natal. Se o numero e o nível das obras o justificar, organizaremos uma exposição.

A COZINHA ALENTEJANA

Hoje, dia do costumado descanso, perante desejo dos seus estimados clientes, continuará ao seu serviço.

Aconselha-se reserva de mesas.

Av. do Aeroporto, Lote 66 (Tel. 727071)

O bispo de Leiria

foi solenemente entronizado com várias cerimónias religiosas

LEIRIA, 8 — (Pelo telefone) — A cidade vestia hoje as suas melhores galas para festejar a entronização do seu novo prelado, D. João Pereira Venancio, o segundo depois de restaurada a diocese. Os sinos que, há um ano, anunciaram á cidade e á diocese a morte de D. José Alves Correia da Silva, foram os mesmos que hoje, em repiques festivos, anunciaram a entrada do seu sucessor na Sé Catedral.

Natural deste concelho, conhecedor da sua situação, dos seus problemas e das condições de vida dos seus habitantes, o sr. D. João Pereira Venancio é dotado de uma requintada cultura teológica, aliada a grandes dotes de caridade, modéstia e simpatia.

Por ocasião da sua entronização, o sr. D. João Pereira Venancio, desejando dar publico conhecimento do apreço que dedica aos problemas da sua diocese, acaba de nomear cónego honorário da Sé Catedral o rev. padre António Pereira Simões, vigário da vara do concelho de Orém e prior de Espite; padre Manuel Fereira Giraldo, vigário da vara de Monte Real e pároco do Soto da Carvalhosa; padre José Ferreira de Lacerda, reitor da freguesia dos Milagres; e padre Manuel do Carmo, pároco de Monte Redondo.

As cerimónias da entronização, começaram ás 14 e 30 horas, com uma concentração de fiéis em frente dos Paços do Concelho. A's 15 horas, e com a presença do governador civil, sr. dr. João Moreira, deputados pelo círculo, presidente da Camara e outras entidades civis e militares e outras entidades ralmente o salão dos Paços do Concelho, houve uma sessão, onde o sr. Olímpio Duarte Alves, onde o sr. Olímpio Duarte Alves, presidente do Município, em seu nome e da cidade, aprsentou saudações ao novo bispo, que agradeceu em seguida.

Enorme multidão aguardava, no largo fronteiro ao edificio da Camara, a chegada do novo bispo. Após a recepção oficial, organizou-se um cortejo em direcção á Sé Catedral, onde, após a leitura das bulas, por monsenhor Marques dos Santos, vigário-geral, o novo bispo dirigiu uma saudação aos fiéis. Houve, depois, missa de pontifical, seguida de um solene «Te Deum».

a autoria de Álvaro de Brée, hoje
a em Beja

Sete exposições vão ilustrar

os métodos e os resultados progressivos a que chegaram entre nós os vários ramos de Ensino Técnico Profissional

No próximo dia 13 do corrente, ao iniciarem-se os trabalhos do I Congresso Nacional do Ensino Técnico, abrirão em Lisboa sete exposições gerais do mesmo ensino, que serão todas elas visitadas pelo sr. ministro da Educação.

Não queremos deixar de assinalar desde já a real importancia destas exposições, que abrangem os graus e os ramos fundamentais do ensino em questão. Esse ensino técnico português, durante tanto tempo menosprezado, hoje habilita (e tal se pretende demonstrar) uma classe, cada vez mais numerosa, de profissionais preparados, hábeis e animosos. Orientados para as realidades, deseja-se que eles encontrem, no passado e no exercício do seu ofício um indispensável orgulho profissional e um meio de prosperarem, de consagrarem os seus esforços simultaneamente aos interesses da nação e aos das suas famílias, vivendo uma existência justa e humana.

A organização geral destas exposições, que visa identificar todas as disciplinas e actividades dos cursos a que respeitam, fornecendo assim base objectiva a eventuais sessões de estudo do pessoal docente, está a cargo de uma comissão executiva nomeada pelo Ministério da Educação Nacional e constituída pelos srs. dr. Carlos Proença, director-geral do Ensino Técnico; eng.º Rodrigues da Silva, director da Escola Industrial Fonseca Benevides; prof. metodólogo Calvet de Magalhães, director da Escola Técnica Francisco de Arruda; e arquitecto Frederico George, professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

As sete exposições, que estarão patentes ao publico todos os dias das 11 ás 19 horas, são as seguintes: do ciclo preparatório das escolas continentais da India Portuguesa, na Escolas Técnica Francisco de Arruda; dos cursos de índole mecanica, na Escola Industrial Afonso Domingues; dos cursos electromecanicos, na Escola Industrial Marquês de Pombal; dos cursos de construção civil, da Escola Industrial Machado de Castro; dos cursos femininos, na Escola Industrial Josefa de Óbidos; dos cursos de artes decorativas, na Escola de Artes Decorativas António Arroio; e do curso geral do Comércio, na Escola Comercial Patrício Prazeres.

Em todas estas escolas onde se organizam as exposições, trabalham comissões de professores e mestres especializados nos correspondentes cursos, de modo a conjuntar esforços e orientações, para que as exposições forneçam uma visão panoramica das actividades escolares dos 65.000 alunos que frequentam o ensino técnico.

Para que destas exposições, aguardadas já com grande curiosidade e interesse, o ensino técnico saia prestigiado como merece, elas serão decoradas do modo mais funcional e ao mesmo tempo artístico, de acordo com as respectivas técnicas didácticas.

As aspirações dos alunos do Ensino Técnico

Vindo ao encontro da realização deste 1.º Congresso do Ensino Técnico e querendo, justamente, aproveitá-lo para exprimir as suas aspirações, um grupo de alunos desse mesmo Ensino Técnico escreve-nos uma carta em que manifesta a sua ansiedade e a sua esperança em relação ás decisões e moções que naquela assembleia venham a ser aprovadas.

De acordo com o sentido das realizações recentemente anunciadas e previstas no 2.º Plano de Fomento e para que o ensino técnico dê, em cursos nocturnos, todas as possibilidades á formação de peritos ou técnicos especializados, sugere o grupo de estudantes que se nos dirige que as empresas colaborem efectivamente em tal medida,posto serão elas as mais directamente beneficiadas. E acrescenta a missiva em questão:

«A criação de aulas nocturnas no Instituto Industrial, a exemplo do que se faz com o Instituto Comercial (mas reservadas para indivíduos com capacidade reconhecida e ocupação diária adequada, viria ao encontro de uma velha aspiração daqueles que cedo começando a trabalhar, se vão guindando á custa do seu esforço autodidactico. Considerando também que os alunos dos cursos diurnos do 4.º ano, que corresponde ao 5.º ano do curso nocturno, podem ingressar na secção preparatória, sob a condição de obterem a média de 12 valores, pensamos que seria equitativo que outro tanto sucedesse nos cursos nocturnos. Achamos também que, num futuro próximo, se devia estudar a possibilidade de serem dispensados do exame de admissão aos Institutos industriais e comerciais os alunos que, concluindo a secção preparatória, obtivessem a média de 14 valores. Mais ainda importaria a revisão das condições actualmente exigidas (para a admissão a esses institutos) aos candidatos provenientes dos diferentes ramos do ensino, nomeadamente os que provêm do ensino secundário liceal e os do ensino técnico. Não parece inteiramente justo que sendo aqueles institutos a sequência normal do Ensino Técnico Profissional, se exijam, para idênticas provas de admissão, 5 anos de frequência dos liceus e 9 anos de frequência das Escolas Técnicas (6 anos do curso industrial e 3 da secção preparatória).

Cipriano Jardim

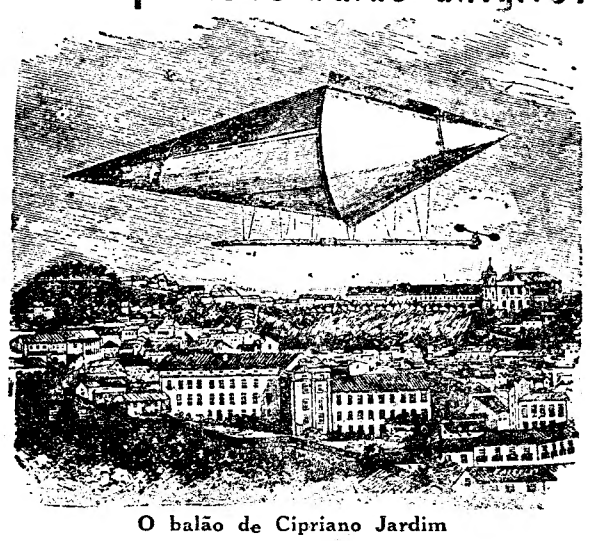
pioneiro da aviação

inventor do primeiro balão dirigível

Entre os pioneiros portugueses da conquista do espaço, há que incluir o nome do general Cipriano Leite Pereira Jardim (Visconde de Monte São) aliás citado várias vezes pelo sr. coronel aviador Pinheiro Correia.

Cipriano Jardim, aí por volta de 1886, então, ainda major, preocupou-se muito com a direcção dos balões.

Construiu a miniatura de um, que realmente se mantinha no espaço, percorrendo uma linha determinada.



O balão de Cipriano Jardim

Quando apareceram os «zepelins», talvez porque aquele nosso oficial, tivesse sido adido militar em Berlim, no século passado, houve quem escrevesse, que a criação aeronáutica do célebre conde alemão fora inspirado nos planos

Foi, pelo menos, o que afirmou o correspondente em Paris do «Diário de Notícias» Xavier de Carvalho, em seguida á primeira guerra mundial.

Cipriano Jardim, que era formado em matemática, concebeu um curioso tipo de aeronave que, a avaliarmos pela gravura que reproduzimos de uma publicação de «O Século», tinha já um sentido aerodinamico, técnica inteiramente desconhecida no seu tempo

O oficial português, realizou na Sorbonne, com grande êxito, na presença do chefe do Estado-Maior do exército francês Vaillant (talvez 1887) e numerosíssimos oficiais uma demonstração do seu balão. A experiência resultou plenamente. Mais tarde repetiu-a (1888) no São Carlos, despertando o maior entusiasmo.

A *memória* do inventor, aprovada por unanimidade pela Academia das Ciências, foi discutida, tanto nos meios científicos nacionais como internacionas.

Passava-se isto há cerca de setenta e dois anos. O Governo de então embora interessado pela sensacional invenção não pôs á disposição de Jardim os meios necessários para prosseguir nos seus estudos. Passados alguns decénios, surgia uma versão mais aperfeiçoada, que a ciência já, então, permitia ao dirigível do nosso inventor, na Alemanha. Supomos que, depois, da «passarola», de Bartolomeu de Gusmão, foi ele o primeiro português que se preocupou com veículos aéreos. Devemos acrescentar que o inventor ocupou lugares de relevo. Foi par do reino, governador de São Tomé e Príncipe, inspector das tropas do Oriente, e até jornalista, tendo desafiado Camilo Castelo Branco para uma pendência, que o bom senso de Antero de Quental, padrinho do romancista, solucionou a tempo.

As suas joias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata 257

Parques de estacionamento

O parque de estacionamento no Largo Marquês do Alegrete, durante o ano de 1957, rendeu 118.250$00, correspondente a 47.300 veículos ali estacionados.

RISCOS NA AREIA

A mulher e o livro

de ROCHA JUNIOR

Leio num jornal a morte de D. Eneida Cruz. E penso que o padrinho desta senhora deve ter sido o primeiro a admitir que a mulher, tantas vezes comparada ás coisas mais sedutoras: estrelas, fadas, auroras, também pode ser comparada a um livro. Eneida *é a obra-prima de Virgílio. A senhora agora falecida não terá tido o fulgor do famosissimo poema, mas viveu como todas as mulheres as vicissitudes de um livro, desde a sua concepção na mente do progenitor até á passagem, por velhice ou morte, para a categoria das inutilidades.*

O paralelo da mulher e do livro é um assunto para poetas e humoristas. Os primeiros, com o seu instinto divinatório, tentarão devassar a alma da mulher virgem, tão misteriosa como o livro com as folhas por abrir. Os outros tratarão de nos divertir com os seus contrastes e comparações maliciosas: as manchas, as flores murchas entre as páginas, as bibliotecas publicas onde os livros passam de mão em mão e até certos alfarrabistas que descaradamente anunciam livros de aluguer. *Os livros variam de matéria como as mulheres de feitio. Há donzelas que são romances, donas de casa que são agendas, e actrizes que são livros de anedotas. Geralmente, encadernam-se os livros quando estão deteriorados, assim como as deteriorações de algumas mulheres se encobrem com a encadernação. Há senhoras devotas que são livros de missa, meninas versáteis que são livros de horas, mulheres divorciadas que são livros de cheques e até viuvas reincidentes que parecem livros de mortalhas. Há livros premiados, como há mulheres* misses. *Finalmente, tal como o bom livro, a mulher boa não esquece. A mulher velha é um excelente clássico para deleite dos bibliófilos.*

* * *

Uma releitura casual das novelas de Voltaire pôs-me debaixo dos olhos esta curiosa passagem:

—Você, que conhece a Inglaterra, — pergunta Candide *ao seu companheiro Martin — será capaz de me dizer se a gente daquele país é tão louca como a da França?*

«— E' outra espécie de loucura — replica Martin. Você sabe que essas duas nações estão em guerra por causa de alguns quilómetros de neve no Canadá e que com essa guerra gastam mais do que vale o Canadá inteirinho. Dizer-lhe precisamente se há mais gente a pedir camisa de forças num país que no outro seria superior ao meu fraco entendimento».

Descobri oportunidade nesta observação de Voltaire, com quem os nossos comentadores políticos gostam de confundir o Dom Basílio *do «Barbeiro de Sevilha», assacando-lhe a célebre frase:* Calomniez, il en reste toujours qualque chose, *como se não fosse notório que ninguém sabe quem a pronunciou ou escreveu. Os dicionaristas têm-na atribuido correntemente a* Dom Basílio *por corresponder na aparência ao cinismo desse abjecto personagem de Beaumarchais. Mas bastam dez reis de massa fosfórica para se ver que a referida frase, seja ela de quem for, não tem o ar pedagógico de uma doutrina para hipotéticos alunos, mas sim o jeito sarcástico de uma apóstrofe a conhecidos difamadores do autor. E* Dom Basílio *falava a sério.*

Ora a observação do genial poligrafo tem para nós o consolador merecimento de nos mostrar que não é bem uma novidade isto de os homens se matarem uns aos outros por questões de lana caprina. *Os quilómetros de neve do Canadá, de que fala o herói do* Candide, *fazem boa parelha com os ilhéus de Quemoy e Matsu, que também já custaram alguns milhares de vidas — esse pouco, no entender cavernicola dos Chineses — e ameaçam custar alguns biliões de dólares — esse muito, no critério comercial dos Americanos.*

* * *

Afinal, a poesia moderna, toda interior, não oferece novidade alguma. E' um regresso á origem. Já em 1870 Teófilo Braga escrevia: «A forma lírica reflecte o estado intelectual de quem canta: o poeta é conhecido, causam interesse os pequenos sucessos da sua vida, as aventuras, os triunfos, os desalentos pessoais». *E Teófilo analisava nessa altura nada menos que os primitivos trovadores, os poetas dos cancioneiros, que só falavam de* coitas *e não conheciam outros temas senão o seu caso pessoal. A partir das origens, ao longo de quase um milénio, a poesia estendeu-se a todos os campos do pensamento, desde a história á paisagem, desde a filosofia á polémica e á sátira, alargou-se dos cantares de amigo aos poemas e á epopeia, produziu os* Lusíadas *em centenas de páginas e o* Orlando Furioso *em milhares. Ao fim desse milénio, vemos a poesia regressar ao ovo, com poemas ridiculamente pequenos, quer pelo tamanho material, quer pela envergadura mental. Três linhas a dizer que chove são já, em nossos dias, um considerável expoente de poesia moderna...*

Nogueiras
NOGUEIRA - LUIGI - LDA.
RUA NOVA DO ALMADA, 36, 1.º, D.to
TELEFONES 29064 - 28465
UM DOS MAIS ELEGANTES INSTITUTOS DE BELEZA DA EUROPA REABRIU COMPLETAMENTE REMODELADO
— DECORAÇÃO DE EDUARDO ANAHORY —

NATAL 1958
ADÃO, CAMISEIROS
VEM LEMBRAR A V. EX.ª A VANTAGEM DE FAZER DESDE JÁ AS SUAS CAMISAS POR MEDIDA

POSSUE O MELHOR CAMISEIRO
RUA AUGUSTA / 238

Policlínica de Arroios
P. DO CHILE, 14-1.º — T. 42414
Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias uri. 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doen. olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradela de Oliveira—Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pinto Monteiro—Cor. e pulm. 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sifilis, 15 h.
Dr. Eurico Alves Pereira—Clin. geral, 18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos. 17 h.
Dr. Dias Amado—Anál. clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14.30 h.
Dr.ª Maria Manuela Antunes — Doenças das senhoras, 14 h.
Dr. Luís Andrade — Ouvidos, nariz e garganta, 15 e 18.30 h.

GANHE tempo e dinheiro COM
"RAPIDO"
A PANELA DE PRESSÃO COM 5 ANOS DE GARANTIA

PRESTAÇÃO MENSAL DESDE
14$30
A' venda no representante:
CASA VAPEDRONE
Rua da Vitória, 54-56—Telf. 2 56 32

PELES HELEN
ULTIMOS MODELOS
VISONS E ASTRAKANS
AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º, Dt.º
Telef. 53735

LUVAS
PARA HOMEM E SENHORA
AOS MELHORES PREÇOS
CASANOVA
Rua da Palma, 69
Praça da Figueira, 8-A

DACTILOGRAFIA
CURSO COMPLETO: 300$00
LARGO CHÃO LOUREIRO, 1-2.

ADULTOS
3.ª e 4.ª classes ADULTOS
ESCOLA DE
Exames ráp. c/ dipl. garantidos
Telef. 862244, das 9 ás 23 horas
Largo Chão do Loureiro, 1-2.º

DE LUTO

António Antunes

Após prolongada doença faleceu ontem o artista António Antunes, que contava 63 anos de idade. Os seus trabalhos a pastel, de caracteristicas muito pessoais, figuravam, frequentemente, em diversas exposições artisticas efectuadas em Lisboa e noutros pontos do País.

Fez parte da direcção da S. N. B. A. e fundou, em 1942, o Círculo Artistico Mário Augusto, de que foi presidente até á sua morte.

Pessoa modesta, mas muito cativante, pode dizer-se que só tinha amigos. Serviu o País como combatente no guerra de 1914-18 e foi sócio fundador e director da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da capela do Asilo de Santo António, para o talhão dos combatentes, no cemitério do Alto de S. João.

ROMAGENS

Capitão Viriato de Lacerda

A exemplo dos anos anteriores, um grupo de velhos camaradas do capitão Viriato de Lacerda, que morreu no combate na Serra Mecula, há 41 anos, levou hoje a efeito uma romagem junto do tumulo daquele oficial, no cemitério dos Prazeres, onde foram depostos alguns ramos de flores.

Pequenas notícias

ASSEMBLEIAS GERAIS

Está marcada para as 21 horas do dia 15 do mês corrente a reunião da assembleia geral ordinária do Asilo de S. João, em que deverão ser eleitos os novos corpos gerentes da instituição. Se nessa data não houver numero necessário de associados, a assembleia realizar-se-á no dia 22, á mesma hora.

REGIONALISMO

Foram aprovados os estatutos do Grupo Coral dos Trabalhadores das Alcáçovas, agrupamento que tem por fim manter, nas camadas populares, o amor pelo canto alentejano e folclore local.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma bolsa, várias quantias em dinheiro, dois porta-moedas, uma bicicleta, uma cédula pessoal, um bilhete de identidade, uma sombrinha, um tampão para roda de automóvel, um sapato, uma chapa de registo de moto, uma ponta de tubo de escape, um relógio, um envelope, um livrete de automóvel, um anel, um cão, um boné e diversas argolas com chaves.

Temas de história medieval

(Continuação da 7.ª página)

escravo, pelo que veio a acabar na forca, depois de o ter acompanhado num carro em que o pequeno levava uma cruz em forma de T, indo adiante o pai, anunciando que passaria o mar a pé enxuto e que levantaria em Jerusalém um império eterno de paz. Por toda a parte as crianças eram irresistivelmente atraídas. Assim uns 30.000 meninos e meninas, além de gente perdida, chegaram a reunir-se e marcharam para o Sul, pelos Alpes. Pelo caminho, muitos morreram, outros cairam em poder de bandidos e outros voltaram para casa. O grosso da multidão conseguiu porém em 25 de Agosto chegar a Génova, donde os genoveses, receosos daquele exército tresloucado, os sacudiram, continuando eles a marcha até Brindisi. Aí, porém, graças á energia do bispo da cidade não lhes foi permitido embarcar para o Oriente, não lhes tendo restado outro recurso senão o de voltarem para trás. Uns dirigiram-se então para Roma a implorar do Papa que os desligasse do voto de cruzados; mas o Papa que antes os advertira, apenas lhes concedeu um adiamento até á idade própria em que pudessem incorporar-se numa nova cruzada. Outros ficaram desfalecidos ou mortos durante o regresso. Muitas das raparigas teriam sido seduzidas ou violadas, e algumas teriam acabado por achar protecção em famílias caritativas, ou a ganharem a vida como criadas ou trabalhadoras em qualquer parte. Parece que algumas famílias patrícias de Génova descenderiam de crianças alemãs que ali haviam ficado, conseguindo fazer fortuna, enquanto outras teriam tido um fim miserável. Poucos, destes cruzados infantis teriam conseguido regressar ás suas casas, doentes, estropiados e naturalmente escarnecidos pelos seus patrícios. Quanto ao pequeno Nicolau, parece que, apesar de todas as vicissitudes, se distinguira pelejando anos depois, em 1219, em Damieta, no Egipto.

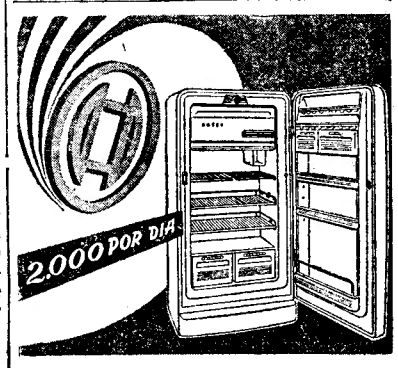
E assim teria findado esta dupla cruzada infantil, exemplar, sem duvida a todos os respeitos...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Um bocadinho e...basta!
É creme de barbear
Gillette

Um bocadinho basta, para lhe proporcionar toda a espuma de que precisa. É um creme de barbear digno das Laminas e Máquinas Gillette. Na realidade, foi fabricado ... para completar a arte de "bem barbear". É isto que ele proporciona: faz rápidamente uma espuma abundante. Contem K34, o novo antiséptico para o rôsto que conserva a maciez da pele.

Compre uma bisnaga ainda hoje



BOSCH
O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO
em qualidade, economia, técnica e preço
Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia
8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.
Refrigeração POLAR
A MAQUINA DE COSINHA BOSCH
A PERFEITA AJUDANTE DA DONA DA CASA
RUA DA EMENDA, 66-1.º-FRENTE-LISBOA-TELEFONE 23041

Hipotecas
15 a 3.800 contos emprestamos rápidamente sobre 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Juro baixo e dispensa de amortizações. CASA LAIRES — Rua da Prata, 291 2.º-Dt. — Tel. 25487

António Antunes
FALECEU

A Direcção do Círculo Artístico e Cultural Mário Augusto participa o falecimento do seu Presidente e amigo, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 14 horas, da capela do Asilo de Santo António (aos Anjos) para o talhão da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, no cemitério do Alto de S. João.

António Antunes
FALECEU

Ester Ceia Antunes, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu marido e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 14 horas, da capela do Asilo de Santo António (aos Anjos) para o talhão da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, no cemitério do Alto de S. João.

O valor da produção das industrias alimentares no nosso País

Os progressos da civilização material abrangem e envolvem em escala cada vez maior todos os aspectos da vida. No que se come e bebe, no que se veste e calça, nas exigências correntes do bem-estar individual e familiar, nas distracções, nos interesses e valores da cultura — está presente a industria. Por trás dos actos mais comezinhos da vida corrente ergue-se quase sempre, mais ou menos discreta, a chaminé de uma fábrica. E milhares ou milhões de seres humanos, no seu esforço de todos os dias, estão associados ás inumeras coisas simples — ou de simples aparência — com que cada um e todos enchem as horas do seu dia.

O trabalho da industria, essa teia imensa de actividades articuladas em todo o Mundo, tem um papel cada vez mais amplo na alimentação dos povos civilizados. Não se chegou ainda, felizmente, aos prodígios da alimentação integralmente estandardizada — em pílulas, em essências, em pós. Mas os alimentos industrializados, melhorados ou valorizados pela fábrica são cada vez em maior numero. Só temos de congratular-nos com isso em Portugal, que é um país excepcionalmente dotado pelas condições naturais para o desenvolvimento de numerosas industrias da alimentação. Dezenas de milhar de portugueses trabalham nessas industrias e delas vivem; e do que vale esse trabalho, como factor da riqueza nacional, falam com singular eloquência os numeros estatisticos.

Em 1957, diz a «Estatistica Industrial» referente a esse ano, os 20 a 22 mil trabalhadores da industria de conservas de peixe produziram 57.612 toneladas de sardinha e similares conservadas em molhos ou azeite e em salmoura no valor de 965.645 contos; 4.303 toneladas de conservas de atum que foram avaliadas em 79.075 contos; 218 toneladas de conservas de crustáceos e moluscos no montante de 4.646 contos; 216 toneladas de conservas de outras espécies no valor de 3.385 contos. Bastante mais de um milhão de contos foi incorporado no rendimento do trabalho português graças a esta industria que leva a todos os países do Mundo o testemunho da eficiência e capacidade da nossa produção alimentar.

Outro sector que a industrialização transformou profundamente e que leva os seus artigos a todos os lares é o dos lacticinios. Em 1957 Portugal produziu nas fábricas da especialidade, que absorveram quase inteiramente os antigos fabricos domésticos rudimentares, 5.727 toneladas de manteiga, no valor á saída dos estabelecimentos industriais de 177.433 contos; 2.964 toneladas de queijos no valor de 69.695 contos; e, ainda, farinhas lácteas, produtos dietéticos, leite condensado, leite em pó, caseínas, etc., avaliados em muitas dezenas de milhar de contos. Note-se que alguns produtos da industria, como as caseínas, são exportados em grande parte para mercados estrangeiros revertendo assim em benefício geral da nossa balança de pagamentos.

No capítulo da salsicharia, a industria caseira tem ainda em todo o País papel preponderante. Mas já existem valiosas fábricas com trabalho em série, cuja produção de enlatados, fumados e salgados, no total de 10.973 toneladas, foi computada no valor de 221.385 contos.

A moagem, por seu turno, desempenha um papel económico e social importantissimo. No ano a que se reporta a ultima «Estatistica Industrial» publicada registou-se a moenda de 165.063 toneladas de farinhas de trigo, 202.055 de farinhas de milho e 52.065 de farinhas de centeio — todas farinadas em rama. A moagem de farinhas espoadas, por sua vez, laborou 402.507 toneladas de farinhas de vários cereais, no valor de 1.693.912 contos á saida das fábricas, abastecendo regularmente a panificação e os fabricos de bolachas, biscoitos, massas alimenticias, etc.

Tem caracteristicas especiais a industria de descasque de arroz que manipulou naquele ano 137.329 toneladas de arroz em casca, fornecendo ao consumo 91.682 toneladas de arroz branqueado no valor de 408.782 contos — aproveitando-se para vários fins as trincas, farinhas, farelos e cascas residuais, cujo valor se aproximou dos 40 mil contos. Na refinação de açucar foram obtidas em 1957, com labor industrial extenso, 131.992 toneladas de açucar refinado, cujo valor se calculou estatisticamente em 75.205 contos. As fábricas de torrefação, por seu turno, manipulam o amendoim, o cacau, o café, a cevada, as chicórias, o grão preto, etc., calculando-se em 114.982 contos o valor dos produtos que entregaram ao consumo.

E há ainda a industria de massas alimentícias, que fabricou 49.638 toneladas desses artigos alimentares, avaliados em 476.841 contos; a de chocolates e cacaus, que produz artigos puros e açucarados, bombons, moldados, bolachas e bolos cobertos de chocolate, manteiga de cacau, massa de chocolate, etc. — tudo no valor fabril de 58.096 contos; a de confeitaria, que não trabalha apenas para sustentar a gula nacional, antes serve positivas necessidades alimentares, contando-se entre as suas produções do ano passado 2.524 toneladas de bolos no valor de 43.520 contos; 2.778 de pastelarias no montante de 48.591 contos; 1.287 de rebuçados, no valor de 22.051 contos; 1.562 de marmelada, no valor de 11.255 contos, etc.

Dezenas de fábricas de grande porte, centenas de pequenas fábricas dispersas por todo o País, preenchem o panorama deste vasto sector industrial ao serviço dos progressos da alimentação.

«Gargantas» de Lisboa

A propósito da série de «gargantas» de Lisboa, que estamos a inserir no nosso jornal, e em relação á que ontem apresentamos, escreve-nos um leitor, que se diz interessado em problemas de transito e que aponta uma solução para descongestionar o tráfego no Largo do Rato. Segundo o nosso correspondente, devia começar-se por proibir o estacionamento de veículos na faixa de rodagem Sul daquele Largo e, depois, «a eliminação total de canteiros, árvores e tudo o mais que esteja em desacordo com as actuais e futuras exigências do tráfico», segundo as suas próprias palavras.

A primeira sugestão, quanto a nós, está certa e parece uma necessidade imediata, que, sem duvida, as entidades competentes não deixarão de reconhecer.

Quanto á segunda, que nos traz sacrifícios de ordem estética, talvez seja de aguardar que as circunstancias a tornem indispensável.

1958 A 19 Dezembro

Lotaria do Natal

12.000 contos

Bilhetes e suas fracções
Aos preços correntes

Casa Costa

75, Rua de S. Paulo, 77 — Lisboa

A polémica das gerações — Da "Presença" para o "57"

(Continuação da 6.ª página)

contra um pensamento que pretende reduzir a arte ao *fazer* — ao pintar, ao escrever, ou exprimir.

c) quanto ao nosso «convicto nacionalismo», não o enjeitamos, mas remetemos C. M. para o «Manifesto sobre a pátria» do n.º 2 do «57», onde se distingue expressamente a nação da pátria e para artigos nossos dispersos onde explicitamos o conceito de pátrio-sofia. Tal conceito, com efeito, difere grandemente do de um nacionalismo a que C. M., com claras intenções de politicização da cultura nos quer amarrar. Defendemos com efeito uma imersão nas virtualidades originais da pátria portuguesa — mas estamos longe de aceitar doutrinas nacionalistas á maneira dos homens do «Integralismo lusitano», ou de outros movimentos congéneres, em que a política precede a ideia. O nacionalismo do «57» religa-se — conforme todos os textos publicados — ao nacionalismo de um Pascoais, de um Pessoa, de um Bruno, de um Junqueiro, de um Garrett ou de um Herculano — que, segundo o cremos, não podem confundir-se com as formas posteriores e germanistas insinuadas por C. M.

d) finalmente, Casais Monteiro reedita o espantoso argumento que tem sido usado á saciedade contra o «57»—de que segundo nós, «a cultura portuguesa deve voltar costas ao Mundo». Não temos procuração dos nossos camaradas e todo este artigo está concebido em nome pessoal. Mas onde encontrou Casais Monteiro vestígios, sequer, desta ideia?.

Ao contrário, ao longo dos cinco números publicados, os redactores mostraram formas de diálogo com a cultura europeia e o pensamento de um Aristóteles, de um Hegel, de um Carlyle, de um Bergson, de um Jaspers, estão presentes a todo o momento, por vezes em ensaios que lhes são expressamente dedicados (V. ensaios sobre «Hegel e a liberdade» de Orlando iVtorino, «A psicologia de Bergson» de António Telmo ou «Iniciados, inspirados e heróis» de Avelino Abrantes). Simplesmente: um complexo de inferioridade lamentável (de que participaram muitos dos críticos da *Presença)* quis traduzir *diálogo* por *chauvinismo.* Se procurámos afirmar os direitos das nossas virtualidades psíquicas, étnicas, espirituais, para ser enfim possível dialogar de igual para igual com as outras culturas, logo somos chamados *chauvinistas* e acusados de voltar costas ao Mundo. Que deviamos então fazer? Parece que reduzir a *criação cultural á importação cultural:* ler os outros, estudar os outros, mas achar perfeitamente natural que os outros nos ignorem, nos desprezem e nos considerem uma colónia cultural em que não há pensamento, mas tão só imitação!

E' evidente que consideramos a filosofia portuguesa como integrada num tronco mais vasto que pode ser a filosofia ocidental e noutro nível a filosofia europeia e noutro nível ainda a filosofia humana. Porém a existência e a afirmação de uma forma situada de filosofar corresponde precisamente á exigência do diálogo — e não do solilóquio. Somos merecedores do nosso destino como pátria com uma unica condição: que o justifiquemos com uma acção e um pensamento que efectivamente contribuam para o destino mais vasto do homem neste Mundo. Esta é a simples razão da actividade cultural de um jornal como o «57», cujos fins tantas vezes têm sido mal interpretados, apenas por não entrar nos esquemas simplistas a que os políticos da cultura se foram habituando, numa preguiça mental que acaba por entregar todas as armas aos homens de má vontade, inimigos do progresso.

3.' — A ultima parte do artigo de Casais Monteiro é uma espécie de desafio, acompanhado de ameaças: «*Na falta delas,* (explicações) *teremos de o considerar um lamentável, verboso e leviano confusionista*» (!) Como se alguma coisa nos importasse a opinião de Adolfo Casais Monteiro! Como se uma *opinião* desse tipo, esmaltada de adjectivos irados (sempre a impaciência dos homens que sobrepõem a vontade á verdade) tivesse possibilidade de tocar quem não reconheça a autoridade excomunhante de actuais ou ex-sumo pontífices da cultura!

Mas enfim, em atenção a um publico a quem o caso possa ter interessado, voltaremos ao assunto, que aliás é um pequeno assunto e não mereceria especial atenção, não fora ser, para Casais Monteiro ou Gaspar Simões um ponto de importancia e de glória pessoal. Estranhámos com efeito qeu tendo já sido Fernando Pessoa um poeta largamente publicado e discutido antes da «Presença», não obstante aqueles críticos reivindicam para si e para a «Presença» a sua descoberta» e imposição ao publico português. «*Claro que foi a* Presença *que «descobriu e impôs» Fernando Pessoa*», escreve C. M. E mais adiante: «*Onde iremos, A. Q., descobrir esses textos de todos ignorados, comprovando que, antes da «Presença», Fernando Pessoa teria sido considerado pela crítica portuguesa como quem realmente era?*»

Responderemos, mas saindo do campo em que Casais Monteiro nos quer colocar. Com efeito, nós não aceitamos de modo algum que, para «descobrir e impor» um escritor, á crítica literária seja concedido o maior ou o unico papel. Se assim fosse, como foram então descobertos e impostos todos os grandes escritores anteriores ao século XIX, isto é, á idade da crítica? Eis outro preconceito que nós, das gerações mais novas, repudiamos: uma entronização da actividade crítica em necessário detrimento da actividade filosófica.

Terá sido então preciso chegar a 1927 para descobrir e impor um poeta que: colaborava, em 1912 na *Águia* com a sua magistral interpretação dos poetas da *Renascença Portuguesa* e outros artigos; em 1913, assiduamente na revista *Teatro;* em 1915 no *Orpheu,* de que era um dos mentores; no mesmo ano em «O jornal», onde assinava uma secção regular, e ainda no jornal *Eh Real;* em 1916 na revista *Exílio* de Augusto de Santa Rita; em 1917 no *Portugal Futurista,* com o célebre «Ultimatum»; em 1920 na *Acção;* em 1922 na revista «Contemporanea» de que foi um dos mentores intelectuais; um ano depois era entrevistado para a *Revista Portuguesa* de Victor Falcão e, em 1924, Mário Saa dedicava-se largamente á análise da sua personalidade e da sua obra na «Invasão dos Judeus»; em 1923 e 1924, dirigia a revista *Athena,* que publica cinco numeros; para não chamar a «Revista do Comércio e da Contabilidade», de 1926 de que foi um dos directores, colaborava no mesmo ano na *Informação,* do Homem Cristo Filho; só em 1927 surgiria a *Presença,* onde sem duvida colaborou algumas vezes; em 1928, porém, a atestar o seu renome, o *Nucleo de Acção Nacional* publicava-lhe «O Interregno», um estudo de filosofia política; no ano seguinte organizava para a *Solução Editora* uma *Antologia de poetas portugueses modernos;* em 1932 colaborava também na revista *Descobrimento,* de João de Castro Osório; em 1934 obtinha um prémio literário do S. P. N. e colaborava no *Fradique;* em 1935, finalmente publicava no *Diário de Lisboa* o famoso artigo sobre *As Associações Secretas*—teria sido pois necessário, repetimos, o advento crítico de Gaspar Simões ou Casais Monteiro para descobrir e impor um Fernando Pessoa que, ao longo destes anos todos, não cessou de ser apaixonadamente discutido pelas suas atitudes e ideias? Faltam sem duvida muitos elementos na lista apresentada, e que propositadamente baseámos aliás na biografia do poeta por Gaspar Simões — mas estes apenas, mesmo sem falar no *Inquérito Literário* de Boavida Portugal ou nas opiniões sobre o poeta, expendidas a todo o momento pelos seus camaradas da *Águia,* do *Orpheu,* da *Athena,* do *Portugal Futurista* ou da *Contemporanea,* são mais do que suficientes para justificar o nosso ponto de vista.

Terminamos um artigo que já vai longo e, pedindo desculpa aos leitores por um historicismo que não está na nossa maneira de conceber a cultura, mas a que fomos obrigados «por desafio», não queremos deixar de salientar que não nos move qualquer má vontade contra escritores como José Régio, Gaspar Simões e Casais Monteiro. Pelo contrário, reconhecemos que todos eles têm aspectos admiráveis — Régio é sem duvida um grande poeta e um grande dramaturgo com momentos de génio que aliás, em ensaios publicados, mais de uma vez valorizámos á sua justa medida; Gaspar Simões é um crítico que, sob alguns angulos, valorizou a nossa literatura com uma devoção que seria imperdoável esquecer; e Casais Monteiro é um poeta de alcance humanistico, além de ser um inteligente analista do fenómeno literário. Simplesmente, eles *não querem* frequentemente reconhecer que as ideias evoluíram em Portugal e no Mundo, e a teimosa repetição dos conceitos em voga há um quarto de século figura, quanto a nós, na cultura actual, como uma sobrevivência imobilizante. Se a nobreza e a independência de muitas das suas atitudes como escritores e como homens merece o nosso respeito, não nos peçam, no entanto, que renunciemos aquela necessária revisão de valores e de ideias que é a necessária consequência da necessária polémica das gerações. Quiseram no seu tempo que a cultura fosse uma seriação de momentos fixos, do presente para o passado, do crítico para o livro *feito,* do historiador para a história, da obra para o momento anterior da sua expressão, ficando dissolvida nesta seriação de juizos e de opiniões, qualquer dinamização espiritual. Nós queremos, pelo contrário, que a cultura seja um movimento para o futuro e interessa portanto menos criticar do que criar um pensamento que, em acção conjunta, vá abrindo caminhos novos, horizontes novos e até um conteudo novo ao homem português e, mais largamente, ao Homem. A polémica era inevitável. Da nossa parte não há a mínima quota parte de reacção pessoal, contra eles ou por nós. O que aqui está é, pura e simplesmente, a expressão de um movimento ou um momento desse movimento. Nada mais. E que Casais Monteiro, como valor que é da nossa cultura, a continue a servir em terras brasileiras é o nosso sincero desejo, sem rancor e com toda a sinceridade.

ANTÓNIO QUADROS

(1) «A falta que faz uma antologia» in «Diário de Lisboa» de 26/11/58.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na Igreja da Pena, realizou-se o casamento do sr. Carlos Eduardo de Almeida e Carmo, filho do sr. dr. Fernando Eduardo das Neves e Carmo e da sr.ª D. Celeste Duarte de Almeida e Carmo, com a sr.ª D. Maria Daina Pereira Ribeiro, filha do sr. Manuel Ribeiro e da sr.ª D. Rufina Pereira Ribeiro.

Foram padrinhos, por parte do noivo, o jornalista e escritor Marques Gastão e sua esposa, D. Maria Justina Alvelos de Sousa Marques Gastão, e, por parte da noiva, o sr. Amadeu Cotrim da Silva Garcez, industrial e proprietário e sua esposa, D. Helena da Silva Garcez.

Foi celebrante o cónego Carlos Alberto de Sousa Ribeiro, prior da freguesia.

Assistiram ao acto, entre outras pessoas, os srs. prof. Costa Sacadura, comandante Soares de Melo e esposa, dr. Francisco Trancoso e esposa, dr. Martins da Cruz e esposa, dr. Medeiros de Lima e esposa, engenheiro Jácome de Castro e filha, dr.ª D. Manuela Soares de Oliveira, engenheiro Inácio Oom do Vale e sua esposa, dr. António do Carmo Machado, viscondessa de Oilvã e filha, etc.

O copo-d'água foi servido na residência da avó do noivo, D. Palmira Helena da Silva Neves e Carmo, irmã do falecido jornalista Hermano Neves.

Na «corbeille» dos noivos viam-se valiosas prendas.

BAPTIZADO

Na igreja de Santa Isabel, baptizou-se hoje Maria da Conceição, filha da sr.ª D. Cecília Valdez Ferreira Barros e do sr. José Mário Barros, funcionário do nosso prezado colega «Diário Popular». Foi madrinha, N.ª Senhora da Conceição, e padrinho o avô materno da neófita, sr. Artur Santos Ferreira.

Após a cerimónia foi servido um lanche a todos os convidados.

Hospital do Barreiro

Foi adiada para data ainda não determinada a inauguração do Hospital do Barreiro, marcada para hoje. O adiamento deve-se ao facto de se encontrar doente o sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos, governador civil de Setubal.

O Natal dos surdos e a CASA SONOTONE

INICIAMOS HOJE A HABITUAL CAMPANHA A FAVOR DOS SURDOS POBRES

Como nos anos anteriores rogamos ás almas bem formadas que ofereçam e nos enviem os aparelhos que já não usem ou que com eles não oiçam, para os afinarmos e adaptarmos a quem com eles poderá tratar da Vida!

A nossa Casa, este ano, oferece 10 aos mais necessitados, sendo 4 para o Norte e 6 para o Sul. Se nos ajudarem..., mais e muitos mais terão a felicidade de possuir um aparelho que nunca poderiam comprar! e assim terão um Natal mais feliz.

Inscrevam-se e ajudem-nos. Agradecida fica a

CASA DOS SURDOS

POÇO DO BORRATEM, 33, s/l — LISBOA

Especializada em prótese auditiva e óptica desde 1935

Aproveitamos para comunicar que chegaram os ultimos modelos de óculos auditivos, que ninguém diz serem para ouvir, sem consumo de pilhas e os modelos miniatura, menos visíveis, sem fios e apenas com 9 gramas de peso! Os nossos clientes de óculos auditivos têm dupla assistência: **Electro-técnica e Óptica** por sermos também oculistas. **Mesmo aos que não desejem comprar, rogamos uma visita ás nossas instalações e exposição permanente do que existe de mais moderno para correcção de surdez.**

AGRADECE A GERÊNCIA

Veja e ensaie estes novos e extraordinários aparelhos para as pessoas que têm dificuldade em ouvir

SE TIVER DIFICULDADE EM OUVIR, OUVINDO MELHOR... GOZARÁ A VIDA

E' bem natural que a sua perda de audição possa ser corrigida electrònicamente... convença-se de como um destes pequenos e leves Aparelhos Auditivos de Qualidade Zenith podem melhorar a sua precisão auditiva. E' tão leve que as senhoras podem usá-lo com as joias, os homens por detrás da gravata!

UM ANO de garantia

ZENITH®

APARELHOS AUDITIVOS DE QUALIDADE

Um produto da ZENITH Radio Corporation — E. U. A.
Os maiores fabricantes do mundo de aparelhos auditivos

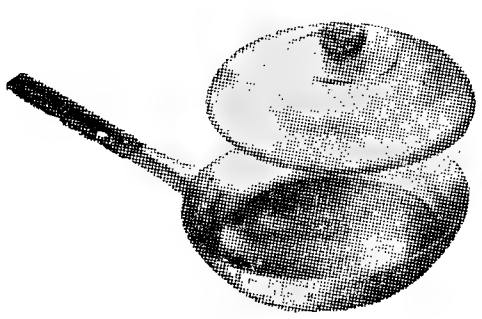
EMILIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª, L.DA
R. SANTO ANTÓNIO 137-145 — PORTO — TELEFONES, 20254/5
R. ANTERO DE QUENTAL, 17-1.º — LISBOA — TELEFONE, 53366

Representantes para Portugal dos Aparelhos Auditivos ZENITH

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS visite-nos ou chame-nos hoje mesmo

Marca Registada

«BRATFIX» a frigideira que grelha, estufa, frita, assa e faz bolos — no mínimo consumo de gorduras

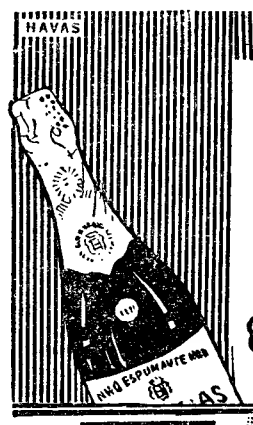


Já existem milhares de frigideiras «BRATFIX» em Portugal.
Toda a boa dona de casa se orgulha de usar uma «BRATFIX».
Se ainda não possui uma «BRATFIX» compre ainda hoje e certificar-se-á com prazer das multiplas vantagens que ela lhe oferece.

BRATFIX vende-se em 3 tamanhos, nas boas casas de ménage.
Representante: LUSOMAX-Soc. Importação e Exportação, Lda.
Rua dos Correeiros, 123-3.º, Dt.º — Telefone 30607/8 — Lisboa

---

HAVAS



Beba...

aprecie o aroma, o «bouquet», o seu paladar delicado e DECIDIDAMENTE preferirá para sempre os...

Espumantes naturais

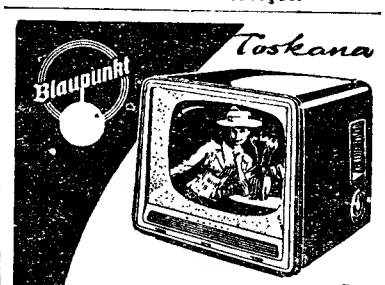
MESSIAS

os espumantes mais classificados no I e II Concurso Nacional de Vinhos Engarrafados

---

AUTOMÓVEIS

novos e usados Auto-Boavista, Lda.
R. da Boavista, 81-B. Telef. 666124
Consulte os nossos serviços.



EXCELENTE CONJUGAÇÃO DE IMAGEM E SOM
ÉCRAN DE 43 CMS.
DISTRIBUIÇÃO AUTOMÁTICA DA CÔR NEGRA
DISPOSITIVOS AUTOMÁTICOS DE LUMINOSIDADE E CONTRASTE
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
SUPRESSOR AUTOMÁTICO DE INTERFERÊNCIAS
2 ALTIFALANTES SUPERACÚSTICOS E LIGAÇÃO PARA TELECOMANDO
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA
CIRCUITOS IMPRESSOS

Preço Esc. 6.990$00
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

HAVAS

AOS BRINDES...

...alie à distinção do meio ambiente, a qualidade tradicional dos espumantes naturais VICE-REI.

...os espumantes VICE-REI oferecem-se com honra, bebem-se com gôsto.

CAVES

a Vice Rei

AGENTE E DISTRIBUIDOR

J. CANDIDO DA SILVA

Lisboa — Av. Almirante Reis, 238 — Telef. 727643
Porto — Rua S. Luiz, 12-18 — Telefs. 22602/27202

Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica
PREÇOS DE POLICLÍNICA
Consultas permanentes das 9 ás 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 68 41 91

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«PÁTRIA» 17 de Dezembro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala**. Carrega em Lisboa até 13 de Dezembro.
«GANDA» 26 de Dezembro	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito** e **Moçamedes**. Carrega em Leixões até 24 de Dezembro.
«UIGE» 27 de Dezembro	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito** e **Moçamedes**. Carrega em Lisboa de 19 a 21 de Dezembro.
«AMBOIM» 6 de Janeiro	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala**. Carrega em Lisboa de 2 a 4 de Janeiro.
«IMPÉRIO» 17 de Janeiro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala**. Carrega em Lisboa de 12 a 14 de Janeiro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 12 de Dezembro **13 de Janeiro** (ás 16 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana** e **Porto Everglades (Miami)**.

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telf. 23342

As conclusões do Congresso das Misericórdias

(Continuação da 1.ª página)

mens e socorrendo infelizes sob a invocação cristã, para melhor cumprir os seus designios de humanidade e de interesse expansionista.

As conclusões põem em especial relevo o papel das misericórdias do Brasil, cumprindo-lhe dois votos, o de agradecer e retribuir as saudações enviadas ao Congresso, através de notáveis delegados; e saudar na Misericórdia de Goa todas as outras do nosso Ultramar.

Justifica-se a impossibilidade de cumprir o voto do Congresso anterior (1932), na cidade de Braga, e tendo em conta que estiveram presentes em Lisboa 426 congressistas, portadores de 111 comunicações, pede-se que a realização do próximo congresso não seja muito dilatada.

Foi, naturalmente, a segunda conclusão (inspiração espiritual e estrutura institucional das Misericórdias e a sua historiografia) a que veio lançar uma sombra de polémica prolongável. O congresso reconheceu «não estar desvanecido na legislação o respeito pelas tradições da caridade cristã mas considerava necessários ao revigoramento das misericórdias providências legislativas que possam adequá-las, como irmandades, ao direito canónico, sem prejuizo, todavia, da sua subordinação á actividade coordenadora e fiscalizadora do Estado, num ordenamento geral da Saude, Assistência e Previdência.

A verdade é que, nunca, através de quatro séculos de exercício, as misericórdias estiveram sujeitas á voz da Igreja, antes subordinaram a sua orientação ao juizo dos homens bons, com bom espírito católico, nada parecendo mais estranho e inoportuno do que reivindicações contestáveis á luz da tradição e das razões do Estado.

Outro ponto muito importante das conclusões é o reconhecimento de que, não obstante o esforço dispendido, principalmente a partir de 1933, no sentido de solucionar problemas de carácter assistencial, se está muito longe do que seria de desejar. Reputa, assim, inadiável, uma ampla expansão de benefícios aos desfavorecidos em matéria de nivel de vida, de educação e sanidade que tarda a chegar á suficiência.

Fomento económico, melhor repartição de rendimentos e coordenação dos orgãos assistenciais nos vários ramos da actividade social são os caminhos propostos. Para tanto se baseia no espirito legislativo dos seculos XV e XVI e da própria que actualmente nos rege, com especial função para as Misericórdias. Conclui que, após completar-se a coordenação dos serviços assistenciais, é oportuno rever os principios da nossa administração sanitária, com vista a procurar a polivalência dos esquemas gerais das especialidades e orgãos de prestação directa de protecção sanitária, com amplas atribuições ás misericórdias, detentoras da maior parte do armamento hospitalar do País, graças ás dotações do Estado.

Nenhuma reforma ou novo esquema de protecção sanitária — frisou o Congresso — poderá, porém, resultar, se não se observar a simultanea reforma do condicionalismo do exercício profissional de médicos e enfermeiras. E, neste ponto, se detêm as conclusões do Congresso, ao insistir na necessidade de criar carreiras paralelas de acesso: a hospitalar e a da saude publica, destinadas a médicos e enfermeiras.

Preconiza-se, de forma bem vincada, a necessidade de promover a educação e a sanidade dos meios rurais, terminando as conclusões por formular o desejo de que as misericordias, nas suas caracteristicas de polivalência, não se confinem á assistência hospitalar mas abranjam outras actividades, sem esquecer as de profilaxia e de educação sanitária. A tuberculose e a mortalidade infantil devem continuar a constituir um dos seus desígnios e uma das suas redentoras funções.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

O anjo do aviador

Texto integral do conto de
Louis Arthur Cunningham

Só depois de algum tempo de atentas pesquisas Buzz conseguiu descobrir a casinha toda pintada de branco numa clareira do Monte Kar. Quando sobrevoava aqueles lugares, os rios, os montes e aldeias solitários, julgava que não teria a menor dificuldade em localizar um sítio qualquer. Contudo, uma vez fora do avião e pisando o terreno, reconhecia que tinha de procurá-lo como se fora um dos habitantes das redondezas.

Assim, Buzz, piloto das Linhas Aéreas Ace, agora no seu velho automóvel, aos solavancos pelas estradas da montanha, perdido por aqueles lugares, a si mesmo se classificava de idiota, a procurar a garota de vestido vermelho que o salvara, quando, conduzindo o seu avião com um precioso carregamento de crianças, este esteve prestes a esbarrar numa montanha revestida de arvoredo.

Já se passara uma semana, mas o aviador só de pensar nisso se sentia perturbado. Contudo, nenhum piloto ganhara, durante a guerra, mais sólida reputação de audacioso e competente, tanto na R. C. A. F. como, depois, na Avação dos Estados Unidos da América do Norte. Em ataques sobre a Alemanha e encarniçadas lutas na arriscada e intrépida defesa de Malta, centenas de vezes, com a morte sentada a seu lado, escapou por um triz. Nunca sentira, porém, uma sensação como a que experimentara naquele dia, uma semana atrás, quando, conduzindo trinta crianças, todas órfãs, a bordo do seu avião, para umas horas de recreio na cidade, se viu perdido no meio do nevoeiro branco a envolver a montanha. Ele adquirira o hábito de conversar com Deus nos seus momentos cruciantes. Era uma maneira especial de lhe falar, como de homem para homem, e, então, disse-lhe, numa angustiosa suplica:

— Não é por mim, apesar da dor cruciante por deixar a minha Kati e os nossos dois garotos, mas por todas as crianças que pensavam ser hoje o dia mais maravilhoso da sua vida. Sentiam-se tão felizes, meu Deus! Dizem que gostas de crianças. Pois levai-as, mas não desta maneira. Não atiradas contra uma montanha, entre ferros retorcidos e chamas terríveis!

Estava, então, mesmo no meio do espesso nevoeiro que cegava; e, como resposta á sua prece, a cerração dissipou-se, aparentemente dissolvida por um raio do Sol doirado. Lá em baixo, mas não muito em baixo, pôde ver, mesmo em frente, na encosta da gigantesca montanha, a pequena casa branca com o telhado vermelho e uma rapariguinha de brilhante vestido escarlate, tranças loiras esvoaçando, a correr e a agitar um lenço branco. Felizmente, conhecia a alva casinha e o terreno á sua volta. Elevou o avião, de forma a evitar o choque com o píncaro da montanha, e prosseguiu na sua rota, aliviado do tremendo pesadelo.

Buzz ficara íntimamente grato áquela menina de vestido vermelho; e, no primeiro dia de folga, comprou a maior boneca que encontrou na cidade e a maior caixa de chocolates e meteu-se no carro para ir visitá-la, apertá-la bem contra o peito, dizer-lhe da sua infinita gratidão e quanto gostava dela... Mas a verdade é que lhe custava a dar com a casa. Os pilotos são supersticiosos, e ele chegava a convencer-se de tudo aquilo ter sido um sonho e que, em resposta á sua prece, Deus lhe dera um sinal.

Não! não podia ser: reconhecera bem a casinha branca, onde vira, muitas vezes, uma criança no jardim! Ficava próxima do topo da montanha, enroscada um pouco abaixo da abertura entre os dois montes, por onde, geralmente, passava com o seu avião. Por fim lá deu com a casa, no términus de uma estrada que serpenteava por entre o bosque de acácias, no meio de um relvado onde corria um regato murmurante. E, ao descobri-la, Buzz sentiu a mesma sensação que teriam experimentado Colombo, Cortez ou qualquer outro intrépido explorador, uma vez atingido o lugar procurado.

Não foi, porém, ao seu encontro nenhuma rapariguinha. Da sua cadeira de baloiço levantou-se uma mulher, com ar acolhedor e que, sorrindo, o convidou a entrar. Buzz pegou da boneca e da caixa de chocolates, saiu do carro e disse-lhe, abrindo a cara num largo sorriso de satisfação:

— Venho visitar a sua filha, minha senhora! E não lhe parecerá que é ainda muito nova para falar comigo, ou receber presentes de um estranho?...

A mulher ficou um tanto surpreendida, mas, reparando nas lembranças, disse-lhe:

— Susan é, realmente, ainda muito nova. Seja, porém, como for, que pena ela ter ido hoje á cidade! Mas não quererá ter a bondade de me explicar o que isto significa?

Buzz contou-lhe a viagem das crianças, o nevoeiro cerrado a envolver a montanha, o seu avião perdido...

— Acredite — rematou — que nunca mais me esquecerei do momento em que o Sol rompeu por entre o nevoeiro, nem da menina a fazer-me sinais com o lenço!

— Susan raras vezes faz sinal aos aviões... — retorquiu a mulher — Ela... ela não gosta deles... Mas sinto-me muito contente por lhe ter ajudado a salvar os pequenos senhor Grandal! E se quiser esperar um bocado, ela e o pai não devem tardar!

— Gostaria muito de esperar, mas tenho em casa a minha gente que me espera. Queira ter a bondade de lhe entregar estas lembranças e dizer-lhe que a adoro. Talvez haja ocasião de a encontrar em breve...

— Tenho aí umas fotografias dela. Se quiser vê-las...

E a mulher foi buscar um álbum, que abriu diante de Buzz. Lá estava ela, com as suas tranças doiradas e o vestido encarnado. Conheceu-a logo.

— E' um amor de rapariga — disse o aviador —. E esse vestido fica-lhe mesmo bem...

Houve um espaço de silêncio, até que a mulher tornou a falar, embargando-se-lhe a voz de comoção:

— Oh! Esta não é a Susan: é a sua irmã mais velha, Moyra, que morreu o ano passado, quando um avião aqui se destroçou de encontro á montanha. E' por isso que Susan odeia os aviões e raras vezes lhes acena. Ela não pode ver a cor vermelha e o seu cabelo é negro como a noite escura...

A NOVA ESTAÇÃO
do Correio de Pontével

PONTEVEL, 6 — A Administração-Geral dos C. T. T. inaugurou as novas instalações do correio desta progressiva freguesia do concelho do Cartaxo, num moderno e confortável edifício que o sr. Arnaldo Serra construiu expressamente para alugar áquele organismo.

Trata-se de mais uma realização ao abrigo do plano de instalação e reinstalação de pequenas estações da província, que beneficiou já quase uma centena e meia de localidades.

Camara de Comércio
Belga em Portugal

Para comemorar a passagem do 40.º aniversário da sua fundação, a Camara de Comércio Belga em Portugal promove um almoço no próximo dia 18, ás 13 horas, no Hotel Embaixador, para o qual convidou individualidades portuguesas, nomeadamente, algumas ligadas ás actividades da industria da cortiça, do vinho e das conservas de peixe.

Vários melhoramentos foram inaugurados no concelho de Tabuaço

TABUAÇO, 8. — Para assistir a actos inaugurais de melhoramentos em várias freguesias, deslocaram-se aqui o governador civil de Viseu, o bispo de Lamego, os comandantes da P. S. P. desta cidade e da capital do distrito, da G. N. R. de Lamego, directores do distrito escolar e dos Serviços de Urbanização, e o deputado, sr. dr. Manuel Nunes Fernandes. Eram aguardados, no limite do concelho pelo presidente do Municipio local, vereadores, dirigentes da U. N., representantes das juntas de freguesia e povo, acorrendo, já na vila, para saudar os visitantes, estudantes, G. N. R. e bombeiros que lhes prestaram guarda de honra, ao som de musica e morteiros.

No salão nobre do Município, discursaram o presidente da Camara, sr. Abel de Castro Silva Bernardes, dr. João Manuel Baptista, presidente da comissão concelhia da U. N. um representante das juntas de freguesia e o governador civil de Viseu, a quem os Tabuenses expressaram as suas maiores necessidades: a electrificação do concelho e a construção de escolas.

No fim do almoço, oferecido aos visitantes, foram inauguradas em Barcos, a luz eléctrica e uma escola; em Pinheiros, o abastecimento de água; na freguesia de Adorigos, luz eléctrica, e em Távora, uma escola.

O ANO DE 1959
será dedicado ao autor do idioma esperantista

Os esperantistas de todo o Mundo dedicarão o ano de 1959 á comemoração do centenário do nascimento do médico polaco, dr. Luís Lázaro Zamenhof, autor do idioma internacional.

O Congresso Universal, este ano realizado em Mogúncia (Alemanha Ocidental), sob o patrocínio das mais altas personalidades do Estado alemão, deliberou que o próximo Congresso se realize em Varsóvia, onde repousam os restos mortais daquele que, em vida, se celebrizou sob o pseudónimo de Dr. Esperanto.

Entretanto, a I. O. K. (Comissão Internacional das Comemorações), em que Portugal está representado, conta com a valiosa adesão de chefes de Estado, laureados com o Prémio Nobel, escritores, artistas e nomes célebres de todos os países. Na vice-presidência daquela comissão foi agora incluido o nome do famoso latinista espanhol prof. dr. José Font y Puig que, com o prof. dr. José Sanho Izquierdo e o dr. Rafael Gaston, asseguram o valioso contributo da Espanha.

Em Portugal, estão em estudo e em organização várias manifestações, a primeira das quais constituida pelo jantar de confraternização no Hotel Internacional, em Lisboa, no próximo dia 15 do corrente, no qual estarão presentes os melhores valores do movimento esperantista português. Espera-se que aquele hotel afluam as inscrições de quantos não receberam convite especial, dada a magnitude desta reunião.

O PAQUETE «INDIA»
regressou do Oriente

Vindo dos portos do Oriente, chegou hoje ao Tejo e atracou na estação marítima de Alcantara, o paquete «India», com 202 passageiros, incluindo oficiais, soldados e agentes da P. S. P. que prestaram serviço naquela nossa província ultramarina.

Reuniões científicas
Na Faculdade de Ciências

Amanhã e nos dias 11, 16 e 18, ás 18 horas, no anfiteatro da secção de Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa, o dr. César de Freitas fará conferências sobre «Principios fundamentais e aplicações dos computadores digitais automáticos».

SINGEVERGA
O LICOR DOS BENEDITINOS PORTUGUESES

ELNA
Máquinas de costura, pequeninas, simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional
VENDAS E REPARAÇÕES
Em Lisboa — Largo da Trindade, 17
no Porto — R. Sá da Bandeira, 69-2.º

DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

C. Ourique e Cascais

venceram os últimos jogos do «nacional» de juniores

Os ultimos jogos do campeonato nacional, disputados esta manhã, forneceram os seguintes apontamentos:

Cascais, 4-E. Livre, 2

Jogo dirigido por Antero Perdigão. As equipas:

CASCAIS — Branco, João Freitas, Sombreireiro, José Freitas e Caetano.

ESCOLA LIVRE — M. Bastos, Angelo, Miguel, Fernando Silva, Brandão, Martel, José Silva e Carlos Alberto.

O primeiro tempo terminou com os Oliveirenses a vencerem por 2-1. Tentos de Miguel e Fernando. Freitas marcou pelo Cascais.

Na segunda parte, Freitas, aos 2, 8 e 10 minutos, fixou o resultado final em 4-2, a favor dos Cascalenses. Resultado justo.

C. Ourique, 5-Ac. Espinho, 2

Sob a arbitragem de Octávio Andrada, as equipas alinharam:

CAMPO DE OURIQUE — Luís Alves, Jorge Leitão, Virgílio, Julio, Carlos Pires, Joaquim Ferreira, Vítor Ferreira e João Custódio.

AC. ESPINHO — José Alfredo, Marçal, Alberto Joaquim, Guilherme Coelho, Raul Barros, António Figueiredo e Alvaro Rocha.

O Campo de Ourique começou o encontro na ofensiva. Pires, Julio e Virgílio fizeram 3-0. Raul reduziu para 3-1, resultado que se verificava ao intervalo.

Pires e Virgílio, elevaram para 5-1 e Raul fixou o resultado em 5-2.

Apontamentos finais

Assistiram aos encontros de hoje, os dirigentes da Federação de Patinagem, srs. Gaudêncio Costa, Vítor Lemos e Olivério Serpa.

— Quando a equipa do Campo de Ourique entrou no rinque, o «cinco» do Cascais abriu alas para os campeões passarem e os jogadores dos dois grupos abraçaram-se. Gesto de assinalar do «team» cascalense.

— No fim do desafio Campo de Ourique-Ac. Espinho os adeptos dos campeões lançaram serpentinas, enquanto a sua equipa dava a volta de honra á pista.

— As duas equipas do Norte não tomaram parte nestas manifestações.

VÁRIOS JOGOS DE FUTEBOL

Dois grupos do Benfica em acção

«Reservas» da A. F. L.

O feriado de hoje foi aproveitado para a realização de dois encontros da 8.ª jornada do torneio da taça «Dr. Oliveira Duarte», entre as «reservas» dos mais cotados clubes da A. F. L.

Do que se passou damos a seguir breves notas:

Arroios, 0-Benfica A, 1

(no fim da 1.ª parte)

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto», com numerosa assistência. Arbitro, José Banheiro.

As equipas.

ARROIOS — Geada; Costa e Artur; Paz, Mendes e Farrajota; Brito, Martins, Sérgio, Orlando e Roque.

BENFICA A—Bastos; Humberto e Ferreira; Cardoso, Djalma e Salazar; Vieira Dias, Santana, Peres, Bambo e Palmeiro Antunes.

Os «encarnados» delinearam vários lances ofensivos, pondo á prova as qualidades de Geada que no entanto, aos 35 minutos, na sequência de uma saida em falso, consentiu um golo, marcado por Djalma, resultado que se mantinha ao intervalo.

Sacavenense, 1-Atlético, 0

(no final da 1.ª parte)

oJgo em Sacavém. Arbitro José Rodrigues.

As equipas:

SACAVENENSE — Linhares; Renato e Domingues; J. Fernándes, Rui e Cardoso; Serra, Ribeiro, A. Augusto, Belo e F. Azevedo.

ATLÉTICO—Santos; A. Pereira e Correia; Mega, V. Henriques e Midões; Tomás, Amador, Apolinário, Florival e Sim-Sim.

Durante os primeiros 45 minutos o jogo decorreu equilibrado, tendo Belo marcado o tento que fez o resultado da 1.ª parte.

Os júniores do Benfica

venceram os Torrienses por 4-1

Concluiu-se esta manhã, no Campo Grande, perante 15.000 pessoas, a 13.ª jornada do Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão da A. F. L. Defrontaram-se, sob as vistas de Luís Magalhães, as seguintes formações:

BENFICA — Maló; Helder e Cruz; Carvalho, Rocha e Cardoso; Macedo, Vagumar, Luciano, Inácio e Flávio.

TORRIENSE — Adelino; Vitor e Portas; Bernardes, Narciso e Abilio; Herminio, Cecilio, Rosário, Gois e Mendes, (depois Julio).

Ao intervalo, 3-0. Jogo bem disputado, com vantagem técnica dos «encarnados» que marcaram por intermédio de Vagumar, Cardoso (de canto directo) e Luciano, aos 15, 26 e 35 minutos.

Na 2.ª parte o jogo decaiu, tendo o Torriense reduzido a diferença, aos 31 m., por Julio; no minuto seguinte, Flávio, (de recarga), fixou o resultado em 4-1.

Desta maneira, o Benfica está virtualmente apurado vencedor da série B.

...e os do Queluz derrotaram os do Amoreiras por 2-0

A contar para o campeonato de juniores da 2.ª Divisão da A. F. L., jogaram em «Pina Manique»:

QUELUZ — Vitor; Carlos e Gomes; Luís, Alvaro e Moreira; Rodrigues (depois Silva), Salgueiro, Valdemar, Braz e Rafael (depois Bicho).

AMOREIRAS — Pedro; M. Cordeiro e Filipe; Prazeres, Abreu e Abel; Eduardo, Justino, Timoteo, Ramalho e Bastos. Ao intervalo, 0-0. Luís foi o autor dos dois golos.

ANIVERSÁRIOS

O C. I. F. comemorou os seus 56 anos de existência

Em comemoração do seu 56.º aniversário, o Clube Internacional de Futebol organizou, esta manhã, no seu estádio, um festival desportivo, cujos resultados foram os seguintes: Em basquetebol — Arbitros, 54-Sócios do Cif, 28. Em voleibol — Cif, 3-F. C. Lisboa, 0 (15-1, 15-2 e 15-7). Em atletismo, os vencedores das diversas provas foram os seguintes:

80 metros — Manuel Ferreira, 9.6 s. *Comprimento* — Licínio França, 5,31 metros. *Disco* (2 quilos) — Cunha Reis, 29,85 metros. *Peso* (5 quilos) — Caetano Reis, 12,18 metros. *Altura* — Manuel Pereira, 1,45 metros. *800 metros* — Alberto Ferreira, 2 m. e 25,2 s.

Em ALMEIDA o «Sempre Fixe» é vendido por António Gaspar de Carvalho.

VELA

As regatas de «moths» do Torneio de Dezembro

O torneio de «moths», organizado pela Associação da respectiva classe, continuou hoje, em frente de Belém, com mais duas regatas, cujas classificações foram as seguintes:

2.ª regata — 1.º, Carlos Tolentino, do Algés; 2.º, A. Santos Silva, do Algés; 3.º Silva Passos, da Brigada Naval.

3.ª regata — 1.º, Ricardo Marques,, do «Mare Nostrum»; 2.º, Santos Silva, do Algés; 3.º, Carlos Tolentino, do Algés.

A' frente da classificação geral encontra-se o velejador Carlos Tolentino.

As ultimas regatas disputam-se no próximo domingo.

MOTORISMO

Resultados do «Rallye Aniversário do S. L. Benfica

O «Rallye» Aniversário, promovido pelo Sport Lisboa e Benfica, terminou esta manhã no Estádio da Luz, com a realização da ultima das provas complementares, tendo-se apurado os seguintes resultados:

Antomóveis — Categoria A — 1.º, Artur Coimbra (Bfc.); 2.º, Rui M. Silva (Spt.). *Categoria B* — 1.º, Carlos Faustino (Spt.); 2.º, dr. Pereira Machado (Bfc.). *Categoria C* — 1.º, José Mendes Pereira (Bfc.); 2.º, Santos Silva (Spt.).

«*Scooters*» — *Categoria A* — 1.º, Sarmento Rebelo (Bfc.); 2.º, António L. Monte (Bfc.). *Categoria B* — vencedor, José Luís Santos (Bfc.).

Motos — 1.º, Filipe Pinto (Bfc.); 2.º, Neto Veiga (Bfc.).

A reunião terminou com um almoço de 130 convivas — pretexto para a distribuição dos prémios.

ATLETISMO

Hélio Duarte, do Benfica, triunfou na «Volta Pedestre a Paranhos»

PORTO, 8 (Pelo telefone) — O Salgueiros, comemorando o seu 47.º aniversário, fez disputar esta manhã, pela 3.ª vez, a «Volta Pedestre a Paranhos», que constituiu assinalado êxito e foi valorizada pela presença do Benfica.

A prova de «filiados», com 28 concorrentes e disputada na distancia de 6.200 metros, foi ganha por Hélio Duarte (Bfc.), em 21 m. e 34 s., seguido de José Araujo (Bfc.), 22 m. e 0,3 s. e Armando Leite (F. C. P.), 22 m. e 32 s. Por equipas: 1.º, Benfica, 22 pontos; 2.º, F. C. Porto, 39; 3.º, Salgueiros, 59.

Outra prova, para «populares», foi ganha por Joaquim Barbosa, do Darquense, em 24 m. e 12 s. e pela Sociedade Recreio Darquense, com 11 pontos.

HANDEBOL

O Almada derrotou o Belenenses (11-8)

Disputou-se esta manhã, no Restelo, mais um encontro da 5.ª jornada do campeonato de Lisboa, de handebol, da Divisão de Honra.

Sob as vistas de Álvaro Gonçalves, alinharam e marcaram:

Belenenses—Orlando (Cavaleiro); N Carvalho (Marques) e Ferreira; Franco, Bento e Branco (1); Rodrigues, Santos Silva (4), Freitas (3), Carlos Pereira e Marques (Arlindo).

Almada—Boieiro; C. Alberto e César Silva; Correia, Laranjeiro e Alberto; Cardana (Leonel), Hermínio (6), Leal, C. Branco (3) e Aníbal (2).

Ao intervalo o Almada vencia por 7-4.

Em 2.as categorias: Belenenses, 4-Almada, 2

*

O desafio Alverca-Oriental deve estar a disputar-se á hora do nosso jornal começar a circular.

O NOVO GOVERNO

do México

MÉXICO, 8.—Do novo Governo do México, que se constituiu sob a presidência de Adolfo Lopez Mateos, fazem parte, entre outros os srs. Gustavo Diaz Ordaz (Interior), Manuel Tello (Negócios Estrangeiros) e Agustin Olachea (Defesa Nacional).—(E.).

A grande vitória em Berlim

do Partido Social-Democrático

significa uma resposta negativa aos planos de Moscovo

BERLIM, 8.—As atenções mundiais convergiram ontem para os eleitores de Berlim-Oeste que iam reeleger o seu Governo e vincar, assim posição relativamente ao estatuto de «cidade livre» proposto por Moscovo.

A contagem do escrutínio, feita a velocidade sem igual, graças a uma máquina electrónica, não desapontou quantos confiavam na lealdade dos Berlinenses ao mundo livre. Sabedores do que a consulta significava, os eleitores votaram em massa nos partidos anticomunistas.

A participação de votantes atingiu o «record» de 93.7 %, ou seja cerca de 2 % mais que nas eleições precedentes, em 1954, e o Partido Socialista-Comunista unificado (S. E. D.) não chegou a contar 2 % dos votos (1,9 %), tendo somado 2.7 % no escrutínio de há quatro anos.

Outro facto característico: os pequenos partidos democráticos são eliminados da nova Camara, pois não obtiveram o mínimo preciso de 5 % dos votos. A nova Camara de Berlim Ocidental será assim á imagem da Camara dos Comuns britanica, obtendo o Partido Social-Democrático (S. P. D.) a maioria absoluta, com 78 mandatos, sendo os cristãos-democráticos (C. D. U.), o unico partido minoritário, com 55 mandatos.

Os Berlinenses confirmaram, deste modo, a sua confiança nos sociais- democráticos que presidem aos destinos dos sectores livres da cidade, desde 1949. Aprovaram a nomeação, feita no ano passado, do burgomestre, Willy Brandt. Este, o grande triunfador, já deu a entender que, em virtude da situação particular de Berlim, a maioria do S. P. D. aceitará manter um Governo de coligação com a oposição cristã-democrática. Esta coligação garantiria, nomeadamente, uma cooperação satisfatória com o Governo de Adenauer, cuja intervenção enérgica no penultimo dia da campanha eleitoral não conseguiu provocar uma invasão da maioria. —(France Presse).

Declarações dos chefes poiíticos

BERLIM, 8.—O burgomestre de Berlim Ocidental, Willy Brandt declarou, ontem, num primeiro comentário ás eleições:

«Agradeço aos eleitores berlinenses, por terem correspondido tão expressivamente ao nosso apelo, que lhes pedia para irem ás urnas em massa. A derrota esmagadora sofrida pelo Partido Socialista-Comunista Unificado (S. E. D.), é uma resposta que Moscovo não poderá ignorar».

«Os Berlinenses — acrescentou — exprimiram, com o seu voto, que não se deixarão esmagar nunca pelo jugo comunista, e que confiaram mais uma vez, nos sociais-democráticos».

Interrogado quanto á eventualidade da manutenção do Governo de coligação com os cristãos-democráticos, o burgomestre respondeu que era preciso, em Berlim, «a maior concentração possível de todas as forças de boa-vontade». «O meu partido — afirmou — não tenciona abusar do seu poder».

Hoje, Brandt afirmou que o seu partido (o Social-democrata) não utilizaria mal a vitória eleitoral. A grave situação em Berlim não permitiu que o principal partido triunfasse completamente.

Manifestou, também, a opinião de que Moscovo não ignoraria o «golpe mortal» que os comunistas sofreram nas eleições de ontem e disse que o programa do Governo da cidade podia resumir-se nas seguintes palavras: «Berlim continua livre». Comentando a derrota do Partido Democrático Livre, acrescentou que tinha pena «do liberalismo neste país», mas que a tendência revelada indicava haver suficientes forças liberais nos dois maiores partidos.

O presidente dos cristãos-democráticos do Oeste de Berlim, Ernst Lemmer, que é, também, ministro para todos os assuntos alemães do Governo da Alemanha Ocidental, declarou que o seu partido se preparava para permanecer numa coligação, acrescentando que, «se o Partido Social-Democrata for bem avisado, adoptará a mesma atitude».

Lemmer informara que seguiria hoje, de avião, para Bonn, a fim de comunicar ao dr. Adenauer e ao seu gabinete os resultados da eleição.—(France Presse e Reuter).

A expressão dos resultados

BERLIM, 8.—Segundo os resultados oficiosos de Berlim Ocidental, o Partido Social-Democrata obteve a maioria absoluta dos lugares. A divisão no escrutínio proporcional dos 53 lugares que restam, dá, com efeito, 18 lugares ao S. P. D. e 35 ao C. D. U., não obtendo os outros partidos qualquer lugar por não terem reunido 5 % dos votos.

Na totalidade, o S. P. D. obteve, portanto, 78 lugares e o C. D. U., 55.—(France Presse).

A conferência ministerial, em Paris, sobre o problema de Berlim

BERLIM, 8. — Willy Brandt, presidente da Camara Municipal do Oeste de Berlim, declarou aos jornalistas, ás primeiras horas de hoje, que projecta ir a Bonn, no fim da semana, para discutir com funcionários do Governo federal a próxima conferência de ministros dos Negócios Estrangeiros, em Paris, sobre o problema de Berlim.

Acrescentou que tencionava, também, visitar, em Janeiro, os Estados Unidos e que estava pronto a seguir para Paris, a fim de assistir áquela conferência. — (R.).

O novo Governo da Alemanha Oriental

BERLIM, 8. — O primeiro ministro da Alemanha Oriental, Grotewohl, anunciou á Volkskammer (Camara Baixa), o seu novo Gabinete, que sofre apenas ligeiras modificações.

Grotewohl terá como primeiro-ministro, adjunto, novamente Ulbricht, secretário do Partido da Unidade Socialista (comunista), além de mais sete adjuntos. — (R.).

Grotewoh propõe negociações

BERLIM, 8 — No seu discurso, na Camara do Povo, o chefe do Governo da Republica Democrática Alemã, Otto Grotewohl, disse que a Alemanha Oriental está pronta a entabular imediatamente negociações a respeito de Berlim. Acrescentou: «Estamos, igualmente, dispostos a estudar enérgicamente a questão de um tratado de paz. De todas as questões postas pelo problema alemão, a do tratado de paz é a que tem maiores probabilidades de solução». — (F. P.).

O Natal visto pelas crianças portuguesas

Concurso organizado pelo Diario de Lisbôa

CUPÃO DE CONCORRENTE

Nome ... ... *Idade* .....

Morada ... ...

Escola ... ...

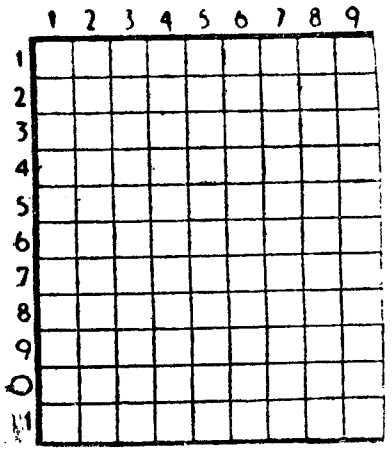
(Preencher em letra bem legível)

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3522



HORIZONTAIS: 1 — Deus do vinho. Rio de Espanha. 2 — O mais. Preposição. Antes de Cristo. 3 — Víscera dupla. Patroa. 4 — Origem. Pais das mães. 5 — Falecimento. 6 — Camareira. 7 — Naquele lugar. Utensílios de lavoura. 8 — Salientara. 9 — Estimo. Escarnecer. 10 — Vi. Prefixo de negação. 11 — Paixão. Além disso.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Resende. Arma branca curta e um pouco maior que o punhal. 2 — Junta. Lá. 3 — Pronome pessoal. Separo. 4 — Artigo definido. Zumbe. Comparecer. 5 — Pronome pessoal. Versejar. 6 — Preposição. Fruta do conde. Prefixo de negação. 7 — Rio de Portugal. Cidade da Itália. 8 — Porção de flores. Cidade da Itália. 9 — Poente. Curas.

Solução do problema n.º 3521

HORIZONTAIS: 1 — Traçassem. 2 — Nono. Uiva. 3 — Disparo. 4 — Mal. Eça. 5 — As. Arc. Ar. 6 — AC. Os. 7 — Doe. Ria. 8 — Io. Sud. Ru. 9 — Duas. Amas. 10 — Arrostara. 11 — Soas. Alam.

VERTICAIS: 1 — Tn. Mar. Idas. 2 — Rodas. Douro. 3 — Anil. Ao. Ara. 4 — Cós. Acessos. 5 — Par. 6 —Sua. Cordata. 7 — Sire Si. Mal. 8 — Evoca. Arara. 9 — Má. Aro. Usam.

TAUROMAQUIA

Um bandarilheiro em ombros

BOGOTÁ 8—O bandarilheiro Luque Gago saiu em ombros, facto inédito. Foi na segunda corrida da temporada, em que Cesar Giron ouviu protestos e foram aplaudidos Mario Carrion e Juan Antonio Romero, este com corte de orelhas. — (Efe).

Um novilheiro alemão

ALICANTE, 8 — Um novilheiro alemão apresentou-se ontem na Praça de Toiros de Orihuela, na província de Alicante. Trata-se do estudante Wiedang Schmidt, que resolveu ser toureiro. Schmidt, teve como companheiros de lide, «El Peliso», «El Estudiante» e «Mancheguito». O jovem alemão mede dois metros de altura e os seus conhecimentos tauromáquicos são limitados. — (F. P.).

Uma tourada á portuguesa

SARASOTA (Florida), 8 — O Circo dos Irmãos Christiani tenciona organizar uma tourada á portuguesa, na cidade de Tampa, apesar das autoridades declararem que as touradas são proibidas por lei. Um representante do circo anunciou que já estão contratados toureiros e o curro, vindos do México, e que o espectáculo se realizará (caso as autoridades intentem processo judiciário, o circo apresentará como seu advogado de defesa o antigo governador da Florida Doyle Carlton. — (A. N. I.).

ÉVORA TERÁ ÁGUA

mesmo no Verão

ÉVORA, 8 — Com a construção de uma barragem na Graça do Divor, que o ministro das Obras Publicas já despachou favoravelmente, vai solucionar-se o grave problema da falta de água, que todos os anos, na época estival, atormentava os habitantes desta cidade.

Naquela barragem será instalada uma estação elevadora de água, que abastecerá a capital do distrito.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 21, Noticiário e danças; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorologico e fecho.

Programa «A» - Ás 17, Programa, pela Orquestra Tipica Portuguesa; 17 e 30, Concerto ligeiro; 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Cançonetas; 19, Cronica tauromáquica; 19 e 15, Passatempo musical; 19 e 30, Alegria no trabalho, 20, Jornal sonoro, 20 e 15, Trechos em piano; 20 e 30, Zarzuela; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Selecção de operetas; 21 e 30, As viagens maravilhosas, 22, Concerto ligeiro, 22 e 30, Historia do teatro; 23, Musica de sempre; 23 e 15, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B»—As 17, «Nobilissima Visione», de Hindemith; «Sinfonia n.º 10, op 93, em mi menor», de Schostakovitch; 18 e 15 Teatro das Comedias: «Frei Genebro», de Eça de Queirós; 18 e 47 Musica de camara; 19, «Petrouchka», de Stravinsky; 19 e 20; Leituras portuguesas; 19 e 30, «Canções de Mozart», por Anny Felbermayer, 19 e 50, Noticiário regional; 20, «Octeto em fá maior, op. 166», de Schubert; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Conversando com a sr.ª D. Maria Corte-Real, acerca da «Maternidade e seus problemas»; 21 e 40, Concerto, pela Orquestra Sinfónica do Porto. No intervalo, Tempo de poesia; 23 e 45, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — A's 17, Opereta; 17 e 30, Ritmos de baile; 18, Cozinha alentejana; 18 e 15, Imagens por musica; 18 e 45, Intermédio feminino; 19, Cançonetas; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Motivos portugueses; 21 «Festa Brava; 21 e 15, Eddie Constantine, 21 e 30, Trechos recreativos; 22, Novos discos; 23 e 17, Conjuntos vocais; 23 e 30, Ritmos de baile do Maxime; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Brasil; 0 e 30, Noticiário; 0 e 10, Ritmos de baile.

Estação de Miramar—Ás 18 e 15, Jorge Goulart; 18 e 30, Conjuntos instrumentais; 19 e 15, Orquestras e canções; 19 e 45 Curso de lingua inglesa, 20, Boletim informativo; 20 e 10, Imagens por musica; 20 e 45, Conjuntos vocais; 21, Noticiário; 21 e 15, Silvia Maria; 21 e 30 Os grandes esquecidos; 22 e 45, Melodias; 23, Concerto; 23 e 30, Intermédio musical; 0, Baile.

RÁDIO RENASCENÇA—A's 18 e 30, Terço, benção e missa vespertina, 19 e 50, Boletim do S. C. R.; 20, Canções que o Mundo canta; 20 e 30 Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Cançonetas brasileiras; 21 e 50, Solos de guitarra; 22, Livros e leituras; 22 e 20, Canções para recordar; 22 e 45, Noticiário, 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22 Clube Radiofónico de Portugal; das 22 á 1, Voz de Lisboa; da 1 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

HA TRINTA ANOS

Morrera Magalhães Lima e o «Diário de Lisboa» dizia na sua primeira página de 8 de Dezembro de 1928: «Foi toda a sua vida um romantico, um homem que punha acima dos interesses da vida o amor das ideias e das belas imagens. Os seus discursos eram gritos de clarim para um mundo novo. Há alguns anos realizou-se em Lyon o primeiro Congresso da Imprensa Latina. A maioria dos delegados estrangeiros dirigiu-se aos representantes do nosso País e perguntou:

—Que é feito de Magalhães Lima ?...

Tudo o que sabiam de Portugal lhes chegara por seu intermédio. Escusamos de dizer que julgavam o nosso País como se fosse a Terra das Promissões. Noutra página publicava o «Diário de Lisboa afirmações e confissões de Magalhães Lima em vários jornais nacionais e estrangeiros.

Almoço de homenagem

Um grupo de trabalhadores seus subordinados vai homenagear, com um almoço, o sr. Julio Nunes Salgueiro, encarregado da Companhia Portuguesa de Pesca, que há 30 anos presta serviço na descarga e escolha de peixe. Este almoço efectuar-se-á na próximo dia 13, no restaurante «A Floresta», do Ginjal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «A Padroeira de Portugal»; 21 e 30, programa de culinária; 21 e 55, «Tauromaquia»; 22 e 15, «Enquanto os Dias Passam»; 22 e 40, «Parada da Industria»; 22 e 50, Os casos do domingo desportivo; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de Noroeste, o céu estava muito nublado, e havia nevoeiro ou neblina em algumas regiões, por acção duma massa de ar transportada na circulação conjunta duma depressão centrada a Leste de Espanha e dum anticiclone centrado a Sudoeste dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Porto e Portalegre, 5°; Coimbra, 6°; Lisboa, 10°; Faro, 11° e Funchal, 15°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado para o princípio da noite. eVnto moderado de Noroeste, rondando gradualmente para Sudoeste. Períodos de chuva para o princípio da noite. Pequena subida de temperatura para o dia de amanhã.

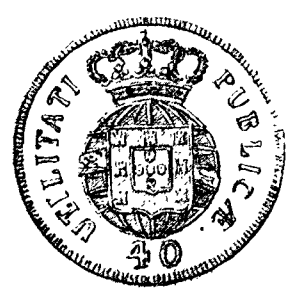
NUMISMATICA

MOEDAS DE D. JOÃO VI

O CLEMENTE (1816-1826)

Filho de D. Maria I; Pai de D. Pedro IV e de D. Miguel I

BRONZE — 40 réis (Pataco)



(Gravuras do «Catálogo» de G. Ferraro Vaz — Lisboa).

Lei do reinado de D. Maria I

Peso (aproximado): ?

Diametro (aproximado): ?, milimetros.

Sem serrilha (excepto alguns patacos de 1822, raros)

COTAÇÕES APROXIMADAS

Não incluindo o valor do metal a peso.

Datas	Má	Regular	Boa	Raridade
1819	16$00	40$00	56$00	895
1820	5$60	14$00	19$60	285
1821	5$20	13$00	18$20	264

(Não serrilhado)

Datas	Má	Regular	Boa	Raridade
1822	4$80	12$00	16$80	237

(Serrilhado)

Datas	Má	Regular	Boa	Raridade
1822	124$00	310$00	434$00	7.238

(Escudo redondo)

Datas	Má	Regular	Boa	Raridade
1823	5$00	12$50	17$50	248

(Escudo oval)

Datas	Má	Regular	Boa	Raridade
1823	120$00	300$00	420$00	7.000
1824	5$00	12$50	17$50	248
1825	6$80	17$00	23$80	359

JOSÉ DA COSTA MOREIRA

— Olha! Usa sereia. Se eu soubesse como isto se comia, pescava-a.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606, Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Berne (De) — Avenida de Berna, 44-A, Tel. 773568; Batalcia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Neoterápia — Campo Grande, 138, Tel 774682; Líbia — Avenida da Igreja-Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Lusitana — Avenida de ia, 4-B-C, Tel 776681; S. Miguel — Roma, 18-A, Tel. 725443; Imperial — Avenida Guerra Junqueiro, 30 B Tel. 726860; Lungenit, Ld.ª — Avenida da Republica, 55-A, Tel 772132; Latina — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5; Ascensos, Ld.ª — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 381612; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B-C, Tel. 720703; Cruz de Malta — Largo Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A 39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 813571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A-B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B-C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel 683438; Gouveia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 664949; Linalda — Rua Ferreira Borges, 30, Tel 660955; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40 Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel 661330; Gonçalves, Ld.ª—R. da Rosa, 176-178, Tel. 32687; Salix, Ld.ª — R. Barata Salgueiro, 54, Tel 730820; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220 Tel. 21342; Estados Unidos — Avenida Estados Unidos da América, Lote 373, loja, Telefone 725859.

EFEMÉRIDES

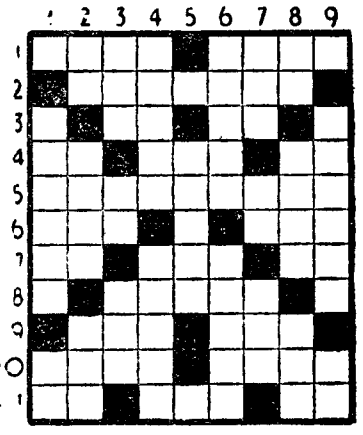
No dia 8 de Dezembro de 1941 foi declarada guerra ao Japão pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França.

Em ALVALADE—SADO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por António D. S Ferreira.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1443



HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Roménia. Caminhos. 2—Gabar. 3—Céu. Artigo definido. 4—Estrépito de desmoronamento. Doença. Pedra de moinho. 5—Escreveram o próprio nome. 6—Preposição. De baixo de. 7—Alternativa. Pronome possessivo. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. 8—Transita. 9—Assim que. Nome de mulher. 10—Rio do Estado do Rio de Janeiro. Montão. 11—Pertences. Esteiro. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Farrapos. A mim. 2—Nota musical. Empregou. Imperfeitas. 3—Flanco dum exército. Senhor. Cidade de França. 4—Adormeci. Osso que forma a proeminência mais saliente da face. 5—De preferência. 6—Instrumento musical de cordas. Gastara. 7—Frequentavas. Reis. Acrescentei. 8—Semelhança. Camadas de tinta numa superfície. Patrão. 9—Vila e concelho do distrito de Leiria. Pedra de dominó.

Solução do problema n.º 1442

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

HORIZONTAIS: 1 — Orta. Satã. 2—Geri. Egas. 3—NÃO. Mor. 4—Saí. Ide. 5—Indagarem. 6—Ob. Ró. 7—Ora. Psi. 8—HA. DIA. Má. 9—Usai. Rios. 10—Gira. Iota. 11—Osos. Anás

VERTICAIS: 1—Og. Sim. Hugo. 2—Renan. Oásis. 3—Traidor. Aro. 4—Aio. Abadias. 5—Ag. 6—SEM. Arparia. 7—Agoiros. Ion. 8—TARDE. Imota. 9—As. Ema. Asas.

Provérbio: «NÃO HÁ DIA SEM TARDE».

OURO, PRATA, JÓIAS E RELÓGIOS
Grande sortido — Preços limitados
OURIVESARIA SANTOS CATITA, LDA.
Rua Eugénio dos Santos, 44

Uma proposta americana

para a criação de um organismo de fiscalização internacional é hoje discutida em Genebra

(Continuação da 1.ª página)

Depois da reunião de sábado, as delegações foram unanimes em declarar que fora dado, finalmente, o «primeiro passo em frente». No entanto, círculos afectos á Conferência salientam que é, ainda, demasiado cedo para alimentar optimismo quanto aos resultados, pois o principal obstáculo ainda não foi vencido: obter a concordancia de Moscovo, no que diz respeito a um sistema eficaz de fiscalização internacional, que garanta o acatamento de um eventual acordo sobre a interdição das experiências nucleares.

Hoje, será discutida a proposta americana que consiste num pormenorizado plano para a constituição de um organismo de fiscalização internacional:

1. — Criação de um organismo de fiscalização internacional, de cuja comissão executiva farão parte os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Russia, como membros permanentes. Outros países signatários serão eleitos para a comissão executiva, em harmonia com uma escala rotativa.

2. — Uma rede, em escala global, de cerca de 170 a 180 postos de fiscalização terrestres e dez outros em pleno Oceano, para assinalar possíveis violações ao acordo sobre a interdição das experiências. As nações não signatárias serão convidadas a autorizar a instalação de postos de fiscalização nos seus territórios.

3. — Brigadas de fiscalização, com carácter permanente, prontas a acorrer a qualquer local onde se suspeite que tenha havido violação, a fim de proceder ás necessárias investigações.

Até agora, a delegação russa limitou-se a concordar com a instalação de postos de fiscalização. Quanto ás brigadas de inspecção, insiste em que estas não tenham carácter permanente, e que só sejam chamadas quando for julgado necessário. Além disso, exige o direito de veto no organismo internacional de fiscalização.

Na opinião das delegações anglo-norte-americanas, estas duas exigências de Moscovo tornarão ineficaz qualquer acordo.

Nos círculos afectos á Conferência aventa-se a hipótese de os trabalhos serem suspensos no dia 13, para prosseguirem em 5 de Janeiro, ou seja durante as férias do Natal. — (R. e A. N. I.).

A Conferência sobre ataques de surpresa está em ponto morto

GENEBRA, 8 — A Conferência sobre meios de impedir ataques militares de surpresa continua num ponto morto sobre a questão da agenda, ao entrar hoje na sua 22.ª sessão.

Círculos ocidentais declararam que os seus delegados se recusariam a discutir as propostas soviéticas publicadas ontem sobre postos de fiscalização terrestres e zonas de inspecção aérea, pois as consideravam como fora do ambito das conversações.

A reunião desta manhã foi suspensa e adiada para amanhã, ao fim de uma hora e depois do chefe da delegação russa, Kuznetsov, apoiado pelo seu colega romeno, general C. Sondru, ter rejeitado a proposta anglo-norte-americana.

Kuznetsov pediu aos delegados ocidentais que abandonem a sua insistência em pretender que a conferência discuta apenas assuntos de caracter puramente técnico e que aceitem a proposta de Moscovo, para que se debatam questões de caracter político e relacionadas com o desarmamento internacional.

O chefe da delegação norte-americana, William Foster, avisou as potências ocidentais de que não podem ir «mais além», a não ser que o bloco soviético esteja disposto a cooperar, para que a conferência sobre os ataques de surpresa saia do ponto morto em que se encontra desde há quatro semanas.

Círculos afectos á conferência frisam que a rejeição das propostas ocidentais pelo delegado soviético, seguiu-se á divulgação, ontem á noite, através da Rádio de Moscovo, de um «plano russo» para a conferência dos ataques de surpresa. — (R e A. N. I.).

Um homem tripulará um satélite americano

(Continuação da 1.ª página)

possível acelerar-se apreciavelmente o nosso programa, para além do ritmo actual — acrescentou. — Duvido-o Estamos a aplanar as nossas verbas tão depressa e tão inteligentemente quanto nos é possível».

O general John Medaris, chefe do programa de projécteis balísticos do Exército, não partilha da impressão de von Braun, no que respeita ao progresso norte-americano em confronto com o dos Russos. Entrevistado, também, pela Televisão, num programa da C. B. S., afirmou que os Estados Unidos podem igualar qualquer empreendimento científico russo, pois desde o lançamento do primeiro «Sputnik» conseguiram ultrapassar a Russia em conquistas científicas.

Os cientistas norte-americanos — prosseguiu — estão em posição de construir um satélite que poderia regressar intacto á Terra, desde que se encontrasse protegido contra o atrito de ar atmosférico, causa da desintegração dos satélites artificiais que regressam á atmosfera terrestre. Tal protecção poderia ser idêntica á que é empregada nas ogivas terminais dos foguetões de longo alcance.—(A. N. I.).

A próxima tentativa com outro foguetão lunar

WASHINGTON, 8. — O general John P. Mederis, responsável militar pelo lançamento do foguetão lunar do «Juno II», declarou que o próximo foguetão do Exército só Não deu mais indicações sobre a data da nova tentativa. Apenas seria lançado dentro de um mês, afirmou que o sistema de comando do foguetão tem de ser aperfeiçoado.—(France Presse).

Um satélite com tripulante humano

ROMA, 8 — «Grandes industrias aeronáuticas americanas estão a trabalhar, desde já, na produção urgente de um habitáculo especial com que será possível colocar na sua órbita um satélite terrestre levando um homem» — declarou á agência «Itália», John E. Canaday, vice-presidente da «Lockheed», de passagem por esta cidade.

Depois de afirmar que dentro de «seis meses, os Estados Unidos estarão aptos a lançar um avião de propulsão atómica», Canaday acrescentou que já estão resolvidos todos os problemas técnicos que dizem respeito áquelas iniciativas. O veículo espacial, a chamar-se «manned satélite» (satelite tripulado por homem) será lançado por um foguetão intercontinental Atlas D.

E' possível que o satélite em questão seja lançado de Cape Canaveral pela N. A. S. A. com a assistência da A. R. P. A. (Agência para os projectos de pesquisas e progresso). O «manned satallite» será equipado para se manter na órbita terrestre durante um máximo de 28 horas em que fará dezoito voltas completas do Globo. — (F. P.).

Nehru falou de vários problemas incluindo a questão de Goa

NOVA DELHI, 8. — Nehru, primeiro-ministro e titular dos Negócios Estrangeiros, abriu, hoje, o debate de política externa, na Camara Baixa, com um discurso no qual salientou vários problemas internacionais.

Começou por elogiar a obra realizada no Líbano pela comissão da O. N. U., «graças á qual foi possível evitar acontecimentos trágicos». Referiu-se ás actuais conferências de Genebra e, lembrando que se fizeram ligeiros progressos na que trata da suspensão das experiências nucleares, disse: «Evidentemente, isto não é muito, havendo grandes dificuldades a remover ainda. Contudo, prova que se deixou de marcar passo. Se estas duas conferências fossem malogros, assistiríamos á eclosão de um sentimento de desespero no Mundo».

Quanto á situação de Berlim Nehru, afirmou: «um caso grave e urgente».

Estigmatizou a política racista da União Sul-Africana e congratulou-se com a decisão do Ghana e da Guiné, de se juntarem. E notou: «Esta decisão levanta um problema interessante: poderá um país, e como, entrar na Comunidade Britanica?».

Ainda a propósito da Africa, afirmou que a India interessa-se «pelos movimentos que tendem para a independência e para uma unidade maior». Falou do problema argelino, explicando que o seu país não deseja imiscuir-se em qualquer assunto que não lhe diga respeito directamente, mas, ás vezes, «há problemas que nos tocam pela porta, quer queiramos quer não. Em contrapartida, certos problemas como os do Paquistão e de Goa, o das minorias indianas em Ceilão e na Africa do Sul, interessam-nos directamente. No entanto, a India deseja manter relações de amizade com todos os países». — (F. P.).

Ultimas notícias

Agrava-se a tensão entre Israel e a Síria

TEL-AVIV, 8 — Informam os correspondentes israelitas na fronteira, que os Sírios, pelo quarto dia consecutivo, abriram fogo, durante a noite, sobre a aldeia israelita de Gioth.

Parece que se agravou a tensão naquele sector, devido á chegada de novos reforços sírios. — (F. P.).

Missão americana aos países árabes

BEIRUTE, 8. — William Rountree, secretário de Estado, adjunto, norte-americano para os Negócios do Médio Oriente e da Ásia Meridional, chegou a esta cidade, primeira etapa de uma viagem que o levará ás principais capitais dos países árabes. — (F. P.).

O caso do escritor Pasternak

NOVA DELHI, 8 — Uns vinte escritores indianos, incluindo Vatsyayan, assinaram um protesto contra a atitude do governo da U. R. S. S. para com o escritor Boris Pasternak, autor do «Dr. Jivago» e laureado com o Prémio Nobel.—(F. P.).

Denso nevoeiro sobre o aeroporto de Paris

PARIS, 8. — Em consequência do nevoeiro, foi suspenso o tráfego aéreo no aeroporto de Orly. Cancelaram-se todas as partidas e as aterragens foram transferidas para o de Bourget, dezasseis quilómetros a Nordeste da capital.

Na própria cidade, porém, o nevoeiro não é muito espesso, sendo a visibilidade de cerca de duzentos metros, ao nível da rua.—(A. N. I.).

A Assembleia Nacional reune-se amanhã em Paris para eleger o seu presidente

(Continuação da 1.ª página)

tar, neste campo, um papel de primeiro plano. Os peritos que os acompanham estão convencidos de que os imensos recursos em gás e petróleo são de molde a contrabalançar um impulso e um desequilíbrio demográfico (um europeu por 10 muçulmanos), que, de outra forma, seria irremediável.

As dificuldades continuam a ser enormes: quanto ao petróleo e ao gás do Sahara, o problema da sua condução está longe de estar resolvido. A colocação dos «pipe-lines» e das condutas sobre imensas distancias, através de territórios cuja pacificação não está acabada, põe problemas custosos de vigilancia. Finalmente, a actividade económica engendrada pela prospecção e exploração do petróleo, determina, muitas vezes, aumentos de preço, alimentação e bens de consumo.

3 — Uma vez mais, de Gaulle retomou, na sua alocução, o seu *distinguo* habitual e que lhe foi, muitas vezes, censurado, neste lado do Mediterraneo, entre a Argélia e a França.

Alguns observadores vêem nisso uma réplica a uma campanha eleitoral que acaba de fazer-se sob o signo da integração politica entre os dois países, fórmula que o chefe do Governo nunca tomou a seu cargo. Os 71 deputados argelinos e do Sahara, partiram, ontem, de Africa para Paris, convencidos de que a integração «está feita» e que é necessário a partir de agora «arranjá-la».

De Gaulle não segue o raciocínio deles, ou antes, não fala da mesma coisa e não dá a mesma prioridade aos problemas. Mas já passou o tempo em que os desacordos entre Paris e Argel terminavam no *Forum*, calmo e deserto esta tarde.—(F. P.).

O destino dos generais Salan e Massu

PARIS, 8 — A nomeação dos generais Raoul Salan e Jacques Massu para novos cargos será anunciada depois da próxima reunião do Gabinete — segundo informa, hoje, o «Aurore».

Espera-se que o general Salan, actual comandante-chefe do Exército francês na Argélia e chefe da administração civil, seja promovido a inspector-geral das forças armadas francesas.

Quanto ao general Massu, comandante das tropas pára-quedistas, que chefiou a revolta militar de Argel, na Primavera, é possível — segundo o «Aurore» — que seja nomeado comandante-chefe das tropas francesas em Madagascar. — (A. N. I.).

A candidatura de de Gaulle á presidência

PARIS, 8 — Concluída a lista dos «grandes eleitores», que, em harmonia com a nova Constituição, serão chamados, no dia 21, a eleger o primeiro presidente da V Republica, verifica-se que apenas 10 por cento são comunistas, o que — segundo frisam observadores autorizados — faz com que se possa considerar assegurada a eleição do general de Gaulle para chefe do Estado.

De todos os partidos políticos, o Comunista é o unico que apresentou um candidato: Georges Marrane, presidente do Município de Ivry, um dos suburbios industriais de Paris.

De Gaulle, que regressou, durante a noite, a Paris, ainda não apresentou a sua candidatura, mas julga-se que o fará durante toda esta semana.

Os mesmos observadores declaram que poucas duvidas há de que o colégio eleitoral o elegerá, logo ao primeiro escrutínio, por grande maioria. — (A. N. I.).

A Assembleia Nacional

PARIS, 8. — A nova Assembleia Nacional deve eleger amanhã o presidente da mesa, por 5 anos, isto é, o tempo da sua legislatura. A eleição faz-se por escrutinio publico e a maioria absoluta é necessária nas duas primeiras votações. Se ainda não houver um resultado definitivo, a maioria relativa bastará na terceira. Os restantes membros da mesa serão eleitos a título provisório, isto é, até que a Assembleia Nacional tenha um regulamento.

Para a presidência da Assembleia Nacional, a unica candidatura posta até agora é a de Jacques Chaban-Delmas, antigo ministro, que tem sérias probabilidades de suceder a Le Troquer. Mas podem surgir surpresas até amanhã ao meio-dia.

No Senado, a eleição do presidente, como a dos membros da mesa, será provisória, uma vez que esta assembleia deverá ser renovada em Abril do ano que vem. A eleição de Gaston Monnerville parece garantida, o que permitiria ao presidente do Senado estabelecer um «record»: seria o seu 11.º mandato.

Os círculos políticos e parlamentares não excluem a possibilidade de o general de Gaulle assistir á sessão inaugural da nova Assembleia Nacional. — (F. P.).

INSULSA
a única bolacha para dietas confeccionada no País — é um produto superiormente especializado da
Fábrica CONFIANÇA

RESTAURANTE TIPICO
RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
TELF. 14
O MAIOR REVEILLON DO ANO — No ambiente mais castiço do RIBATEJO
2 CONJUNTOS RIBATEJANOS DE ACORDEONS 2
com os vocalistas MANUEL CARLOS e JOÃO ANTÓNIO
4 RANCHOS FOLCLÓRICOS 4
AVIEIROS e SETE-SAIAS
DIA DE NATAL
Almoço com EMENTA ESPECIAL
* DIA DE ANO NOVO — ALMOÇO REGIONAL COM FESTA FOLCLÓRICA
* Ranchos Pescadores OS AVIEIROS infantil e adultos * Rancho Folclórico FOROS DE SALVATERRA
* Ranchos Típico SETE-SAIAS infantil e adultos * Rancho Campinos de SALVATERRA
INFORMAÇÕES e RESERVA DE MESAS — LISBOA — TEL. 770320 — NÃO TEM TRANSPORTE? TELEFONE PARA 28829

Diário de Lisboa

Sugestão azul forte

por FERNANDO SOROMENHO

Não nos surpreendeu o triunfo do Belenenses, embora a expressão numérica tivesse atingido um volume imprevisto, mesmo para aqueles que costumam cultivar o optimismo exagerado. De facto, o 5-0, «goleada» suficientemente expressiva, ultrapassou todas as previsões, porquanto admitia-se, como infalível, a existência de um somatório de dificuldades. O ambiente, o terreno pelado, as dimensões do campo e a própria categoria dos Setubalenses, grupo que do futebol tem conhecimentos abalizados, faziam pressupôr um despique caloroso — nada propício para os desígnios dos «azuis» da capital.

Afinal, os 90 minutos das operações desenvolvidas num piso, irregular e impróprio, deixaram uma impressão contrária aos vaticínios, podendo afirmar-se que o Belenenses passou pelos Arcos com um sorriso nos lábios, mercê da imposição de qualidades intrínsecas que não conferem aos Sadinos atenuantes para razões de queixa.

Os belenenses foram superiores na interpretação do futebol prático e, inteligentemente, souberam tirar partido da incapacidade física de Moreira, confirmando o axioma de que «há males que vêm por bem». Os seus avançados, com destaque para Matateu — ávido de golos — remataram mais, visaram a baliza do atribulado Justino com reais intenções, oferecendo um vivo contraste com o que se passou nos arraiais setubalenses, cujos dianteiros utilizaram um pernicioso «estilo poético», de floreados ditirambicos, mas sem a indispensável conclusão. Mais pareciam crianças a atirar á baliza...

Deste confronto, quais premissas de uma equação, extrai-se a verdade do jogo a despeito de ser considerada a jeitosa manobra dos «azuis» no 2.º tempo — pormenor que nos apressamos em colocar em plano fundamental.

■

Exceptado o primeiro quarto de hora, altura em que Matateu deu sinal de si, os Setubalenses forjaram lances ofensivos de bom recorte, baseando os seus movimentos na velocidade e nas entregas rápidas. Os «azuis», por força das circunstancias, adoptaram a defesa reforçada (eram 8 homens a destruir). A sorte bafejou-os (recorda-nos um golpe de cabeça de Inácio e uma ajuda de Figueiredo ao seu guarda-redes, batido na saída a uma jogada de Mendonça).

Esta feição de ascendente por parte dos locais manteve-se, devido ás facilidades que Moreira consentia, pródigamente, a Inácio que foi, sem duvida, unidade de realce neste 1. tempo. Deu seguimento a todos os passes — e tantos foram... Depois, o Belenenses empertigou-se, nos ulti-

(Continua na página central)

Desta vez, a bola aflorou a rede pela parte externa. Justino saltou como devia e Moreira exemplifica o perigo que representam sempre os jogadores lesionados

No Estádio «José Alvalade»

Resultado rico num jogo pobre

Nos tempos que vão correndo, 8-1 é um resultado de luxo. Sabido que as equipas, que hoje disputam o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, regra geral vão para o campo, mais na disposição de não sofrerem golos — mesmo que para isso joguem os onze homens do grupo entre os postes... — do que trabalharem para fazer resultado, «oito-a-um» é na verdade sensacional.

A sensação, porém, no caso do jogo de Alvalade, está, apenas, no volume do resultado, pois, quanto ao resto, nada se viu de sensacional.

Viu-se, antes, duas equipas muito longe daquilo que foram. A do Sporting de Lisboa, com estranho figurino na formação, certamente provocado pelas lesões de Coimbra, actuando sem sistema de jogo definido, muito desordenadamente, com estrangeiros a mais... por serem daqueles que não fazem esquecer os jogadores portugueses de valor médio... E a do Sporting da Covilhã, em bitola muito inferior á de épocas átrás em que fez estremecer e baquear muitos campeões...

Por **Henrique Parreirão**

* * *

Ninguém poderia imaginar — dada a maneira incerta como os Lisboetas começaram... — o desfecho que o desafio iria ter: «oito-a-um».

Os próprios adeptos do clube «leonino» cedo revelaram o seu descontentamento, sobretudo, quando viram Diego falhar de seguida três oportunidades de golo.

Se o empate não tem chegado tão depressa e os golos não continuassem depois a aparecer com a maior naturalidade — numa cadência a condizer pouco com o nível técnico do jogo — do enervamento que começou a esboçar-se ter-se-ia chegado ao desespero e hoje não havia quem encontrasse palavras suaves para explicar um provável desaire.

Com «oito-a-um» tudo mudou. A maioria acabou por esquecer o começo incerto da equipa «leonina» — e muitos nem sequer se aperceberam de que a exibição ficou muito aquém dos numeros apresentados pelo marcador.

* * *

Dizer-se que o Sporting não merecia a vitória — claro que seria um disparate. Os numeros são elucidativos e até podiam ser mais expressivos.

Pretendemos, apenas, frisar que

(Continua na 7.ª página)

A bola não se vê neste lance, mas percebe-se que o Sporting lançou o panico na área da baliza dos Serranos. Repare-se na presença dos cinco avançados «leoninos»

NO BARREIRO

Futebol negativo

Quando os sectores atacantes desconhecem, ou esquecem o verdadeiro significado do vocábulo «golo» é evidente que o futebol produzido tem de forçosamente ser classificado de negativo.

Esta afirmação que, aliás, já não é de hoje, teve ontem, porém, uma nova reimpressão, editada pela parceria C. U. F.-Académica, em que se tornou necessária a intervenção feliz de um médio, para resolver, com êxito, um resultado, que até aí se apresentava de dificil solução para qualquer das partes, uma vez que ambos os sectores atacantes se preocupavam mais em pontapear o «couro» a meio-campo, com manifesto prejuizo da progressão directa para a baliza, com peias e individualismos desnecessários.

Daí a quase negação do remate á baliza que se verificou, principalmente, no primeiro tempo, e que só a acção oportuna do médio cufista, Carlos Alberto, quebrou por instantes, com a marcação do unico tento, que ditou o vencedor, e deu ao jogo, aquela «verdade», que teimava em querer esconder-se.

Analisando, porém, o trabalho de conjunto das duas turmas, verifica-se que pertenceu á C. U. F. a maior quantidade de futebol intencional, embora não traduzida em «linguagem viva», que lhe desse expressão no marcador. O mesmo sucedeu á Académica, que, só no segundo tempo, se mostrou menos estática e, por consequência, mais

(Continua na página central)

EM ÉVORA — NO CAMPO «ESTRELA»

Domínio intenso do Benfica

e resistência animosa do Lusitano

O embate entre o Benfica — primeiro da classificação geral — e o Lusitano — a rondar o meio da tabela — era aguardado com extraordinário interesse nesta cidade, onde se deslocaram muitos milhares de desportistas.

Afinal, a expectativa do encontro foi iludida. O jogo esteve longe de atingir elevado brilho e o futebol praticado pelas duas equipas teve mais doses de impreciso e incaracteristico do que de bom nível técnico. O esférico andou bastante pelo ar e com frequência foi maltratado com pontapés sem nexo, nem utilidade específica, e num dia de mais ou menos forte vento, estava indicado que ele deveria ser submetido ao sabor da relva.

Não o entenderam assim os dois grupos em despique — mormente o da «casa» que, remetido a um papel quase puramente defensivo não lhe sobraram muitas oportunidades para organizar lances ofensivos — e o encontro teve muitos choques, muita improvisação e raras fases de beleza espectacular.

Contudo, do jogo não se pode negar a emotividade que lhe transmitiu a frequente ronda que a bola fez em frente das redes de Vital e um ou outro lance, especialmente no declinar da partida desenrolado na grande área benfiquista, mas esta emotividade é escasso factor para classificar de tecnicamente boa uma partida que não chegou a atingir a craveira requerida para tal.

Analisando o trabalho das três

(Continua na 7.ª página)

Vital repele a bola com o punho, ameaçado por Cavem e protegido por Teotónio

«Diário de Lisboa»

A direcção do Sport Grupo Sacavenense, em sua ultima reunião, consignou na respectiva acta um voto de agradecimento ao nosso jornal, «pela isenção e notável imparcialidade como apreciou e relatou os lamentáveis factos ocorridos no campo da Tapadinha, quando do jogo contra o Atlético, para o «Nacional» da 2.ª Divisão».

A primeira reunião da comissão desportiva universitária

Efectuou-se a primeira reunião da Comissão Nacional do Desporto Universitário para 1958-59.

Presidiu o dr. Armando Rocha e enviaram representantes as três cidades universitárias, Lisboa, Porto e Coimbra.

Após a apreciação das actividades desportivas do ano anterior foram analisados os planos de actividades propostas pelas três cidades. Assim, Coimbra considerou-se em condições de poder efectuar nove campeonatos regionais masculinos e três femininos, o Porto, sete masculinos e Lisboa, dezassete para homens e quatro para senhoras.

A comissão decidiu considerar como modalidades básicas obrigatórias para os nacionais o atletismo e a natação, ainda que esta ultima, por falta de piscinas, não tenha efectivação na presente época. Nos campeonatos nacionais serão também integrados o handebol de sete, basquetebol, voleibol e apenas este ano o futebol.

A realização destes campeonatos e ainda a participação do nosso País nos Jogos Universitários Mundiais só terá no entanto viabilidade se as verbas solicitadas forem integralmente satisfeitas.

100 jogos sem castigos

O Lusitano completou o seu 100.º jogo sem ter sofrido um unico castigo. A excelente proeza constitui, sem duvida, um facto digno de ser assinalado, com exemplo dignificante de um clube que preza o valor moral do desporto, em todas as circunstancias. Os sócios, adeptos e atletas da prestigiosa colectividade alentejana estão, portanto, de parabens. Realmente, o «record» atesta a existência, em elevado grau, de um impecável conceito de disciplina. Assim, fossem todos.

OS JOGOS DA 2.ª DIVISÃO

TORNEIO DA ZONA SUL

Tarde desafortunada das equipas lisboetas

das quais só o Arroios ganhou

A primeira jornada da 2.ª volta do torneio da Zona Sul forneceu os resultados que recordamos:

Arroios-Montijo	2-1	(0-2)
Oriental-Olhanense	1-4	(1-4)
Sacavenense-Desp. Beja	0-1	(0-1)
Almada-Atlético	2-0	(0-5)
Farense-Estoril	4-1	(0-1)
Coruchense-Portimonense	1-2	(3-4)
Serpa-Juventude	2-3	(0-2)

Entre parentesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

A classificação passou a ser a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Atlético	14	11	1	2	50-18	23
Olhanense	14	10	1	3	37-17	21
Almada	14	8	1	5	27-19	17
Oriental	14	7	1	6	22-18	15
Estoril	14	7	1	6	24-27	15
Montijo	15	7	1	6	25-27	15
Farense	14	6	2	6	33-19	14
Portimonense	14	5	4	5	19-30	14
Serpa	14	6	—	8	31-37	12
Sacavenense	14	3	5	6	16-23	11
Juventude	14	4	3	7	14-29	11
D. Beja	13	4	2	7	20-34	10
Arroios	13	3	3	7	21-31	9
Coruchense	14	2	3	9	19-27	7

Ao contrário do que se verificou na Zona Norte, neste agrupamento predominaram as confirmações. Estão neste caso o Olhanense, o Desp. de Beja, o Portimonense e o Juventude voltaram a ganhar — os dois primeiros repetindo os resultados, o terceiro voltando a ter uma vitória tangencial e o ultimo, com um triunfo menos expressivo.

Ficam, portanto, para a história da jornada as desforras alcançadas pelo Arroios, Almada e Farense — menos esperada a dos Almadenses do que as restantes.

Os visitantes sobrepuseram-se aos visitados: quatro vitórias dos primeiros, contra três dos segundos.

A nota saliente desta «ronda» está, porém, na tarde desafortunada das equipas lisboetas. Com efeito as equipas da A. F. L. estiveram em cinco campos, podendo, por conseguinte, arrecadar dez pontos. Pois só guardaram dois, o que é concludente quanto ao desacerto dos grupos da capital. O Arroios — lanterna vermelha — salvou a honra do convento...

Há uma ponta de surpresa nas derrotas do Atlético e do Oriental, mais a do ultimo, até pela expressão do resultado. Os desaires do Sacavenense e do Serpa, também, contrariaram a maioria das previsões.

O certo é que a luta entre os primeiros ganhou animação, por se ter tornado escassa a vantagem do guia. De notar que o Arroios deixou de ser companheiro do lanterna-vermelha.

O guarda-redes almadense, em entrada rigorosa, desvia a bola com os punhos, embora em dificuldade

EM ALMADA

A rapidez dos locais

confundiu os alcantarenses

Os visitados quiseram, ganhar este encontro e puseram ao serviço desse desejo uma velocidade endiabrada e um sistema de jogo que serviu as caracteristicas próprias, contrariando, simultaneamente, as do opositor. Deste modo, o seu triunfo teve o mérito de ser conquistado com determinação e não saiu dos favores da sorte.

O comandante denunciou tendência para um andamento repousado, onde preponderasse a superioridade física e técnica dos seus homens. Se o Almada tem aceite o convite dos alfacinhas a um futebol mais moroso, talvez não conseguisse o seu objectivo. Assim, nada há a opor á vitória dos locais assente, em ultima análise, na diferença de ritmo empregado por uns e outros.

Os lances dos Alcantarenses tinham o cunho do poder, eram «atléticamente» feitos mas, já os movimentos ofensivos dos «amarelos» da outra banda, serviam-se de imaginação e de velocidade de pernas. Podemos, pois, concluir que, desta feita, o jeito sobrelevou a força.

Para dar maior brilho ao êxito dos Almadenses, o par de golos que o concretizou foi de alta qualidade.

O desafio merece nota positiva no referente á qualidade de futebol exibido, se nos reportarmos á premissa de se tratar de um jogo verdadeiramente importante para os dois lados. Queremos dizer que a emoção proveniente da disputa acalorada do prélio não arrastou as equipas a um estado de espírito anulador das suas qualidades.

Acentue-se que a virilidade com que foi discutido o resultado raras vezes excedeu o limite. E eram bem dispensáveis essas «raras vezes»...

No Almada, a defesa actuou muitissimo bem e Jaime Silva chegou a ser brilhante. Os médios cumpriram e o trio central do ataque jogou de molde a merecer os melhores encómios.

Pelo Atlético, Germano e Inácio foram os mais certos e Albano o dianteiro mais perigoso.

O sr. Manuel Fortunato, de Evora, arbitrou equilibradamente, mas foi induzido em erro nalguns foras de jogo pelo seu auxiliar do lado das bancadas.

FRANCISCO CAMILO

EM MOSCAVIDE

Jogo de características diferentes

com vantagem para o hábil Arroios

Tanto o Arroios como o Montijo lutaram ontem esplendidamente um e outro procurando impor o seu jogo de caracteristicas diferentes. Mais felizes, os Lisboetas conseguiram não só fazer valer a sua toada de jogo rasteiro e passe curto, como, ainda, concretizar, em dois bons lances, a superioridade que evidenciaram na primeira parte.

Na verdade, o Arroios, no jeito habitual de jogo habilidoso, logrou, desta vez, simplificar as jogadas em frente das balizas dos contrários.

A ordem de tudo ao ataque foi bem cumprida por parte dos Montijenses, na segunda parte, mas faltou-lhes sorte nalguns lances de golo feito. Podiam ter empatado e, quiçá, alcançado a vitória, numa reviravolta que esteve prestes a dar pleno resultado.

— Houve, porém, diferença no modo de jogar entre um e outro. Ao passo que os Lisboetas, em jogo de fino toque e fintas deram expressão do seu poder, por meio de energia, no primeiro tempo, tentou impedir, sem o conseguir, a perfuração dos dianteiros contrários, dando-se, após o intervalo, mudança nítida nas operações em campo. O Arroios, querendo assegurar o resultado, recuou demasiado, permitindo o comando ao adversário. Este, desenvolvendo o seu jogo bem apoiado na linha média colocou em sérias dificuldades a defesa contrária que, aliás, lutou ardorosamnete, suportando bem o embate.

A arbitragem do sr. Fernando Velez foi pouco segura.

J. LANÇA

EM SACAVÉM

A organização

defensiva dos bejenses ganhou o encontro

Dominar sem nexo, isto é, sem jogo devidamente ordenado, não é suficiente para ganhar encontros de futebol.

Assim sucedeu ontem ao Sacavenense que, pela segunda vez, se viu desfeiteado no seu campo.

E não têm os rapazes de Sacavém de se queixar senão de si próprios, pois tudo fizeram para não ganhar o seu encontro com o Desportivo de Beja.

Dando uma imagem do que foi a partida, diremos que o Sacavenense dominou durante dois terços do encontro, mas esse domínio foi totalmente improficuo, porque os seus jogadores não souberam impor ao adversário a toada que mais convinha.

Contra uma defesa rija e bem escalonada o Sacavenense usou e abusou do passe curto, do «dribling» desnecessário, da retenção constante da bola, dando sempre tempo ao adversário para chegar primeiro á jogada.

Ao invés, os Alentejanos, práticos e rápidos, utilizando bem os extremos, impuseram-se durante uma boa vintena de minutos da primeira parte, a aproveitar o vento de feição, fizeram um tento, e na segunda metade, souberam defender essa posição com garra, vigor e muita abnegação. E, mesmo defendendo, nunca descuraram o ataque sempre que a oportunidade surgia.

Deu-se até o facto interessante de o Desportivo de Beja ter estado mais perto dos 2-0 que o Sacavenense do empate.

Resumindo: com uma defesa bem organizada e um ataque prático e incisivo, os Alentejanos do Desportivo de Beja ganharam muitissimo bem o encontro.

Numa apreciação ligeira sobre a actuação dos elementos das duas equipas, diremos que o guarda-redes Lança, o melhor jogador no terreno, os dois defesas, o médio Meira, trabalhador incansável durante os 90 minutos e o interior Marcelino, brilharam na turma bejense.

Dos jogadores do Sacavenense, apenas Aníbal, Martinho, Mário Rosa e Vitorino sairam da craveira normal.

O juiz setubalense, Manuel Fragata, estreante em jogos do Nacional, saiu-se airosamente da sua missão.

RUI DIAS

A defesa olhanense não consegue, apesar da cortina que se adivinha ter oposto a este ataque do adversário, que o remate do avançado orientalista seja disparado

EM MARVILA

Venceu a melhor equipa

Novamente, vimos jogar o Olhanense, com agrado. Desta vez a equipa tornou a impressionar favoràvelmente, dando-nos, até uma maior sensação de força.

Efectivamente, a equipa algarvia, no seu jogo com o Oriental, mostrou-se mais compenetrada e o seu sector defensivo, que é o mais fraco sem duvida, áparte um curto período no segundo tempo, actuou num plano aceitável, dando ao sector médio e atacante o á-vontade de que carecia para a melhor esquematização do seu jogo.

Não há duvida de que os Algarvios possuem uma equipa de valor apreciável, que pratica um futebol interessante, mas por vezes, alguns dos seus elementos perdem-se em «habilidades», sem interesse. Contudo, no segundo tempo, as «coisas» tomaram outro aspecto, devido ao recuo de Gralho, que deu á equipa a agressividade que lhe faltava, jogador franzino, mas resoluto, foi, sem duvida, um dos melhores elementos pela movimentação constante, acorrendo á defesa e fazendo o ataque jogar.

O resultado está certo e poderia, até ter sido mais expressivo.

O Oriental fraquejou demasiado, depois dos visitantes terem conseguido empatar.

Manda a verdade dizer que naquele momento quem procurava um golo, era a equipa da casa. Não terão cruzado os braços, os de Marvila, mas deixaram-se bater vezes sem conta, pela antecipação do adversário. Abusaram demasiado do choque, tentando talvez intimidar os adversários. Mas estes mais habilidosos lá se iam esgueirando, criando panico na sua defensiva.

Também na defesa residiu o ponto fraco dos visitados. Morais 1.º te-

(Continua na página seguinte)

EM CORUCHE

Jornada de confraternização

Sempre que se realizam jogos entre os clubes de Portimão e Coruche, sejam eles no Ribatejo ou no Algarve, as respectivas populações estão em festa. Foi o caso de ontem. De Portimão deslocaram-se cerca de quinhentas pessoas, em autocarros e automóveis, que vieram dar o seu abraço de amizade aos Ribatejanos, aproveitando para tal, a deslocação do Portimonense á ribeirinha vila do Sorraia. Foram recebidos em festa e em festa esteve a vila todo o dia.

Antes do inicio do prélio foi guardado um minuto de silêncio em memória do rev. Evaristo Guerreiro, que era natural de Portimão e residia em Coruche há cerca de quarenta anos.

A partida começou práticamente com o primeiro golo dos locais que não teve, no entanto, o condão de os despertar.

Só a partir do primeiro quarto de hora, quando o Portimonense empatou, o jogo começou a decorrer com mais entusiasmo e melhor feição.

Após o recomeço viu-se uma nitida vontade dos locais de desempatar, mas foram os visitantes, a quem a sorte sorriu, que conseguiram o golo da vitória.

Na equipa vencedora que jogou com muita garra destacaram-se Daniel, Robalo e Grilo. Nos locais, o defesa-central Prates fez uma partida extraordinária. Boa arbitragem.

No final do encontro, a caravana portimonense foi obsequiada com um «copo d'água» na Quinta de S. André, gentilmente cedida á comissão de recepção pelo sr. António Branco Teixeira.

VITOR AMARO

UM RECURSO

do Sacavenense

O Sport Clube Sacavenense vai recorrer, para o Conselho Jurisdicional da F. P. F., dos castigos aplicados aos seus jogadores José Rasteiro Mota e Fernando Rodrigues Ferreira Felix.

EM SERPA

A confiança

castigou os locais

As facilidades encontradas pela equipa serpense na primeira parte do seu jogo com o Juventude e em que foram desaproveitadas escandalosamente duas ou três magnificas oportunidades de golo, acabaram por redundar em grave prejuizo. Por outro lado, o excesso de confiança então manifestado veio a ser-lhes fatal, pois, no segundo período, os visitantes lograram três tentos quase de rajada e jamais se deixaram alcançar.

Pode mesmo concluir-se que a derrota dos locais foi o maior e melhor castigo para o excesso de confiança e soberania manifestados no decorrer do primeiro tempo.

Nos vencedores, merecem destaque Varatojo, Olivio, Viegas e Caraça, enquanto nos vencidos, cuja defesa teve largas culpas nos tentos sofridos, apenas Cecilio e Mateus tiveram actuação meritória. Boa arbitragem.

ANTÓNIO AFONSO

Campeonato de França

O Nimes á frente do Racing de Paris

PARIS, 8.—Resultados da 19.ª jornada da primeira divisão do Campeonato de Futebol da França: Mónaco-Racing, 4-1; Nimes-Nancy, 1-0; Strasbourg-Nice, 2-2; Sochaux-Reims, 3-1; Lyons-Angers, 1-0; Limoges-Sedan, 1-1; Toulouse-Sedan, 3-1; Rennes-Ales, 4-2; Valenciennes-Saint Etienne e Lille-Marselha, suspensos devido ao nevoeiro.

Classificação: 1.º, Nimes, 26 pontos; 2.º, Racing, 25; 3.º, Nice e Sochaux, 24; 5.º, Reims, 23; 6.º, Mónaco, 22; 7.º, Lyon, 20; 8.º, Limoges, Rennes e Toulouse, 19; 11.º, Saint Etienne (um jogo de atraso), Angers e Strasbourg, 18; 14.º Lille e Valenciennes (um jogo de atraso), e Sedan, 16; 17.º, Lens e Nancy, 15; 19.º, Ales, 12; 20.º, Marselha (um jogo de atraso), 9.—(A. N. I.).

No segundo tempo, o Montijo atacou insistentemente e, neste lance, com o Arroios em apuros, o golo é salvo no ultimo momento por um defesa que desviou a bola com a cabeça

EM FARO

Vitória justa dos visitados

No primeiro tempo, em que o jogo foi repartido pelas duas metades do terreno, ainda que com dominio dos locais e superior perigo para os visitantes, os Farenses podiam ter mantida a vantagem inicial e mesmo elevar o marcador.

O desiquilibrio global dos visitantes deu-lhes uma derrota demasiado pesada se repararmos nos valores individuais da equipa, bem estruturada na defesa e médios, mas com dianteiros sem poder de infiltração e de remate.

Enquanto os Farenses progridem de domingo para domingo, os visitantes, a partir do segundo tento, denunciaram a derrota, sem se entregarem, mas reprimindo bastante o seu entusiasmo e dando aso á movimentação exuberante dos dianteiros algarvios, a que Augusto se opôs tenazmente, para evitar uma «goleada».

Nos visitantes, o ataque esteve bastante mal, apenas com palmas para Rui e Monteiro, os médios distinguiram-se, especialmente, Martins, denotando, no entanto, a falta de avançado á altura das necessidades da equipa.

Nos locais não existiram pontos especiais de referência. Toda a equipa actuou em bom plano e obteve uma vitória justa, entusiástica e bem merecida.

A tarefa do árbitro foi bastante facilitada pela correcção das equipas.

PEDRO MARTINS

Oriental - Olhanense

(Continuação da página anterior)

ve um «dia não», aliás a posição que ocupou no terreno, sempre muito adiantado criou-lhe problemas, pois o extrema á sua guarda tinha mais rapidez de pernas.

Concluiu-se portanto, que o mal das duas equipas esteve nas suas defesas. Felizmente, para os Algarvios, as duas linhas média e atacante cumpriram, ao contrário dos locais. Daí a razão e justiça da vitória.

Nos vencedores há a destacar a actuação de Nunes, Toupeiro, Venício, Angelo e Gralho. Rui quando a equipa «acordou», começou a actuar com mais acerto e merece este apontamento.

Nos vencidos: Soares, Cordeiro e Luz, este ultimo, não terá tido actuação pendular, mas a fraca actuação de Morais 1.º e Ribeiro forçaram-no a muitas corridas.

Luciano, tem habilidade, domina bem o esférico, mas teme-se demasiado, tem de ser mais objectivo.

Quanto á arbitragem teve falhas e a maior terá sido um «fora de jogo» assinalado (salvo erro) a Angelo quando se encontrava frente a Soares, e que nos parece inexistente.

JOAQUIM PEDRO

Campeonato de Espanha

O Atlético de Madrid venceu o Saragoça por 7-1

MADRID, 8.—Resultados da 13.ª jornada do Campeonato de Futebol da Espanha: Real Sociedad-Celta, 3-0; Granada-Gijon, 6-0; Betis-Oviedo, 3-0; Atlético de Bilbau-Español, 4-1; Barcelona-Las Palmas, 5-1; Real Madrid-Sevilha, 3-1; Atlético de Madrid-Saragoça, 7-1; Valencia-Osasuña, suspenso devido ao mau tempo.

Classificação: 1.º, Madrid, 23 pontos; 2.º, Barcelona, 20; 3.º, Betis, 17; 4.º, Atlético de Madrid, 17; 5.º, Atlético de Bilbau, 17; 6.º, Valencia, 14 (um jogo de atraso); 7.º, Real Sociedad 12; 8.º, Español, 12; 9.º, Las Palmas, 11; 10.º, Saragoça, 11; 11.º, Granada, 11; 12.º, Oviedo, 10; 13.º, Osasuña, 10 (um jogo de atraso); 14.º, Gijon, 10; 15.º, Sevilha, 7; 16.º, Celta, 6.

O 40.º ANIVERSÁRIO

do Juventude de Évora

Realizou-se a sessão solene comemorativa do 40.º aniversário do Juventude, á qual presidiu o sr. José Félix Mira, governador civil de Evora. Discursaram os srs. Armando Valentim Calado e cónego dr. José Manuel Guerreiro, respectivamente presidentes da direcção e da assembleia geral do clube; dr. Leitão da Silva e Cabral Rocha, que pronunciou uma palestra subordinada ao tema «Desporto — escola de virtudes».

Relógio de Precisão
LONGINES
Milhões em uso nas CINCO partes do Mundo

OS JOGOS DA 2.ª DIVISÃO

TORNEIO DA ZONA NORTE

Os dois guias não se deixaram surpreender e consolidaram a sua posição

Começou ontem a 2.ª volta do campeonato nacional da 2.ª Divisão. O certame teve, portanto, a sua 14.ª jornada, que, na Zona Norte, forneceu os resultados que a seguir relembramos:

Peniche-Leixões	0-3	(0-4)
Vianense-Espinho	0-1	(2-0)
Tirsense-Marinhense	2-1	(0-5)
Gil Vicente-Vila Real	1-0	(1-4)
Oliveirense-Salgueiros	2-4	(3-2)
Chaves-Portalegrense	6-1	(0-1)
Boavista-Sanjoanense	6-1	(0-1)

Entre parentesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

Desta maneira a classificação passou a ser seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Leixões	14	9	4	1	31-10	22
Boavista	14	10	2	2	39-20	22
Salgueiros	14	8	—	6	30-18	16
D. Chaves	14	7	2	5	26-17	16
Oliveirense	14	7	2	5	27-24	16
Sp. Espinho	14	6	2	6	17-18	14
Vila Real	14	6	2	6	19-22	14
D. Peniche	14	5	3	6	27-27	13
Sanjoanense	14	4	5	5	16-23	13
Marinhense	14	6	—	8	26-21	12
Gil Vicente	14	4	4	6	18-28	12
Tirsense	14	5	2	7	24-40	12
Vianense	14	4	2	8	21-23	10
Portalegrense	14	2	—	12	11-41	4

Nesta jornada se a vantagem de jogar em casa, por um lado, não «falou» alto, visto que houve três visitantes que ganharam (Leixões, Espinho e Salgueiros), por outro, foi aproveitada por três dos visitados (Tirsense, Gil Vicente e Boavista) para alcançarem desforras dos desaires sofridos há 13 semanas.

E uma vez que citamos desforras verificadas, teremos de acrescentar as do Espinho e do Salgueiros, a perfazer um total de cinco contra duas confirmações (Leixões e Chaves) de resultados da 1.ª volta. Predominaram, pois, as desforras.

Dentre os resultados ontem verificados na 1.ª volta são os do Leixões e Chaves (um golo de diferença em cada).

O Leixões e o Boavista prosseguem a par e pode dizer-se que não ganharam só os seus desafios, pois venceram, também, em Oliveira de Azemeis, pois á custa da derrota da equipa local consolidaram a sua posição de guias, ficando com um avanço, de certo modo tranquilizador. Para os lugares imediatos, a luta ganhou interesse com a formação do trio Salgueiros-Chaves-Oliveirense.

Entre os ultimos ...tudo na mesma.

O avançado salgueirista Chico remata á baliza do Oliveirense com um pontapé de «bicicleta»

O ataque do Leixões foi positivo

A equipa do Matosinhos soube encarar a delicadeza da sua deslocação a Peniche, realizando, no campo do Baluarte, uma partida cheia de decisão. Embora sem dominar a equipa local, o Leixões soube agir sempre da melhor maneira sustentando firme organização defensiva em que preponderaram Oliveira e Raul e imprimindo aos seus golpes de ataque objectividade que lhe permitiu o triunfo claro que ao intervalo se traduzia já abertamente com duas bolas de vantagem. Os Penichenses, ainda que batendo-se de principio a fim com grande entusiasmo, ficaram bastante aquém dos visitantes na ordenação do seu jogo. O ascendente territorial de que por vezes desfrutaram tornou-se inconsistente por falta de unidade dos seus dianteiros que se deixaram anular totalmente na zona de remate. Deste modo, o êxito do Leixões foi desfeixo lógico e merecido.

O Salgueiros desforrou-se da Oliveirense

A equipa salgueirista soube corresponder em absoluto á expectativa que rodeava a sua deslocação a Oliveira de Azemeis, batendo-o desde o primeiro minuto com extraordinária vontade para vingar a derrota que na primeira volta sofrera em «casa». Mercê desse empenho, os «encarnados» portuenses comandaram sempre no marcador, revelando-se mais solidamente estruturados.

A Oliveirense, sem deixar de evidenciar o seu equilibrio de habilidade, viu-se dominada pela resolução que o Salgueiros pôs na luta, revelando-se incapazes de contrariar a feição imposta pelos visitantes.

A defesa local, com alguns deslizes, contribuiu também em parte para o resultado final o qual, no entanto, premiou a equipa mais completa sobre o terreno. A partida, embora energicamente disputada, não saiu dos limites podendo considerar-se rigorosas as expulsões de Lenine, do Salgueiros, e de Santos I, dos Oliveirenses.

O Chaves teve muitos golos e pouco jogo

Enfrentando o Portalegrense, ultimo classificado na sua zona, o Chaves realizou quatro golos nos primeiros 45 minutos, mas nem assim a sua actuação satisfez. Influenciados pela menor capacidade do adversário, os Flavienses jogaram sem fulgor, realizando exibição desligada e falha de entusiasmo. Por via disso, o Portalegrense cobrou animo na segunda parte, obtendo o ponto de honra, o que obrigou os locais a maior aplicação, conseguindo, para o final, jogo mais vistoso, mas sem resultados práticos que o aprimorassem.

O Boavista superiorizou-se bem á Sanjoanense

O encontro realizado no Bessa ofereceu diversas cambiantes. De entrada, a luta equilibrou-se com um golo para cada banda, mas logo que o Boavista se adiantou na contagem por via de uma grande penalidade, o jogo tornou-se agreste com pormenores desagradáveis mantendo-se esta feição até ao intervalo. No recomeço, o Boavista, com o ataque em boa carboração, teve o melhor período aumentando rapidamente a diferença em seu favor. Os Sanjoanenses não se entregaram mas reduzidos depois a dez unidades pela saída do defesa direito, expulso pelo árbitro, viram as dificuldades agravadas, acabando por serem submetidos a derrota volumosa que o Boavista soube justificar, graças a um mais apurado sentido técnico.

O Vianense não teve sorte

A equipa de Viana do Castelo sofreu nova derrota em «casa» o que comprometeu mais a sua posição. Analisado, porém, o decorrer deste seu jogo contra o Espinho, tem de reconhecer-se que a sorte não a acompanhou, condenando-a a um revés que não merecia. Na realidade, os Espinhenses, obtido o golo unico num rápido contra-ataque finalizado por Walter, cerca dos 20 minutos, estiveram daí por diante quase sempre remetidos a tarefa defensiva que só conseguiram levar a cabo com grande dose de felicidade, pois o Vianense jogou em toda a segunda parte em plano de nitida superioridade.

A perturbação que se apossou dos dianteiros locais ante a iminência do desaire facilitou a acção da defesa visitante, desperdiçando os Vianenses toda a larga série de oportunidades que construiram.

O Tirsense teve adversário difícil no Marinhense

O jogo de Santo Tirso foi ardorosamente disputado, equilibrando-se a luta entre Tirsenses e Marinhenses até ao intervalo, atingido com a igualdade de uma bola. A velocidade que ambas as equipas imprimiram á sua acção tornou o encontro movimentado, mantendo-se a incerteza pelo desfecho até perto do final. Mais impetuosos, os visitados acabaram por decidir a contenda a seu favor cinco minutos antes do jogo terminar, a despeito de Chelas, um dos seus melhores elementos, se haver lesionado logo após o recomeço. O Marinhense foi adversário difícil, dando réplica vigorosa e desenvolvendo, por vezes, boa toada de jogo que embaraçou a equipa da «casa».

O Gil Vicente merecia mais golos

Foi emotiva a luta travada em Barcelos, onde o Gil Vicente teve de satisfazer-se com vitória mínima sobre o Vila Real. Os Barcelenses, pelo esforço que desenvolveram na segunda parte, na qual obtiveram o golo que ditou o seu triunfo, mereciam margem mais folgada, mas a verdade é que os Vila-realenses jamais se deixaram submeter abertamente, antes evidenciando excelentes recursos em jogo bem ligado que frequentemente os tornou perigosos para a baliza gilista. A defesa local oportuna e decidida, anulou todas as iniciativas dos trasmontanos assegurando o resultado favorável a que a equipa visitada fez jus pela maior velocidade e insistência do seu ataque.

Adriano despede um violento pontapé na bola, mas Ramiro defendera

Os campeões nacionais de juniores: No primeiro plano, a começar da esquerda, Vitor Ferreira, Virgílio Coelho e Luís Alves. No segundo plano, pela mesma ordem, Carlos Pires, Julio Antunes, Joaquim Ferreira e Jorge Leitão

HÓQUEI EM PATINS

O Campo de Ourique
campeão nacional de juniores

Terminou, esta manhã, o campeonato nacional de hóquei em patins, na categoria de juniores. Ao Boavista sucede, na lista dos campeões, o Campo de Ourique.

Com efeito, das quatro equipas intervenientes na fase decisiva — Campo de Ourique, Cascais, Académica de Espinho e Escola Livre de Oliveira de Azemeis — a dos Lisboetas foi a que demonstrou maior capacidade técnico-táctica. Na «poule» Sul-Norte esteve infeliz, muito aquém das suas possibilidades. No Norte, porém, impressionou altamente a sua estrutura e a personalidade do seu binário diantéiro.

Não esqueçamos que, em duas épocas, os novos campeões apenas averbaram duas derrotas — uma contra o Boavista; outra, contra a Cuf. E, no entanto, disputaram 71 desafios!

Consequentemente, a competição teve o desfecho mais lógico, mais justo.

*

As outras três equipas estão um pouco distantes da categoria dos vencedores. No entretanto, o Dramático de Cascais segue-se em mérito aos Lisboetas. Mais rodados e com bastante intuição por parte de alguns dos seus jogadores. Todavia, o «cinco» da Costa do Sol não mostrou a afinação do seu co-associativo.

*

A Académica de Espinho, aliás, como era aguardado, a despeito de ser campeã da Associação de Patinagem do Norte, foi inferior aos representantes da capital. E' notória a sua falta de contacto com equipas mais apetrechadas. E' curioso o pormenor dos Espinhenses não terem evidenciado muita dificuldade na adaptação á pista de madeira do Pavilhão dos Desportos.

Finalmente, surge-nos o «team» menos evoluido — a Escola Livre. Os seus elementos, embora voluntariosos, demonstraram pouca patinagem. Alguns, como o numero 8, que actuou a defesa, exteriorizaram boa colocação no rinque, cortando com á-vontade, os golpes ofensivos desferidos pelos adversários. Há ainda a notar o facto dos seus actuantes manobrarem o «stik» apenas com uma das mãos. Além de inestético tira grandes possibilidades de acção construtiva.

JOSÉ GRAIS

VADINHO
é esperado hoje

A chegada de Vadinho, avançado-centro do Sporting, tantas vezes anunciada, deve verificar-se hoje, entre as 18 e as 19 e 30 horas. O jogador brasileiro desloca-se por via aérea.

Matateu — o grande «maestro»
de uma «orquestra» bem afinada

(Continuação da 1.ª página)

mos 15 minutos, não sem que os vitorianos continuassem a ameaçar (um «tiro» cruzado de Virgílio passou em frente das balizas desertas) até que no limite do tempo Matateu logrou o 1.º golo, aproveitando um falhanço de Alfredo e depois uma hesitação de Soares.

■

Quer dizer, o grupo do Restelo regressou aos vestiários com um poderoso estímulo. O efeito psicológico foi extraordinário de tal sorte que a lesão de Moreira e a consequente mexidela no xadrez não provocaram contrariedades nos ultimos 45 minutos. Carlos Silva encarregou-se de «secar» Inácio, completamente. Dimas, na intermediária, assumiu o papel de fiel da balança, o senhor do meio campo, e nos dois flancos da avançada (no 1.º tempo o da esquerda ficou desoladoramente vazio) estavam homens que colaboraram (Moreira a despeito de coxear foi singularmente util e até perigoso).

O resto foi fácil. Ou se adregava um golo mais ou então trancas na porta. Foi a primeira hipótese que resolveu a contenda (aos 10 m.), graças a duas consecutivas insistências de Dias e Martinho. Os vitorianos acusaram desmoralização que mais se radicou quando Fernandes não transformou a grande penalidade (aos 15 m.). Então, sim, os «azuis» evoluiram descontraidamente, confirmando não só a sua melhor homogeneidade, a força dos respectivos sectores, como ainda a definição de que, na actualidade, estão a praticar um futebol equilibrado, onde o conjunto sobreleva os virtuosismos individuais.

Os dois ultimos golos (o de Matateu foi verdadeiramente espectacular e o de Yauca pareceu-nos precedido de deslocação) resultaram de um natural ascendente, uma espécie de capa de arminho sobre vestidos de veludo e de caro brocado.

■

Todas as unidades do Belenenses comportaram-se em nível satisfatório, agindo com a intenção de valorizar a eficácia do conjunto. José Pereira não teve falhas. De anotar, o seu capricho em defender o «penalty»; no primeiro remate, mexeu-se, realmente; na repetição, a bola foi-lhe á figura. Seja como for, a proeza teve o condão de reforçar o animo dos companheiros.

Médios e defesas unidos, atentos e seguros. Pires meteu Virgílio «no bolso do colete», o mesmo fazendo Carlos Silva quando recuou para defesa. Figueiredo «bateu o pé» ao binário Mendonça-Fernandes. Boa exibição do «stopper». Moreira redimiu-se no 2.º tempo, apesar de lesionado. Abandonou o rectangulo tardiamente... Vicente foi a costumada formiga, que trabalha sempre.

Na dianteira, o «eclipse» de Yauca foi substituido pelo «renascimento» de Matateu; o Moçambicano regressou aos seus tempos áureos, esbanjou energias e rematou muito (no 1.º tempo foi o unico ariete intencional). Dimas exemplificou a eficiência posicional nos terrenos dos «fogos cruzados». Atravessa um grande momento. Tonho e Martinho, briosos, esforçados e utilíssimos.

■

O Vitória de Setubal, apesar da «goleada» não desiludiu, em absoluto. Jogou um futebol clarividente, até vistoso, mas a inoperancia dos seus avançados, como já frisámos, provocou o desmoronamento dos alicerces. Mais tarde, os defesas laterais e os médios soçobraram, incorrendo em deslizes condenáveis, inevitávelmente fatais. Artur Vaz foi um gigante, mas não podia fazer tudo. Soares, quando andou na sombra de Tonho, evidenciou-se, mas no segundo tempo, na missão de puro defesa lateral, sucumbiu. Miguel ainda tentou arrumar a casa, mas já ninguém se sentia com forças e vontade. Inácio, fulgurante no «período do não» de Moreira, apagou-se. Alfredo deu nas vistas a meio do terreno, mas dentro da área, nas jogadas de aperto, foi infeliz. Polido em jeito modesto. Os restantes demasiado apáticos...

■

O sr. Reinaldo Silva não errou na interpretação das cargas e teve a sua tarefa facilitada pela lealdade dos jogadores. Estranhamos bastante as explicações, que deu quando da repetição do «penalty». A personalidade, que tem revelado, dispensava bem um momento tão caricato. — F. S.

Aguas
continua à frente
dos marcadores

No decorrer da 11.ª jornada, disputada ontem, marcaram-se 27 golos, 24 para os vencedores, 1 para os vencidos e 2 relativos ao empate de Torres Vedras.

Morais e Hugo, do Sporting, Matateu, do Belenenses, Hernani, Noé e C. Duarte, do Porto, e ainda Bártolo, do Guimarães, alcançaram cada um dois tentos. Hernani converteu um «penalty» e Caldeira, do Sporting, marcou na sua própria Baliza.

Águas, embora tenha ficado em branco, continua á frente, com 14 tentos. Seguem-no Edmur (V. Guimarães), com 12; Yauca (Belenenses), com 11; F. Mendonça (S. Braga), com 10; Fernandes (V. Setubal), com 9; Teixeira (F. C. Porto), com 8; C. Duarte (F. C. Porto), com 7; Mendes (Benfica) e Ivson (Sporting), com 6, e Cavém (Benfica), Inácio (V. Setubal) e Teixeira (S. Braga), com 5 cada.

Novas fórmulas
nos «Europeus»
de basquetebol

Mister Jones, secretário-geral da F. I. B. A., é um homem de ideias práticas. Encara, agora, com todo o vigor um novo projecto para os próximos Campeonatos Europeus, e que não é mais do que a reforma pura e simples dos Campeonatos Continentais. Eis os seus principais pontos de vista:

1.º — Limitação do numero de equipas participantes a 16; 2.º — Efectivação de encontros preliminares; 3.º — Estabelecimento de um plano económico.

Analisando a projectada reforma, a primeira pergunta que ocorre, é, sem duvida, a que se relaciona com a escolha das 16 equipas. Propõe-se que a escolha seja feita á base do Campeonato da Europa precedente. Assim, teríamos a seguinte ordem:

GRUPO I — Russia, Checoslováquia, Hungria, França, Itália, Bulgária, Polónia, Jugoslávia e Turquia (os dez primeiros classificados no anterior campeonato); GRUPO II — Bélgica, Finlandia, Austria, Espanha, Israel, Egipto, Grécia (os três primeiros países com direitos adquiridos do 11.º ao 13. lugar). Os restantes nações incorporar-se-iam. GRUPO III — Suíça, Holanda, Alemanha, Inglaterra, Albania, Dinamarca, Suécia e Luxemburgo (do 14.º ao 21.º lugar) e Libano, Siria, PORTUGAL, Tunísia, Marrocos e Irlanda, como anexadas, em virtude da falta de antecedentes noutros torneios continentais.

No que diz respeito ao plano económico, as Federações Nacionais seriam convidadas a realizar uma quotização na seguinte base: países do Grupo I: 2.000 dólares; do Grupo II: 1.250 dólares; do Grupo III: 625 dólares (19.125$00). Como compensação desta inversão, os países participantes ver-se-iam beneficiados com um abono para os gastos de deslocação da sua equipa (viagem de ida e volta e despesas de estada calculados em uns 10 dólares diários num total de 15 pessoas. Este projecto vai, ser, portanto, a grande discussão do Congresso que se realizará, em Istambul, dentro de meses, ao mesmo tempo que se desenrolará o Campeonato da Europa de 1959.

MOSAICO
INTERNACIONAL

Prepara-se para o final da época um importante torneio internacional de futebol, a disputar em Florença Quatro dos mais fortes «teams» da Europa tomam parte na prova. São o Florentina, o Reims, o Juventus e o Real Madrid.

Alguns dos mais célebres jogadores de futebol estarão na competição: John Charles, Di Stefano, Kopa, etc.

Espera-se que a prova alcance assinalado e bem merecido êxito.

* * *

No regresso de Istambul, onde defrontaram o Besiktas para a taça dos Campeões Europeus, os jogadores do Real Madrid organizaram um concurso, o qual consistia em adivinhar as horas de voo do comandante do avião (9.576). Foi o espanhol de origem argentina, Rial, o vencedor, indicando o numero mais aproximado: 10.500 horas. O prémio consistiu num modelo reduzido do avião em que viajavam.

* * *

O Real Madrid jogou em Istambul com o Besiktas, depois dos incidentes ocorridos em Chamartin no desafio da primeira «mão». Sabe-se, agora, um pormenor curioso: cada vez que um jogador turco incorria em falta apressava-se a abraçar e beijar o adversário. Kopa, nesse encontro, recebeu mais beijos e abraços que uma noiva!...

* * *

A selecção militar francesa regressou a Paris em dois pequenos aviões militares, cada um dos quais não levava mais de 15 pessoas. No melhor, seguiram os oficiais, os internacionais A, Wisnieski, Ferrier e Guillas, os jogadores do Sochaux, Goujon e Peyroche e seis jornalistas. No pior, o resto da comitiva, incluindo Alberto, o responsável n.º 1 do revés dos «tricolores». Ninguém reparou que os jornalistas fossem no avião melhor. Havia de ser cá...

* * *

Recentemente, em França, faleceu quando dirigia um desafio de futebol o árbitro francês Drevet. A família ficou em precárias condições e, até agora, não se registou qualquer movimento de solidariedade. A Imprensa da especialidade, porém, ocupa-se do caso e sugere que casos desta natureza sejam considerados acidentes de trabalho, devendo a F. F. F. rever os contratos de seguro que realizou em beneficio dos juízes de campo. Entretanto, foi lançada uma campanha de auxílio á viuva e a uma filha de 5 anos do desditoso árbitro.

* * *

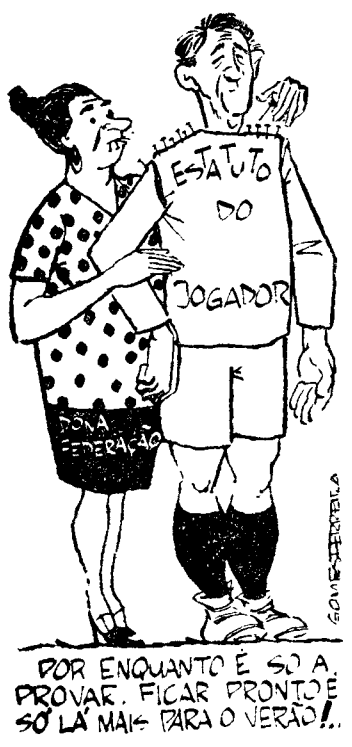
A vitalidade do futebol europeu é um facto que já não oferece contestação. No dia 23 de Novembro disputaram-se nada menos de sete desafios internacionais, nos quais estiveram representados treze países, incluindo-se naquele numero os encontros para a Taça dos Campeões Europeus. Portugal, com a selecção militar, marcou também a sua presença.

* * *

Para a Taça dos Campeões Europeus estão já apuradas sete das oito equipas que disputarão os quartos de final: Standard de Liége (Bélgica), Wiener (Austria), Young Boys (Suíça), Wismut (Alemanha Oriental), Schalke 04 (Alemanha Ocidental), Real Madrid (Espanha), detentor do título, e Reims (França). Falta, apenas, efectuar o terceiro desafio entre o Atlético de Madrid e o C. D. N. A. (Bulgária), não estando ainda designada a data.

* * *

A propósito do terceiro jogo Atlético de Madrid-C. D. N. A. constou que os dirigentes do clube espanhol fizeram diligências no sentido de que esse encontro se realizasse em Madrid, no estádio de Chamartin, que lhe seria cedido pelo Real. Segundo esses rumores, os dirigentes bulgaros seriam recebidos no dia 9 pelos seus colegas do A. M., os quais lhes garantiriam a indemnização de 20.000 dólares (600 contos!).



APONTAM
DA

Eis como foi feita a divisão dos catorze pontos que ontem havia para distribuir: para os visitados, 10; para os visitantes, 4.

Vencedores em casa: Sporting, F. C. Porto, Guimarães e C. U. F. Vencedor «fora»: Belenenses. Empataram em casa: Lusitano e Torriense. Empataram «fora»: Benfica e Braga.

As «goleadas» do Porto, Sporting e Belenenses contribuiram decisivamente para a elevada marcação de tentos que se registou — nada menos de 27. Repare-se que, no entanto, nas Antas, em Alvalade e nos Arcos se marcaram 21 golos.

Ficaram em branco na marcação de golos: Lusitano, Benfica, Barreirense, V. Setubal, Caldas e Académica, não sendo vulgar tan-

	EM CASA						FORA					
	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.	J.	V.	E	D.	Bolas	P
Benfica	5	5	—	—	23- 3	10	6	2	4	—	10- 4	
Belenenses ...	5	4	1	—	11- 0	9	6	3	1	2	11- 8	
V. Guimarães..	6	5	—	1	22- 5	10	5	3	—	2	8-15	
Sporting	6	5	—	1	21- 5	10	5	2	1	2	7- 6	
F. C. Porto ...	6	3	3	—	18- 5	9	5	2	1	2	8- 5	
C. U. F.	6	3	2	1	8- 6	8	5	2	1	2	8- 8	
V. Setubal ...	6	4	1	1	15-11	9	5	1	1	3	7-14	
Spt. Braga ...	5	3	—	2	14- 7	6	6	1	3	2	9-14	
Lusitano	6	2	2	2	16-10	6	5	1	1	3	4-10	
Barreirense ...	5	1	1	3	5- 8	3	6	2	1	3	7-14	
Académica ...	5	2	1	2	7- 7	5	6	—	1	5	4-16	
Torriense	6	2	2	2	6- 9	6	5	—	—	5	3-26	
Spt. Covilhã...	5	2	1	2	9-10	5	6	—	—	6	4-23	
Caldas	5	1	2	2	8-11	3	6	—	1	5	7-20	

O árbitro ordenou a repetição de grande penalidade e Tonho mostra-se exuberante nos protestos, mas Reinaldo Silva foi intransigente...

EM GUIMARÃES

O Guimarães começou cedo a destroçar o «ferrolho» do Caldas

O jogo do Amorosa foi descolorido, de certo modo quezilento e sem grande chama futebolística. A turma do Caldas retratou-se logo que o juiz de campo deu começo ao desafio. Acantonou os homens no seu meio-campo e formou barreira defensiva para tolher os movimentos dos atacantes minhotos, especialmente de Elmur. O «ferrolho» desta vez não chegou a oferecer ao quadro que o aplicou qualquer esperança, sobretudo porque houve um homem que não se deixou embalar pelo despique de perto. Quase sempre os atacantes minhotos teimaram em procurar o jogo miudo, de pouco rendimento e de progressão lenta. Isso convinha aos Caldenses que desciam perigosamente até á baliza de Sebastião sempre que as oportunidades lhe apareciam. Mas a avalanche de futebol, a abundancia de jogo surgia sempre a meio-campo dos Caldenses .Era lá que mais tempo permanecia a bola. Edmur, marcado como estava, não atinava com o caminho das balizas e não conseguia aplicar o seu poderoso remate.

Todavia, a outro dianteiro do Guimarães veio a pertencer o golpe a dar a toda a estrutura defensiva do Caldas. Foi Bártolo, o futebolista do dia. O franzino estreante vimaranense foi inteligente na sua maneira em levar de vencida os defensores contrários. Optou pela maneira mais fácil de alcançar os propósitos do grupo, começando a alvejar á distancia, as balizas de Vitor. E fê-lo de tal forma, que obteve dois golos primorosos, em jogadas rápidas e em que foi impotente todo o bolear defensivo dos visitantes. Bartolo rematou a sua excelente visão cmo um centro largo que veio a proporcionar a outra bola a Edmur com um golpe de cabeça á boca das redes. Quer dizer: o extremo-direito do Guimarães esteve na base de todos os golos da sua equipa.

O Guimarães não pôde desenvolver o seu habitual jogo de ataque. mas a verdade é que mesmo perante todas as dificuldades os vimaranenses poderiam ter apresentado outra clareza na zona da verdade. Foi uma tarde não. Contudo. a vitória está certissima e premeia a equipa que mais comandou.

Depois que se viu perdida a turma do Caldas alargou os seus homens na esperança de atenuar a desvantagem. Não o conseguiu, porém, embora tivesse tido possibilidades para tal.

Enfim, vitória merecida da turma que mais personalidade e mais valor demonstrou possuir.

DOMINGOS LUZ

NAS ANTAS

A defesa do Barreirense contribuiu para a «catástrofe»

t jogada que antecedeu a marcação do 4.º golo do F. C. Porto. Carlos Duarte prepara-se para ultrapassar o guarda-redes barreirense

Bela Gutman parece disposto a rtadas fortes neste jogo arriscado e é a direcção da equipa do F. Porto. Assim podem interpretar-se as ausências de Pedroto e Gastão no jogo de ontem, ás quais deverá ainda ajuntar-se a de Osvaldo Silva. Três pedras de relevo, substituidas por Luís Roberto, Morais e Noé, havendo a considerar também a falta de Miguel Arcanjo que saiu contundido há oito dias no Estádio do Restelo e cujo lugar foi preenchido com o recuo de Monteiro da Costa.

Forçadamente ou não, quatro titulares não figuram na formação das Antas e isso ao que geralmente se supõe pode indicar uma tendência e, como se disse, o propósito firme por banda do técnico hungaro de jogar fortemente o seu «match» com a fortuna. Desta vez, ante a indiscutível eloquência dos numeros, que esmagaram o grupo barreirense, a vaza pertenceu a Gutman. Mas será, a nosso ver, temerário em demasia acreditar ou fazer acreditar que se trata já de um triunfo definitivo. A impressão que o encontro nos deixou ficou muito aquem dessa certeza e isto, principalmente, porque a defesa do Barreirense foi generosa colaboradora dos dianteiros «azuis-brancos», facilitando-lhes a construção de um resultado que não se identificou com o desenrolar da partida, salvo se o tomarmos como justo castigo para os erros acumulados pela retaguarda dos visitantes e ainda da ineficácia verdadeiramente confrangedora dos seus atacantes.

* * *

Fez pena, realmente, que o Barreirense, tendo estado, no capítulo de futebol harmónico, muitas vezes, á altura do adversário, senão até ultrapassando-o mesmo por espaços de tempo e em larga área do rectangulo, tudo haja deixado volatilizar se mimprimir o mais leve sinal a atenuar o pesadelo dos 7-0.

E a verdade é que a equipa da outra margem do Tejo patenteou, sobre a relva das Antas, qualidades indiscutíveis, nelas avultando a facilidade de domínio e permuta de bola, merecedores de relevo, além de uma coordenação de movimentos sumamente apreciável, a dar á sua acção no espaço compreendido entre a sua defesa e a defesa contrária um papel que com frequência era preponderante.

* * *

Contra um antagonista débil na defesa e inoperante no ataque, o F. C. Porto viu a sua tarefa grandemente facilitada. Só o primeiro golo se tornou mais laborioso, levando quase meia hora a aperecer e tendo feito surgir antes, da banda do publico, algumas indicações de impaciência significativas do ambiente delicado que envolve o actual momento dos «azuis-brancos».

A equipa portuense terá mostrado maior desembaraço que anteriormente, mas não afirmou, em suficiência, a assimilação de um novo processo definido.

ALBERTO LOBO

ENTOS JORNADA

tas equipas deixarem de marcar. Ficaram com mais jogos em casa (6) do que fora (5) o Vitória de Guimarães, o Sporting, o F. C. Porto, a C. U. F., o Vitória de Setubal, o Lusitano e o Torriense.

O Benfica continua a justificar a sua posição de guia: mais golos marcados (33) e menos tentos sofridos (7). Perseguem-no o Vitória de Guimarães (30 tentos marcados) e o Belenenses (8 golos sofridos).

O. Vitória de Setubal perdeu o encanto da invencibilidade no seu campo.

O Benfica alcançou o quarto empate fora de casa.

Os avançados foram mais decididos nas 2.as partes do que nas 1.as, pois antes do intervalo só se marcaram 10 golos. E depois, 17.

	TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
3	11	7	4	—	33- 7	18
7	11	7	2	2	22- 8	16
3	11	8	—	3	30-20	16
5	11	7	1	3	28-11	15
5	11	5	4	2	26-10	14
5	11	5	3	3	16-14	13
3	11	5	2	4	22-25	12
5	11	4	3	4	23-21	11
3	11	3	3	5	20-20	9
-	11	3	2	6	12-22	8
[	11	2	2	7	11-23	6
-	11	2	2	7	9-35	6
-	11	2	1	8	13-33	5
1	11	1	3	7	15-31	5

O médio C. Alberto decidiu o jogo Cuf-Académica

(Continuação da 1.ª página)

realizadora, o que lhe deu certa vantagem territorial, que, todavia, não foi, também, convenientemente aproveitada, porquanto os estudantes se agarraram demasiadamente á bola, num recreio inutil que não lhes deu qualquer vantagem — bem pelo contrário!

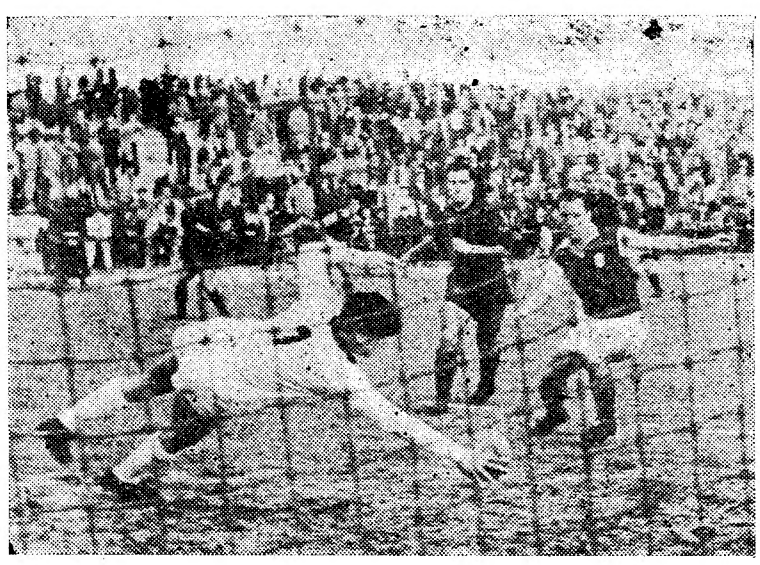
* * *

Superada pois, a acção global pelo individualismo absoluto que predominou, evidentemente que o marcador, só dificilmente, podia trabalhar com regularidade, pelo que a magreza do resultado se justifica plenamente, embora qualquer das equipas tivesse tido possibilidades de originar, uma mudança de factores. A mais flagrante oportunidade saiu dos pés do falado Rocha, que em tarde apagada, ia, contudo, fazendo o empate, ao atirar a bola contra a barra, empate que, a verificar-se, seria uma injustiça, pois, apesar de tudo, e do futebol negativo patenteado por ambos os quadros, cabia á C. U. F., sem duvida, o merecimento da vitória — tal como se verificou. A dar-se o contrário, o mesmo seria dizer que a verdade do jogo tinha virado as costas aos Barreirenses!

Na toada morna em que a «peleja» foi disputada deram, contudo, nas vistas, Abalroado, Palma, Carlos Alberto e Rodrigues, na C. U. F.; e Araujo, Marta e Jorge Humberto, este principalmente, na Académica.

O trio de arbitragem, dirigido por Abel Macedo Pires, de Lisboa, houve-se com acerto e sem dificuldades, para o que contribuiu a correcção de todos os jogadores.

PEDRO CARVALHO



Teixeira, guardião dos estudantes, com a mão bem aberta vai deter a bola que foi chutada por Arsénio

Manuel Faria o primeiro estrangeiro em Barcelona

O campeonissimo português Manuel Faria, do Sporting, foi a Barcelona, disputar mais uma competição internacional «O Prémio Jean Bouin».

O comportamento do corredor lusitano, se bem que não tivesse sido brilhante, foi, pelo menos, meritório. A marca registada (27 m. 44,2 s.) tendo em atenção, o acidentado do percurso e a distancia (10 kms.) é de considerar excelente, tanto mais que o campeão português ainda não liberto de vários complexos, procura afincadamente a sua grande forma física.

O campeão português foi apenas batido no «sprint final, pois em mais de 80 % da quilometragem Manuel Faria comandou a corrida, impondo o seu andamento vivo e cadenciado.

Por outro lado, dois dos três homens que lhe ficaram á frente — Molins e Alonso, alunos do famoso técnico alemão Geshler, que também o foi de Manuel Faria — tiveram não há duvida, uma campanha internacional de grande relevo, com provas dadas em competições internacionais efectuadas na Alemanha e na Suécia.

A derrota de Manuel Faria, para nós, não tem outro significado que não seja mais um passo na sua carreira, que não está ainda terminada.

Dentro do que se esperava, a corrida do campeão português foi, portanto, excelente e revelou já certa confiança nas suas possibilidades. De resto, quase toda a prova foi disputada sob forte chuva, que tomou aspectos de diluvio á medida que a competição decorria.

Manuel Faria, foi o primeiro estrangeiro a alcançar a meta e o corredor que ditou a passada e o ritmo da corrida, por mais de oito quilómetros. Atrás de si no final ainda ficaram grandes nomes do atletismo internacional como Tomás Barris, Alain Minoun, Garcia e Bakir Benaissa.

78 horas e 40 minutos

a pedalar sob calor sufocante

RIO DE JANEIRO, 8. — O ciclista Enio Ferreira caiu inanimado, depois de ter pedalado sem descanso 78 horas e 40 minutos numa praça desta cidade sob calor sufocante de 40° C. Desistiu, portanto, 80 minutos antes do final da prova que disputava: 80 horas num espaço de 100 metros quadrados.

Tendo vindo da sua terra natal de Maceió, capital do Estado de Alagoas, Enio Ferreira tentava ganhar com a sua exibição dinheiro para continuar a viagem de bicicleta até Nova York... — (F. P.).

Futebol no estrangeiro

O SANTOS

guia do campeonato de S. Paulo

S. PAULO, 8. — Resultados dos ultimos encontros disputados a contar para o Campeonato de Futebol de S. Paulo:

Nacional-Taubaté, 4-2; Corinthians-Juventus, 1-1; Guarani-Ferroviária, 5-2; Quinze de Jaú-Quinze de Piracicaba, 1-0; América-Botafogo, 3-1; Portuguesa Santista-Noroeste, 2-1; Palmeiras-S. Paulo, 2-2; Ipiranga-Portuguesa de Desportos, 2-5; Juventus-Comercial, 4-2; Santos-Corinthians, 6-1; Ponte Preta-Guarani, 2-2; Quinze de Jaú-Taubaté, 4-1; Quinze de Piracicaba-Jabaquara, 4-2; Ferroviária-Nacional, 4-0.

Classificação geral, por pontos perdidos: 1.°, Santos, 11; 2.°, S. Paulo, 14; 3.°, Corinthians, 19; 4.°, Palmeiras, 24; 5.°, Noroeste, 26; 6.°, Portuguesa de Desportos, 29; 7.°, Quinze de Piracicaba; 30; 8.°, Botafogo, 33; 9.°, Portuguesa Santista, 36; 10.°, Taubaté, 39; 11.°, Nacional, 39; 12.°, Juventus, 40; 13.°, Ponte Preta, Guarani, América e Ferroviária, 41; 17.°, Comercial, 36; 18.°, Quinze de Jaú, 51; 19.°, Jabaquara, 52; 20.°, Ipiranga, 55. — (A. N. I.).

O STANDARD

em 5.° no campeonato belga

BRUXELAS, 8.—Os encontros da 12.ª jornada do Campeonato de Futebol da Bélgica tiveram os seguintes resultados:

Beringen-Union St. Gilloise, 0-3; Beerschot-Waterschei, 2-0; Berchem-Ol Charleroi, 1-1; Tilleur-Standard, 1-2; Liège-Lierse, 1-1; Tournai-St. Trond, suspenso o encontro devido ao mau tempo, quando o resultado era de 1-1; Anderlecht-Antuérpia, 1-1; Cantoise-Verviers, 0-0.

Classificação geral: 1.°, Beerschot, 16; 2.°, Anderlecht, 16; 3.°, Cantoise, 15; 4.°, Antuérpia, 15; 5.°, Standard de Liège, 16; 6.°, Waterschei, 14; 7.°, Union St. Gilloise, 13; 8.°, Liège, 12; 9.°, Lierse, 11; 10.°, Berchem, 8; 11.°, Tournai, 7; 12.°, Ol Charleroi, 7; 13.°, St. Trond, 7; 14.°, Verviers, 7; 15.°, Beringen, 6; 16.°, Tilleur, 6.—(A. N. I.).

Campeonato de Itália

O Fiorentina alcançou de novo o Milão

ROMA, 8 — Resultados dos jogos de ontem:

Fiorentina-Bari, 4-0; Roma-Unidesse, 3-0; Sampdoria-Padua, 3-0; Spal-Milão, 1-1; Lanerossi-Bolonha, 1-1; Torino-Genova, 0-0; Triestina-Napoles, 0-0. Por motivo de nevoeiro, não se disputaram os jogos Inter-Juventus e Alessandria-Lazio.

Classificação: Fiorentina e Milão, 16 pontos; Inter, Napoles e Roma, 14; Sampdoria, 13; Genova, 12; Juventus e Bolonha, 11; Lazio, Padua e Lanerossi, 10; Torino e Spal, 8; Bari, Unidesse e Triestina, 7; Alessandria, 6.

O M. T. K.

á frente do campeonato da Hungria

BUDAPESTE, 8.—Resultados dos encontros disputados ontem, a contar para a 11.ª jornada do campeonato de futebol da Hungria:

Ferencvaros-Budapest, 1-3; Vasas-Honved, 0-0; Dorog-M. T. K., 1-3; Miskole-Ujpest, 0-4; Szombatheley-Csepel, 2-0; Gyoer-Tatabanya, 0-1; Solgotarjan-Diosgyoer, 0-0.

Classificação: — 1.°, M. T. K., 18 pontos; 2.°, Vasas, 16; 3.°, Ujpest, 15; 4.°, Csepel, Ferencvaros, Solgotarjan e Szombatheley, 12; 8.°, Tatabanya, 11; 9.°, Honved, Diosgycer e Budapest, 10; 12.°, Miskolc, 7; 13.°, Dorog, 5; 14.°, Gyoer, 4 pontos. — (F. P.).

O NACIONAL

é o guia do campeonato uruguaio

MONTEVIDEU, 8. — Resultados dos encontros disputados ontem, para a 15.ª jornada do campeonato do Uruguai:

Peñarol-Cerro, 0-0; Nacional-Wanderers, 0-0; Defensor-Danubio, 4-4; Fenix-Rampla Juniors, 3-1; Sudamzrica-Liverpool, 4-0.

Classificação: 1.°, Nacional, 21 pontos; 2.°, Peñarol, 19; 3.°, Sudamerica, 18; 4.°, Rampla Juniors, 17; 5.°, Wanderers, 16; 6.°, Liverpool, 15; 7.°, Cerro, 13; 8.°, Danubio, 12; 9.°, Defensor, 11; 10.°, Fenix, 8 pontos. — (F. P.).

Campeonato da Argentina

O Racing é o grande favorito

BUENOS AIRES, 8 — Resultados do Campeonato Argentino de Futebol: Racing, 4-Gimnasia y Esgrima, 1; San Lorenzo, 4-Huracan, 2; Boca Juniors, 3-Independiente, 3; Central Cordoba, 7-Lanus, 3; Estudiantes, 3-River Plate, 3; Rosario Central, 3-Velez Sarsfield, 1; Atlanta, 3-Tigre, 1; Argentinos Juniors, 2-Newell's Old Boys, 1.

O Racing comanda agora a classificação, com 5 pontos de avanço, faltando-lhe sómente três jogos. Basta que ganhe um jogo ou empate dois, para se consagrar campeão de 1958. — (A. N. I.).

CAMPEONATO CARIOCA

HÁ SETE ANOS

que o Botafogo não vencia o Vasco da Gama

RIO DE JANEIRO, 8. — Nos jogos disputados ontem para o Campeonato do Rio de Janeiro, o Botafogo venceu por 2-0 o Vasco da Gama, proeza que não conseguia há sete anos.

Outros resultados: Portuguesa-Cantorio, 2-1; Madureira-Bom Sucesso, 1-1; Flamengo-América, 3-0.

A classificação geral por pontos perdidos é, agora: Vasco da Gama, 10; Botafogo e Flamengo, 12; Fluminense, 14; América, 16; Bangu, 21; Portuguesa, 22; San Cristóvão, 24; Cantorio, 28; Madureira e Bom Sucesso, 29; Olaria, 31. — (F. P.).

CRIADO PARA A MULHER MODERNA...

Até agora só ao homem era dado o privilégio de usar um relógio automático. Hoje, também a mulher beneficia das realizações revolucionárias das fábricas Eterna que criaram para ela o mais pequeno e mais harmonioso dos relógios automáticos com «rotor» sobre rolamento de esferas. Esta genial descoberta é o fruto de 100 anos de experiência duma fábrica que preside aos grandes destinos da indústria relojoeira. As qualidades do seu Eterna·Matic são excepcionais: asseguram-lhe uma precisão lendária, um regulamento constante, uma garantia suprema e um conjunto de modelos fascinante.

Modelo 01 BR-1401, automático
Em aço inoxidável
Em plaqué ouro 80 mícrons
Em ouro 18 quilates com mostrador de luxo.

Precisão e Prestígio desde 1856

ETERNA·MATIC

O Primeiro Relógio Automático com Rolamento de Esferas

ETERNA S.A., FÁBRICA DE RELÓGIOS DE PRECISÃO, GRENCHEN (SUÍÇA).

O empate em Evora

(Continuação da 1.ª página)

equipas em campo—Lusitano, Benfica e de arbitragem — começaremos pela primeira:

Os Eborenses pareceram impressionados pela categoria do adversário e, desenrolados que foram os primeiros lances, disputados «taco-a-taco», remeteram-se a uma porfiada defesa das suas balizas, escalonando-se por forma a deixarem uma nesga de terreno livre para o remate dos Lisboetas. Falé e Vital, este magistral num punhado de apertadas intervenções, foram os «pivots» do sistema defensivo, muito bem secundados por Paixão, Teotónio, Garcia e Olmedo e ainda frequentemente por Batalha e Quinito. Conseguiram os lusitanistas anular as tentativas feitas pelos «encarnados» para tocarem as malhas eborenses e este é o seu grande mérito, porquanto, como equipa com sentido atacante pouco pôde fazer, pelo que só conseguiu metade do seu objectivo: defender mas sempre bem.

Os «encarnados» não foram felizes em Évora. O seu quinteto atacante viveu uma tarde com bastantes tons cinzentos. Jogou realmente para a vitória das suas cores, chegou mesmo a malbaratar como perdulário enriquecido pelos êxitos anteriores duas autênticas oportunidades de golo feito: a primeira inutilizada por Águas que, isolado em frente das redes eborenses, entregou o esférico com um pequeno toque a Vital no momento colocado no lado oposto á posição do avançado benfiquista; a segunda, quando Mascarenhas, colocado sobre o risco da baliza dos Eborenses impediu que o esférico tocasse as malhas com um remate de Cavem que tinha deixado batido o guardião Vital.

Trocaram de posição os atacantes benfiquistas, mas nem essa experiência trouxe resultados práticos, parecendo-nos até contraproducente, pois Cavém, que até aquele momento fora o mais perigoso rematador «encarnado», deixou-se subverter pela apatia dos companheiros, onde só Coluna foi parecido a si mesmo. Enfim, ao Benfica, que em frente das suas balizas não teve grandes problemas para resolver, faltou-lhe a força, o talento e a sorte para dominar uma defesa adversária que foi sempre animosa e decidida. Coluna e Alfredo foram os elementos mais em evidência na turma benfiquista.

Agora, o trio de arbitragem: o sr. Francisco Guiomar, de Beja, ouviu, certamente, por banda da falange benfiquista o mais ruidoso coro de protestos que ele jamais terá escutado na sua vida desportiva. Na verdade, o director da partida pareceu mais preocupado em assinalar as faltas dos visitantes do que as dos donos do terreno e houve-se, por vezes, com critérios diferentes em faltas idênticas.

Dos seus ajudantes nada temos a assinalar digno de nota.

CÉSAR DE CARVALHO

Jacinto

fala como treinador

O Almada tem uma equipa que está a fazer carreira curiosa no Nacional da 2.ª Divisão. Cem por cento vencedora em casa, com alguns resultados meritórios conseguidos extra-muros, a turma representativa da progressiva colectividade da Outra banda, chama sobre si as atenções gerais.

A' notoriedade do grupo almadense não é estranha a orientação que Jacinto, o antigo elemento do Benfica, lhe imprime. Portanto, nada mais natural do que ouvir o novo técnico sobre as possibilidades do «team».

—Está satisfeito com os seus pupilos?

—Não podia estar mais. A vitória sobre o Atlético só foi possível pela boa vontade de todos.

O apuramento para a fase final está nas suas previsões?

—Embora não seja completamente inviável a nossa entrada na «poule» de apuramento para a primeira divisão, julgo, no entanto, muito difícil a qualificação do Almada.

—Se a sorte ajudar...

—Bem, a sorte é factor preponderante nestas coisas e a verdade é que ela não nos tem geralmente acompanhado nas nossas deslocações.

E Jacinto concluiu:

—Faremos o melhor que pudermos. Os resultados que conseguirmos e a classificação final que registarmos já pertencem ao numero das contingências próprias do Campeonato.

Deixámos o treinador do Almada com a certeza de que é preciso contar com a equipa que ele tão competente e carinhosamente está a dirigir.

FRANCISCO CAMILO

OS FINLANDESES

ganham em pugilismo amador

HELSINQUIA, 8 — No vigésimo sexto Torneio Internacional de Boxe (Amadores), aqui realizado, a Finlandia venceu a Suécia, por 8-2. Esta é a 12.ª vez consecutiva que a Finlandia ganha o torneio. A ultima vez que os Suecos venceram foi em 1946. — (A. N. I.).

AS ESPERANÇAS DO ATLÉTICO — Eis a actual equipa do Atlético que está a disputar o campeonato regional de basquetebol. Toda ela é constituida por jovens, grandes esperanças, que lutam denodadamente por uma boa classificação

«Goleada» entre «leões»

(Continuação da 1.ª página)

a equipa «iconina» não jogou, ontem, aquilo que pode. Fez um jogo demasiado pobre para um resultado tão rico...

Se o objectivo principal de um desafio de futebol é a marcação de golos e fazê-los vale mais do que a essência do jogo — como já lemos algures — o Sporting deve estar, plenamente, satisfeito com o desfecho do encontro de Alvalade.

Não deve esquecer, porém, que raros são os adversários que defronta no campeonato com as características dos Covilhanenses. Uma equipa que, não obstante a inferioridade técnica em relação ao opositor, não foi para o campo animada do propósito de se defender... sem pensar no ataque.

Longe disso. O Covilhã fez o seu jogo, sem tácticas defensivas, atacando sempre que pôde e só se defendendo quando a isso foi obrigado.

No caso do encontro de Alvalade, mesmo abstraindo o começo cinzento da exibição dos «leões» nunca a equipa acertou o passo para se lhe creditar mérito na exibição.

* * *

Motivado, certamente, pelas lesões de Coimbra, o Sporting apresentou profundas alterações na formação da sua equipa.

O «velho» Travaços fez mais um reaparecimento — e, apesar de não jogar há muito tempo, foi o melhor homem da sua equipa.

Pela ordem de mérito de actuação seguiram-se a Travaços: Julius, Pérides (outro reaparecido), Hugo e Galaz.

O jovem guarda-redes Alves Pereira não teve muito trabalho. De pequena estatura e tornando difícil algumas intervenções fáceis — não parece, ainda, a altura de dar sossego aos seus companheiros do reduto defensivo.

O Sporting da Covilhã que — repetimos — não jogou deliberadamente á defesa, esteve mais vezes em apuro do que os Lisboetas.

É que o seu quinteto atacante, com Suarez muito complicado, não teve força para entrar na defesa contrária. Apenas Manteigueiro (muito bem na 1.ª parte) e Cabrita se mostraram capazes de estabelecer perigo em frente das balizas dos «leões».

No sector defensivo todos os Covilhanenses se mostraram á altura, excepto no derradeiro minuto da partida em que um certo adormecimento permitiu ao Sporting a marcação dos dois ultimos golos.

Dos dois guarda-redes apresentados, Rita esteve melhor do que Garcia.

Clemente Henriques fez uma boa arbitragem.

HENRIQUE PARREIRÃO

«Regionais» de futebol

os jogos de ontem

Prosseguiram ontem os campeonatos regionais da 1.ª Divisão, que como se sabe qualificam para o «Nacional» da 3.ª Divisão. Eis um rápido balanço da jornada:

AVEIRO — O Beira Mar continua a robustecer a posição de guia. Ontem, em Aveiro, venceu a Ovarense por 1-0. O Feirense foi o unico que venceu fora de casa: 2-1 ao União de Lamas. Outros resultados: Pejão, 2-Lusitania, 1; Águeda, 6-Vista Alegre, 1; Cesarense, 2-Arrifanense, 2.

BEJA — Moura, 1-Ferreirense, 0; S. Domingos, 3-Despertar, 0. Ao cabo da 7.ª jornada, o S. Domingos está bem colocado para ganhar o torneio.

BRAGA — 10.ª jornada: Cabeceirense, 4-Taipas, 4; Monção, 1-Limianos, 1; Esposende, 1-Arcos, 1; Fafe, 5-Famalicão, 3. Os Fafenses continuam no comando da prova.

BRAGANÇA — Macedo de Cavaleiros, 1-Mirandela, 2. O Desportivo de Bragança, que não jogou, tem probabilidades de conquistar o 1.º lugar.

CASTELO BRANCO — 7.ª jornada: Minas, 0-Castelo Branco, 3; Ceboense, 1-Idanhense, 1. O Covilhanense desistiu. Mau sintoma. Os Albicastrenses podem considerar-se vencedores da competição.

COIMBRA — 10.ª jornada: Ginásio, 2-Lousanense, 3; Marialvas, 6-Sourense, 0; Calhabé, 0-Naval, 5; Norte e Soure, 1-União, 6. O União e Naval estão virtualmente qualificados.

ÉVORA — Disputa-se hoje o encontro União de Montemor-S. L. Évora.

FARO — 7.ª jornada: Unidos Sambrasense, 1-Louletano, 1; Silves, 3 Esperança, 0; Lusitano, 8-Desportivo Sambrasense, 0. O Lusitano distanciou-se do Louletano, no posto de guia.

GUARDA — 2.ª jornada: Gouveenses, 0-Sporting de Gouveia, 4.

LEIRIA — 6.ª jornada: Marrazes, 2-Mirense, 2; Valado, 0-Alcobaça, 3; Nazarenos, 0-Ateneu, 0. Os Alcobacenses encontram-se bem colocados na tabela da classificação.

PORTALEGRE — 2.ª jornada: Estrela, 0-«O Elvas», 1.

PORTO — 13.ª jornada: Varzim, 1-Paredes, 1; Aves, 1-Vilanovense, 1; Castelo da Maia, 4-Rio Ave, 1; Penafiel, 1-Leça, 1; Avintes, 0-Académico, 0. Os favoritos da prova registaram empates.

SANTARÉM — 13.ª jornada: Torres Novas, 6-União de Tomar, 2; Alferrarede, 4-Alcanenense, 2; União Operária, 2-Benavente, 2; Tramagal, 2-Ferroviários, 2; «Os Leões», 4-Almeirim, 0. Os Torrejanos continuam em boa marcha para a conquista do 1.º lugar.

SETUBAL — 13.ª jornada: Amora, 2-Seixal, 2; Costa da Caparica, 2-Sesimbra, 0; Piedade, 4-Santantoniense, 0; Luso, 1-Ginásio do Sul, 0; Moitense, 7-Palmelense, 0. Os Piedenses, porque o Amora empatou, rebusteceram a posição de «leaders».

VISEU — 12.ª jornada: Mortágua, 1-Carregal do Sal, 0; Mangualde, 4-Santacombadense, 1; Académico, 11-Nelas, 0. O encontro Tondela-Lusitano, quando este ganhava por 1-0, foi suspenso pelo árbitro devido ao incorrecto comportamento de vários elementos. O Académico é o guia destacado.

LUTA GRECO-ROMANA

Já estão constituidas

as equipas lisboeta e espanhola *que se defrontam* no dia 16

Encontra-se marcado para o próximo dia 16, no Coliseu dos Recreios, o encontro internacional de luta greco-romana, entre as equipas de Lisboa e do Norte de Espanha, esta ultima reforçada por três lutadores madrilenos. Com estes reforços, trata-se práticamente da representação nacional de Espanha.

No encontro recentemente efectuado em Bilbau, os Espanhois sairam vencedores, por 5-2. Os Lisboetas, nesta retribuição, esperam rectificar o resultado, demasiado pesado para o valor dos dois conjuntos, mas que se filia em vários factores, para obviar aos quais, dentro do plano de preparação para a sessão do próximo dia 16, foram convocados Cesar Gomes, que faz a sua estreia internacional, e Bernardes Silva, que tem muitas possibilidades, sendo considerado um dos melhores lutadores portugueses de todos os tempos.

*

Tanto o conjunto lisboeta, como a representação espanhola, já estão escolhidos e deles fazem parte, os seguintes lutadores:

Minimos — Julio Neves, do Benfica, contra o madrileno Campos.

Levissimos — Alfredo de Oliveira, do Benfica, contra o valenciano Cañete.

Meios-leves — Orlando Gonçalves, do Benfica, contra o bilbaino Pascoal.

Leves — José Manuel Veiga Pinheiro, do Lisboa Ginásio, contra o valenciano Velis.

Meios-médios — Cesar Gomes, do Benfica, contra o bilbaino Cuetos.

Médios — Luís Caldas, do Ginásio Clube Português, contra o bilbaino San Ildefonso.

Meios-pesados — Bernardes Silva, do Ateneu, contra o madrileno Lopez Rojo.

*

A completar o programa, efectuar-se-ão três combates de boxe e demonstrações de judo.

TIRO AO ARCO

A taça «Apolo» foi ganha pelo Lisboa Ginásio Clube

O Carnide Clube, que ao tiro ao arco dedica o melhor da sua atenção, incluiu no programa das festas comemorativas do seu aniversário uma prova dotada com a «Taça Apolo—958», que decorreu no Estádio Nacional com muito interesse.

Na classificação individual a ordem foi a seguinte: 1.º Artur dos Santos (L. G. C.), 759 pontos; 2.º, Joaquim Sales Gomes (L. G. C.), 723 p.; 3.º, António Jorge Gomes (Spt.), 715 p.

Os representantes do Carnide Clube classificaram-se: 9., Armindo Nuno, 635 pontos; 12.º, Jordão, 554 p.; 16.º, Artur Costa, 397 p.; 17.º, Pádua, 359 pontos.

Por equipas: 1.º, Lisboa Ginásio Clube, 2.821 p.; 2.º, Benfica, 2.636 p.; 3.º, Carnide Clube, 2.103 p.

Um «ás» do automobilismo

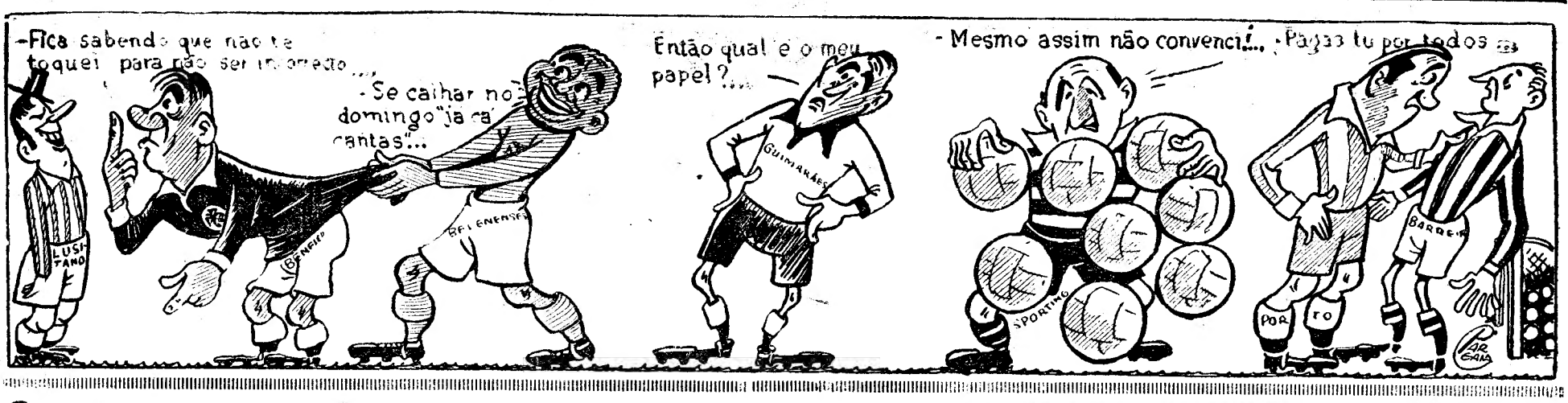
espicaçado pela indecisão

LONDRES, 8. — Todos os redactores desportivos dos diários londrinos publicam a notícia da decisão atribuída a Mike Hawthorn no sentido de abandonar as corridas de automóveis, decisão que, parece, devia ser anunciada na sexta-feira passada, no jantar anual do Clube dos Condutores Britanicos. Mas Mike mudou de ideias e disse aos amigos que o anuncio da sua retirada das competições automóveis seria feito «dentro de dias». As razões da decisão do campeão do Mundo relacionar-se-iam de perto com a trágica morte do seu amigo Peter Collins, e com o seu futuro casamento.

Consta, por outro lado, em Londres que Hawthorn não abandonaria completamente o volante: participaria de tempos a tempos em «rallyes» ou corridas para carros de desporto.—(F.P.).

Uma vitória de Martin

MARSELHA, 8 — O pugilista francês dos «meios-leves», Antoine Martin, derrotou, aos pontos, o espanhol Jo Crespo, num combate de dez assaltos hoje realizado nesta cidade. — (A. N. I.).



Quando principiará a preparação

das selecções nacionais de ginástica?

Apesar de progressivo, o nivel técnico da ginástica desportiva portuguesa, por razões quase todas do domínio publico, é ainda muito baixo. Alguns jovens ginastas têm revelado ultimamente recursos que nos obrigam a acreditar no seu bom futuro e, por consequência, na melhoria global da modalidade.

E' preciso, no entanto, considerar que não só aos ginastas cabe a responsabilidade do seu progresso. A competência e o entusiasmo dos treinadores e a orientação e a sensatez dos dirigentes são factores também essenciais. E que dizer do organismo que tem a seu cargo o «contrôle» da trilogia atleta-treinador-clube, a responsabilidade do «todo» da ginástica de competição, a implantação dos sistemas e das directrizes que tenham por objectivo a ambicionada melhoria?... Se é verdade que á Federação — a que nos referimos — nunca foram proporcionados meios suficientes para o cumprimento integral dos seus deveres, embora por vezes ela nos dê a sugestão de pouco fazer para os conseguir, não é menos certo de que se torna urgentissimo um esforço tenaz e entusiástico, apoiado sem reservas nem desconfiança pelos clubes, treinadores e praticantes, no sentido de revigorar um maravilhoso desporto, frequentemente vitima entre nós de crises de apatia.

E' necessário, em absoluto, que a acção federativa não se limite á organização dos campeonatos nacionais, mas que promova e estimula a realização de outros torneios e que procure manter um regular contacto com o estrangeiro, entre técnicos e ginastas, sem o qual — conceito estafado — não é possivel avaliar do grau de aptidão da ginástica competitiva portuguesa.

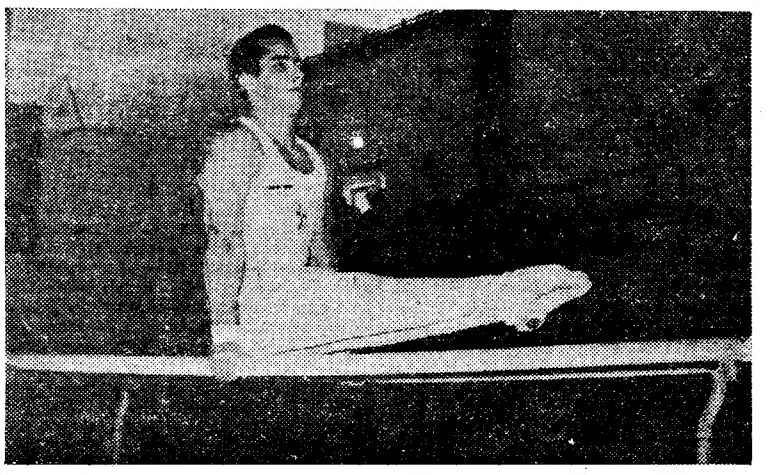
A F. P. G. anunciou já o feliz propósito de contacto internacional! Há largas probabilidades de competições masculinas e femininas com a Espanha e a hipótese, se o confronto peninsular não se der, de intercambio com outro país, de preferência a Bélgica, cujo nivel é semelhante ao nosso. Por outro lado, haverão, no ano que dentro de dias vai principiar, em Capenhague, o Campeonato da Europa e em 1960, os Jogos Olímpicos de Roma. E' compreensivel, diriamos imperiosa, a intenção da ginástica portuguesa se fazer representar nestas duas grandiosas manifestações, não esquecendo o muito digno comportamento dos nossos atletas na ultima competição internacional em que participaram (Campeonato da Europa de 1957 — Paris).

Perante isto, torna-se evidente o atraso da preparação das equipas nacionais, mesmo que se afirme que os prováveis seleccionados estão trabalhando nos seus clubes. Essa preparação imprescindivel ainda não começou e ignora-se quando principiará. Vive-se numa atmosfera de expectativa negativa. A nosso ver, porém, não seria dificil, com a compreensão e a sincera vontade de todos, pôr em prática, desde já, um plano de treinos eficiente, se desenvolvido com disciplina, entusiasmo e persistência.

Porque não convocar imediatamente ginastas como Joaquim Granger, Manuel Prazeres, Raul Martins, Vidal Drago e Carlos Trindade, do Lisboa Ginásio; Armando Barrento, Hermenegildo Candeias, Carlos Abreu Luís Queirós e Jorge Aragão, do Ginásio Clube Português; Adelino Barbosa, do Sport do Porto; e Mário Tchen, do Benfica; Helena Costa, Laura Amorim, Helena Vilalva e Ivone Cadete, do Ginásio Clube Português; Elisa Nunes, Esbela da Fonseca, Helena Cunha, Teresa Seixas e Ramira Marques, do Lisboa Ginásio; Isabel de Castro, do Algés; e Ivone Palma, do Sporting — uns já experientes, outros de possibilidades reveladas e alguns de vocação de raro índice — independentemente de elementos que fossem demonstrando boa capacidade, e reuni-los periódicamente, sob o comando de técnicos ao serviço da Federação?

Para já, a convocação teria a utilidade de saber-se com quem contar para a dificil e sobrecarregada campanha internacional que se avizinha; quem estaria disposto a trabalhar verdadeiramente pelo seu desporto e a respeitar um rigido programa de preparação, já que não interessa considerar elementos que não ofereçam a garantia de total e franca colaboração, sem complexos de qualquer género ou interesses contrários á ideia colectiva. Depois, trabalho! Muito trabalho!

CESAR FAUSTINO



O portuense Adelino Barbosa, que a gravura nos apresenta a trabalhar em paralelas, e já um dos melhores ginastas portugueses, com justas pretensões a um lugar nas próximas equipas nacionais

Conselhos úteis

A A. F. L., prosseguindo na sua louvável campanha disciplinadora, lembra que FUTEBOL SEM CORRECÇÃO NÃO É DESPORTO e aconselha os jogadores «a maior compostura no campo, em qualquer situação: vencedores ou vencidos», e ao publico, «que medite quanto é dificil a tarefa do árbitro: ter de observar, julgar e decidir em escassos segundos».

O APRUMO E O DESPORTO DEVEM ANDAR DE MÃOS DADAS.

EM TORRES VEDRAS

Sem poder de ataque não se ganham jogos...

Uma imagem do campo das Covas, onde não aparece público. Dois jogadores, porém, disputam a bola com invulgar energia

Por **ISAAC PAIS**

Um facto ontem ocorrido no campo das Covas chamou particularmente a nossa atenção, intrigando-nos até final do encontro, sem que encontrassemos para ele uma expiicação susceptivel de o justificar.

Regressando do descanso com a desvantagem de um golo, o Torriense lançou-se no segundo tempo numa ofensiva porfiada, enérgica, sem primores de técnica é certo, mas com garra, com nervos. E, aos 8 minutos, estava feito o empate.

O Braga estava, na altura, acusando dificuldades ante a avalanche do ataque adversário, embora os homens do reduto defensivo «minhoto» se mostrassem decididos e generosos na luta, o que não impedia, no entanto, que Cesário estivesse mais em acção ou que o perigo rondasse com mais frequência a sua baliza.

Simplesmente, com a determinação atacante do Torriense, a equipa visitante retraiu-se, a sua manobra deixou de ter a clareza que antes evidenciara, provocando natural quebra de rendimento global.

A simples verificação deste facto justificaria que, obtido o empate, o Torriense insistisse na toada decididamente ofensiva que vinha desenvolvendo.

Mas, a verdade é que seguiu-se um período, embora pequeno, em que os locais pareceram deslumbrados com o feito, dando ao mesmo tempo a sensação de estarem satisfeitos com tão magro resultado.

Num lapso de tempo, os «Bracarenses» tiveram tempo de assentar no melhor processo e adoptar para o resto do encontro, sem se preocuparem com o que o adversário fazia daí por diante: defesa cautelosa, com o recuo dos médios compensado pela posição atrasada de Fernando Mendonça e José Maria Matos, deixando a Ferreirinha, Teixeira e Amoedo a incumbência do contra-ataque.

Passado que foi aquele período de «choque eufórico», o Torriense voltou á ofensiva mas — e aqui reside, afinal, a razão de ser da nossa estranheza — fazendo recuar o seu melhor avançado, aquele que até então dera mostras de melhor sentido atacante e maiores possibilidades de perfurar a defesa de Braga: o extremo Bezerra.

*

Na primeira parte, foi evidente a melhor disposição da equipa de Braga, a despeito do péssimo estado do terreno, excessivamente lamacento.

Todavia, os visitantes adoptando o passe largo e os lançamentos em profundidade pela faixa central do terreno, tornearam o obstáculo, embora á custa do sacrifício da toada habitual do «onze».

*

O empate aceita-se como o desfecho mais certo, premiando a melhor técnica dos visitantes e a vontade e o esforço dos locais.

Arbitragem certa, do sr. Isidro Fragoso, de Santarém, mal auxiliado, no entanto.

No Torriense, Bernardes o melhor seguido de António Manuel, Helder, J. da Costa e Bezerra.

No Braga distinguiram-se Calheiros, Narciso, Amador, Ferreirinha e Fernando Mendonça.

RAGUEBI

Nada de novo, por enquanto

A segunda jornada do Torneio de Abertura não trouxe nada de novo. Até mesmo no que respeita a arbitragens, a situação mantém-se. E é pena, uma vez que sem árbitros a modalidade não pode progredir. Para os quatro jogos de ontem, apenas apareceram dois (!) dos árbitros nomeados.

A partida, jogada entre o C. I. F. e o Sporting A, foi a mais interessante. Disputaram-na dois «quinzes» em que abunda, agora, a juventude e o desejo de voltarem a alcançar uma posição destacada no raguebi. Sem grandes primores técnico-tácticos o encontro caracterizou-se, sobretudo, pelo equilibrio. O empate final foi o melhor prémio para qualquer dos contendores.

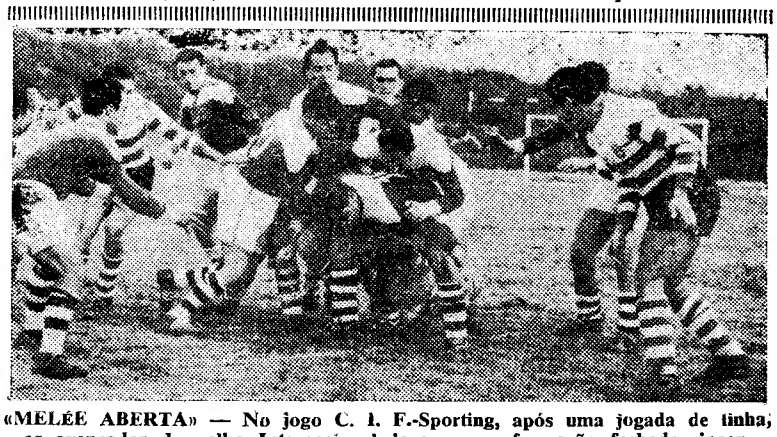
O jogo do Restelo, entre Direito e o grupo secundário do Belenenses não teve história. Os visitantes dispondo de um grupo mais experiente e estruturado comandaram quase sempre o jogo, a despeito da voluntaridade e energia dos seus opositores. Anote-se, todavia, que a equipa de Direito não fez grande exibição, apesar das facilidades encontradas. Está ainda longe, do seu melhor.

O Benfica B, que de «B» só tem a letra, não revelou grande força ante a frágil formação secundária dos «leões». Venceu, naturalmente, mas esteve longe de corresponder ao que deve exigir-se de uma equipa com tradições. De assinalar o magnifico desportivismo dos vencidos que pecam por demasiada ingenuidade.

No Estádio Universitário, a nóvel equipa de Agronomia resistiu admirávelmente á consagrada equipa de «honra» do Belenenses. Amparados na experiência de Espírito Santo, Nelson, Brochado e Azevedo Gomes, os restantes jogadores lutaram com extraordinário apego á luta, matando á nascença as tentativas de ataque do adversário. Foltou aos «agrónomos» bagagem técnico e poder construtivo para surpreender os campeões.

O Belenenses parece-nos que começa a acusar a veterania da maioria dos seus elementos, que se deixam surpreender quando têm de enfrentar adversários fogosos e duros. A vitória de ontem foi devida á experiência e coesão da equipa, armas com que ainda conta.

S. M.



«MELÉE ABERTA» — No jogo C. I. F.-Sporting, após uma jogada de linha, os avançados do velho Internacional jogam uma formação fechada, incorrectamente executada